

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Venceslau de Moraes  
*Paisagens da China e do Japão*



Iba Mendes  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Venceslau de Moraes

## *Paisagens da China e do Japão*

---

Publicado originalmente em 1906.

**Venceslau José de Sousa de Moraes  
(1854-1929)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 691**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2015  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do escritor português Venceslau de Moraes: “*Paisagens da China e do Japão*”.

É isso!

*Iba Mendes*  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# ÍNDICE

Dedicatória.....	1
As Borboletas.....	2
A Alforreca.....	5
O Ano Novo.....	9
A Primavera.....	13
Nilguyo.....	21
O Cavalo Branco de Nanko.....	26
A Primeira Formiga.....	32
Os Diabos e os Velhos.....	37
Pau-Man-Chen.....	40
A Caricatura no Japão.....	44
Dois Cemitérios Japoneses.....	54
O Espelho de Matsuyama.....	61
Amores... ..	65
Um Pintor de Gatos.....	68
Impressões Rápidas.....	72
Isumboshi.....	84
O Pescador Urashima.....	90

## PAISAGENS DA CHINA E DO JAPÃO



*A Camilo Pessanha e João Vasco*

*Nos baldões da vida boêmia , na confusa sucessão dos dias e das cenas, acontece que os fatos, as coisas, os indivíduos, invocados pela pobre memória exausta, vão perdendo pouco a pouco as suas qualidades intensivas, as suas cores, os seus contornos, a sua feição própria, emancipando-se do real, como uma página de aquarela desmerece, solta e perdida no espaço e voando com as brisas; diluindo-se por fim numa emoção genérica, vaga, indefinível, — a saudade. — A essas duas grandes saudades, Camilo Pessanha e João Vasco, dedico hoje este livro.*

*Kobe, 10 de Abril de 1901.  
Venceslau de Moraes.*

# AS BORBOLETAS

A J. MOREIRA DE SÁ

A lenda das borboletas.

São tão lindas, as borboletas! Quem as vê, que não lhes queira? aí vagabundando pelo azul dos campos, rasando as corolas frescas, amando-se, beijando-se, libertas da larva abjeta, como almas de amantes despidas da miséria terreal, a viajarem no infinito... São tão lindas, as borboletas!...

Mas na China são talvez mais lindas do que todas. É um deslumbramento surpreendê-las na quietação dos bosques, voejando aos pares, que se tocam, que se abraçam, e enfiando pelas sombras misteriosas dos bambuais, com as suas longas asas palpitantes, lanceoladas, em matizes maravilhosos, de negros aveludados, de azuis meigos, de amarelos quentes, como se as loucas vestissem cabaias de cetim, de sedas de alto preço...

Choc-In-Toi, a deliciosa Choc-In-Toi, habitava, há longos séculos, uma pacífica aldeia do Yang-tsze-kiang, não longe do lugar que hoje se diz Xangai. Como fosse muito dada a estudos literários e as escolas do seu sexo não lhe satisfizessem a ambição, conseguiu que seus pais lhe permitissem o disfarçar-se em homem, e assim abalou, a ir frequentar a mais famosa universidade do império. Volveu ao lar após três anos; volveu tão pura como fora; da sua inocência há provas irrecusáveis. Para não divagar muito nestas páginas, basta dizer a quem me queira ouvir, que um lenço de seda branca, que ela enterrara na lama em presença duma sua cunhada predisposta a vaticinar-lhe rudes lances, foi depois tirado sem uma só mancha e sem um só farpão, branco, puro, como a alma da donzela; e basta saber que as flores da sua preferência, que ela deixara no jardim, rogando aos deuses que as conservassem frescas como ela, assim se conservaram durante a longa ausência, embora, como consta, a cunhada as fosse regando com água quente tirada da chaleira.

Durante os três anos de seu estudo, um companheiro, por nome Leun-San-Pac, intimamente se lhe afeiçoou. Era o seu camarada inseparável, o seu irmão; dormindo juntos, conversando juntos, estudando juntos, divagando, sonhando; e o lorpa do mocinho nunca se apercebeu que tinha a seu lado uma mulher.

Quando soou a hora das despedidas, cortava o coração ver o rapaz, lamentando o futuro isolamento, a perda dum amigo como aquele. A moça consolava-o. A moça pousava-lhe nos ombros as suas mãos gentis, e exortava-o a que se enchesse de

coragem, a que se entregasse ao amor do estudo, até alcançar um alto grau de sapiência. — “E depois, dizia-lhe ela entre soluços, e depois, se com saudade te recordares ainda de mim, abala, vem ver-me à minha aldeia.” — E dava-lhe indicações precisas do lugar. Despediram-se, entre choros.

A donzela esperou, esperou, esperou, — quem poderá descrever esse tormento? guardando da família o seu segredo; e o moço não aparecia. Segundo os usos do país, os pais destinaram-lhe um marido; e ela, a desolada, escrava da obediência filial, obediência cega, indiscutível, que é a base da vida inteira moral do povo china, inclinou-se, aceitou, sem que uma só queixa proferisse.

Três dias decorridos depois do contrato nupcial, eis que chega à aldeia o pobre Leun-San-Pac; pobre, porque a desventura se lhe acerca; mas rico de erudição, de uma alma culta, e ocupando um lugar proeminente. Encontra o seu amigo, encontra o seu irmão; mas agora sem disfarces, na graça plena dos seus enlevos femininos, na gentil elegância das vestes que lhe são próprias, e com grinaldas de flores na trança negra. De começo, este enigma, pouco a pouco explicado, confunde-o, desnorteia-o; mas tudo se aclara; da amizade ao amor o salto é rápido. Oh! ele ama-a agora, ele ama-a de todas as forças do seu ser; e no olhar de fogo transluzem mil mistérios de adorações e de desejos!... É tarde. A palavra dada ao feliz noivo não se quebra. Os velhos pais prezam mais do que tudo, a própria honra.

Ele parte; ele parte para um lugar vizinho, louco, com a alma embebida no fel dos desesperos. É ainda ela, a doce pomba obediente, que tenta consolá-lo. Ela escreve-lhe; ela diz-lhe que a vida não é eterna; que a piedade filial arrasta-a a um consórcio que só lhe vaticina dores e prantos; mas que as almas são livres, emigram duns corpos para outros; encarnam-se noutros seres; que ele sossegue, aguarde outra existência, para a qual ela lhe jura será a sua companheira, toda fidelidade e toda amor. Leun-San-Pac lê, faz um bolo dessa carta, onde tão demoradamente pousara a mão da sua bela, e engole-o, e sufoca-se com ele, e exala assim na solidão o último suspiro. Um pouco além, sobre a montanha, se lhe elevou a sepultura.

Soam bátegas festivas, estalejam nos ares fogos de gala, de alegria; e pela longa estrada em ziguezague, bordada aqui e ali de bambus e bananeiras, doirada pelo sol do meio-dia, serpeia em rutilantes teorias o monumental cortejo do noivado, caminho do lar feliz.

O estilo de há mil anos é o mesmo estilo de hoje. São os grandes balões, os estandartes, conduzidos por moços vestidos de vermelho. São os enxovais primorosos, as cabaias, a coleção dos sapatinhos, tudo disposto nas liteiras

luzentes dos esmaltes. São as colossais peças de doçaria, castelos de açúcar, dragões de açúcar, coisas espantosas. São os porcos assados, louros, deliciosos, espalmados sobre os tabuleiros, com laços de fita nos focinhos. São as orquestras estridentes, de flautas, de rebecas. São as crianças ataviadas em cetins, em alegorias de cenas de outros tempos, cavalgando alimárias pachorrentas. É finalmente a liteira da noiva, toda ela ouros, toda ela esmaltes, fechada como um cofre, furtando à vista dos curiosos o precioso fardo, Choc-In-Toi.

A noiva solicita do cortejo um curto desvio na sua marcha. A noiva, antes de entrar no lar e de ser esposa e escrava, quer abeirar-se, além, daquela sepultura esquecida na montanha, e orar junto dos restos do que morreu por ela. Quem lhe recusaria tal licença? Ei-la que desce da liteira, nas suas cabaias deslumbrantes; e ei-la que se prostra, ei-la que beija a terra...

A terra abre-se então, carinhosa, mãe; a terra traga-a, chama-a a si, chama-a para junto dos ossos do seu querido. A comitiva pasma do milagre. As mãos avançam a detê-la; mas só logram colher um pedaço do vestido, que se rasga, e é tudo... O pedaço de seda, de mil matizes, transforma-se de súbito numa borboleta de mil cores, que voa das mãos rudes, e desaparece no azul, desaparece!... É desde aquela época que há borboletas neste mundo, tão lindas, tão cheias de matizes!...

Eu não lhes estou contando uma mentira, meus amigos. Ainda hoje se vê a sepultura, esboroada pelos séculos, daqueles amorosos. E as esposas desprezadas além vão em romaria, e daquela terra bendita se suprem às mãos cheias, e dela provam, e disfarçada com o arroz a ministram aos maridos. Consta que o estranho tempero, aquela terra, que em alguma coisa participa da essência dos amantes que ali jazem para sempre, tem virtude consigo, e é sempre eficaz em trazer ao bom caminho os mariolas, os maridos.



# A ALFORRECA

A HENRIQUE CARVALHOSA

Fala a lenda japonesa.

Antigamente — e quem sabe se ainda hoje! — no seio do oceano era o reino faustoso dos dragões. Por longos anos, o senhor deste reino, o dragão real, viveu celibatário, numa existência descuidosa; e sabem só os deuses, e não nós, quantas noites de dissipação, em companhia de tartarugas e lagostas ligeiras de costumes, que lhe cantavam trovas ao som do *shamicen* e lhe iam servindo *saké* em ricas taças, quantas noites ele passou em travessas intimidades amorosas!...

Verdões, que passam breve. Um belo dia, resolveu casar-se, o bom soberano. A noiva escolhida foi uma jovem dragoazita, dezesseis anos apenas, adorável, digna pelos seus mil encantos de ser a consorte feliz de tal senhor. Esplêndidas foram as bodas por essa ocasião, segundo consta: sem já falar na corte íntima, toda a bicharia aquática, peixes, mariscos, moluscos, todos vieram processionalmente, em cardumes, em belos *kimonos* de sedas encarnadas, oferecer seus respeitos e presentes; e foram, durante longos dias, estupendos rega-bofes, em danças, em músicas, em banquetes...

Mas nem os dragões escapam às duras provações da existência! Ainda bem um mês se não passara, quando a augusta soberana caiu doente; e tais cuidados inspirou desde logo o seu estado, que era uma lástima observar as trombas compungidas dos fidalgos, comentando baixinho, em lamentações do seu ofício, o triste caso. Reuniram-se os doutores em conferência; falaram muito, discutiram muito, sem chegarem a acordo, como sempre sucede; consultaram-se abalizados alfarrábios de terapêutica; as barbatanas incansáveis rabiscaram um milhão de receitas milagrosas, e todas as tisanas se serviram. Baldado intento; a soberana extinguiu-se; e afinal os focinhos dos sábios, num trejeito de piedade e desengano, tiveram de ser francos, de declarar que a ciência — já naquela época se enchia a boca com a *ciência* — que a ciência nada mais podia fazer, e que um angustioso desfecho era de esperar-se.

Do seu leito de enferma, de entre os *futon*, as fofas colchas de cetim, agita as trêmulas patinhas a rainha; chama junto de si o esposo, e diz-lhe estas palavras ao ouvido: — “Uma só coisa me salvará: arranquem o fígado a um macaco vivo, e consintam que o devore; recuperarei a saúde...” — O rei não pode reprimir um gesto de surpresa, quase de enfado, e todo se lhe eriçou o bigode façanhudo: — “Um fígado de macaco! estás louca, minha querida!...” — Ela prontamente

retrucou: — “Louca, porquê? Vossa majestade esquece porventura, que nós, o grande povo dos dragões, no mar vivemos sempre; enquanto que os macacos, muito longe daqui, vivem na terra, nos bosques, entre as árvores, nutrindo-se de frutos... No fígado do mono alguma coisa virá que participe desse mundo, tão diverso, tão outro; e essa partícula estranha, senhor, me salvaria!...” — E a rainha, a quem as lágrimas acodem, prossegue num tom repreensivo e lastimoso: — “Uma insignificância, um nada, pedi, e esse nada vossa majestade me recusa. Julgava merecer-lhe mais afetos. Dispa-me destas pompas de soberana, não as quero; dê a coroa a outra esposa, mais digna, mais formosa; consinta que volte ao ninho carinhoso de meus pais...” — A voz sufoca-se em soluços, não pode mais proferir uma só queixa...

O rei dos dragões não queria passar, entre damas, por um dragão cruel; por demais conhecia ele os caprichos pueris do sexo frágil, mas perdoava-os complacentemente, por sistema; e sobretudo adorava a esposa, cujas lágrimas desejaria poupar a todo o transe. Satisfaça-se pois o capricho da rainha. Mandou chamar a sua escrava mais fiel e dedicada, a alforreca, e disse-lhe o seguinte: — “Vou dar-te uma espinhosa tarefa, minha velha, mas confio na tua dedicação nunca mentida; preciso que empreendas uma longa viagem, que nades até junto da terra, e ali convenças um macaco a vir contigo a estes meus reinos; fala-lhe, para o resolveres, da mágica beleza destes sítios, tão diferentes dos seus, e da gentileza destes meus súbditos felizes; mas o que eu realmente quero neste caso, é que se arranque o fígado das entranhas de tal mono, e se sirva como medicamento à tua jovem ama, que, como decerto sabes, se acha em perigo de vida, a desditosa.”

Lá vai, oceano fora, vento em popa, a alforreca, emissária obediente e ufana do encargo. Por aqueles tempos, a alforreca, como qualquer bicho das águas, era um animal gracioso, de contornos esbeltos, com cabecinha, com olhinhos, com mãozinhas, e com a competente cauda titilante; e ficava-lhe tão bem o fato de marujo!... Lá vai, oceano fora, olhar sereno e cogitador, rompendo a vigorosas braçadas a onda fria. Não tarda muito a abeirar-se do país onde vivem os macacos; por felicidade, um além está, um lindo mono, saltando de ramo em ramo, dependurando-se das árvores que enraízam nos penedos e se debruçam sobre o mar. — “Bons dias, senhor macaco. Eu venho aqui expressamente para falar-lhe dum país longínquo, muito mais belo do que o seu; é ele situado além das ondas e conhecido pelo reino dos dragões; ali, não há estações, é eterna a amenidade do clima; ali, nas copas das árvores repolhudas, constantemente amanhecem aveludados frutos saborosos, é colhê-los, não há outra tarefa; para cúmulo do conforto, essas criaturas malfazejas, homens chamados, não pisam tais paragens. Se lhe agrada vir comigo, eu serei o seu guia; não tem mais que fazer do que saltar desse tronco para cima do meu lombo...” O macaco achou gracioso isso de ir ver

novos países. Vá lá mais esta extravagância à conta da boêmia simiesca. — “Ao largo, amiga!” — E lá foram os dois; porém, a meia travessia, pensou tardiamente o mono na temeridade do seu feito, expondo-se assim ao arbítrio dum estrangeiro, e abandonando a sua pátria. Decidiu-se enfim a perguntar: — “Que pensa você que vão fazer de mim na sua terra?” — A alforreca deveria agora ser discreta, encapotar as respostas em evasivas; mas ouçam lá o que ela deu em troco: — “Eu lhe digo: meu amo, rei dos dragões, ordena ao senhor macaco que arranque o próprio fígado, o qual vai ser servido à nossa soberana, hoje enferma, e salvá-la da morte.” — Então o mono, guardando para si os comentários que o caso sugeria, disse cortesmente, que era para ele uma alta honra e um inesperado prazer, o assim tornar-se útil a sua majestade; acrescentou, porém, que agora se lembrava de ter deixado o fígado dependurado num tronco de árvore, aquele mesmo castanheiro donde saltara para as costas da alforreca. Continuou discursando em linguagem fluente, de orador emérito, descendo a explicações minuciosas; e explicou como o fígado era uma coisa bastante pesada, embaraçosa, um quase alforje de peregrino, um empecilho que ele costumava pôr de parte, durante o dia, para se entregar mais à vontade aos seus exercícios de acrobata; hábitos de família, já seu avô fazia o mesmo; e concluiu, que o melhor que tinham a fazer neste momento, era voltarem para trás, e na árvore encontrariam o fígado em questão.

Não pôs objeções a nadadora. Voltando à terra, o macaco saltou ao castanheiro com uma ligeireza nunca vista, nem mesmo entre macacos, acompanhando o pulo dum alegre careta e dum gesto que traduzia o júbilo do bestunto, coisa que passou estranha à alforreca. Procurou entre as folhas o seu fígado. Não o encontrou. Explicou então do alto, à alforreca, que provavelmente algum companheiro o levara para longe, o que o obrigava a mais demoradas pesquisas pelo bosque; no entretanto que fosse ela contar o caso ao seu senhor, que devia estar ansioso por vê-la chegar antes da noite.

Assim procedeu o bicho.

El-rei, que a esperava, e que a escudou, enraivecido por tamanha ingenuidade — para não lhe chamar coisa mais feia, — mandou logo vir da maladia um bando dos seus mais soberbos *samurais*, e ordenou-lhes que malhassem no bicho à pancada, até cansarem. O castigo foi cumprido, e com esse vigor de braços de vilões, que miram aos aplausos do monarca. É esta a razão porque a alforreca, hoje em dia, não tem pernas, nem cabeça, nem cauda, nem barbatanas: tanta pancada levou, que ficou reduzida a esta miséria, massa informe, um farrapo, um pedaço de gelatina, boiando desprezivelmente à mercê do turbilhão das vagas.

Com respeito à soberana, reconsiderando no disparate do seu capricho, concluiu que o melhor que tinha a fazer era erguer-se da cama e pôr-se boa; e assim fez, com grande pasmo dos doutores.

A história da alforreca está contada, na sua simplicidade comovente. É verídica esta história, como tudo que o povo relata de memória; creia nela quem crê. Fica-se já sabendo no entretanto, — e é isto dum proveitoso ensinamento, — que os japoneses tão prodigamente propensos ao perdão para tantos pecadilhos de alma e de costumes, castigam os patetas.

Diga-se francamente: esta desgraça da alforreca, no país do Sol Nascente, era inevitável; e o caso presta-se a interessantes comentários, que eu vou resumir em poucas linhas. Os japoneses — povo de artistas — são os grandes amorosos da criação, da forma, da vida; ninguém como eles conhece os segredos da ave, do inseto, do réptil, do peixe, dos moluscos, do verme, de todos os seres da terra; a animalidade graciosa desses seres, estudada com percepções especiais, que nos escapam, constitui o tema mil e mil vezes variado, dos seus primores de arte. Mas esse monstro, essa disformidade, essa alforreca que se apresenta como única exceção da lei geral da gentileza da vida, e parece resumir em si o enfado inteiro dum dia de mau humor do Omnipotente, devia ter deixado impressões tristes nos primeiros japoneses que a avistaram; e foi preciso arranjar logo uma explicação condigna do fenômeno, e é a que ficou descrita nestas linhas.

É ainda interessante recordar de passagem a aproximação, pela desdita, da alforreca japonesa com a medusa mitológica da Grécia, não merecendo esta melhor tratamento dos deuses olímpicos. Curiosa coincidência!

# O ANO NOVO

A FELICIANO DO ROSÁRIO

Temos festa hoje, aqui. Acaba o ano velho, começa o ano novo. Mas não vão imaginar que seja do ano novo de que rezam os nossos calendários, a comemoração; tal comemoração, aqui, no fim do mundo, no seio desta colônia nostálgica, passa insípida, quase sem alvoroços íntimos de família, limitada à troca banal — *troca* sem cedilha e com cedilha — de algumas dúzias de bilhetes de visita, com as competentes *boas-festas* escritas, da pragmática. Trata-se do ano lunar que finda, do ano lunar que principia, o ano chinês enfim, a ampulheta que marca para o povo amarelo as suas horas de existência; vamos entrar no ano XXII do reinado de sua majestade imperial celestial, Kuang-Su.

\*\*\*

Temos festa hoje, aqui. A alma chinesa manifesta-se, evidencia-se, domina, hoje; ofusca, pela grande maioria dos rabichos, o pálido reflexo da civilização do Ocidente que logrou chegar a este Macau, a este exíguo penedo asiático, onde Portugal implantou a sua bandeira.

Meia-noite. Ao meu obscuro albergue, chega, de além dos bazares, o ruído da bombardada amotinadora dos foguetes, e das mil e mil embarcações fundeadas no porto o clamor ovante das bâtegas, vibradas pelas mãos rudes das companhas. Que irá lá por esses bazares, a estas horas, santo Deus!... Eu não me arredo do meu canto. Bem sei que a febre das massas sugestiona, contamina todos. Bem sei que não se dorme hoje; que não há chapéu de coco de amanuense ou kepi de militar, direi mesmo chapelinho de pelúcia com laçarotes de cetim e seu competente pássaro empalhado, de menina, que não vá correr as vielas, perder-se na onda, confundir-se com os rabichos, gozar com eles. Mas está tanto frio, e as bagas de água zurzem-me tão desapiedadamente os vidros das janelas... E, pior do que isto, é o frio da alma, é a apatia enervante do meu espírito, é o sorriso amargo que me enruga os lábios, provocado por esse mesmo júbilo do enxame, que aqui me retêm e me impedem de também ir galhofar.

Não, decididamente não serei da festa. Imagino-a daqui. Imagino essas ruas lamacentas, coalhadas de povo sujo, com as cabaias negras ensopadas dos chuvascos; e imagino os lumes tremeluzentes das lanternas de papel, acendendo nas poças, pelo reflexo... grandes labaredas efêmeras, ziguezagueando. As lojas estão escancaradas ao público; frutos, flores, doces, carniças, bonecos, coisas santas, estendem-se pelos caminhos em prodigiosas teorias, em coloridos quase

estonteantes; e é comprar, e comprar já, porque não tarda em romper o glorioso dia de descanso, o único na China em que o camponês, o artífice, o vendilhão, todos, cruzam os braços, não trabalham; e nem a peso de ouro se encontraria um linguado, uma caixa de fósforos, qualquer ínfimo objeto nos mercados. As espeluncas de jogo, em galas desusadas, oferecem-se, tentam a onda; e até pelas ruas o tabuleiro de azar se estende ao passeante. Que pechincha, se se apanha para a festa um acréscimo de pecúlio não esperado! O china adora o jogo — era preciso que ele adorasse alguma coisa! — mas hoje todos jogam, todos são chinas, e é isto um exemplo interessante da influência sugestiva das grandes majorias; a mão mais circunspeta de funcionário, a mão mais mimosa de dama (de *nhonha*, em dialeto vulgar desta colônia) avançam sem pejo, arriscam à sorte vária umas pratinhas...

Quando bate meia-noite; quando, junto do altar dos penates, se curvaram em piedosas adorações milhares de cabeças agradecidas, e se queimaram papéis místicos, e se acenderam pivetes odoríficos; quando em plena rua um brado de aleluia os ecos acordou; dirige-se então a onda humana para o lar, já mercas feitas, já bolsas esvaziadas; e vai surgir um grande dia votado inteiro ao descanso, votado à glorificação dos deuses, cuja magnânima assistência se exalta pelas graças concedidas e pelas graças que vão esperar-se!....

Mesquinha humanidade! como tu me entristeces, ó pobre humanidade, ó pobre família minha, ainda mais nos teus regozijos e nas tuas esperanças, do que nos teus choros e nos teus desenganos!... Para este bando chinês com quem me encontro agora, que explosão de bênçãos lhe estimula a sentimentalidade? que altos benefícios comemora? O bando abençoa a sua eterna existência de miséria, a miséria passada, a presente e a que fatalmente vai seguir-se-lhe. Abençoa a labuta sem tréguas, em busca do punhado de arroz de cada dia; ora exercida no lar imundo, sem sombra de conforto; ora exercida pelos campos, nas várzeas, nas colinas, no amanho da terra, sob a opressão constante dos raios do Sol que escalda, ou dos frios que paralisam; ora exercida nos barcos, que se cruzam na podridão dos estuários, ou pairam sobre a onda adormecida durante as calmas tórpidas, ou se desfazem no escarcéu, quando os tufões rugem em fúria. O bando abençoa a fatalidade da sua condição social, o problema espantoso, paradoxal, do seu feitio de ser, que em todas as depravações, em todas as iniquidades imagináveis, parece ir buscar as leis únicas por que se rege. O bando abençoa ainda as calamidades tremendas, que nestes últimos tempos, como uma maldição divina, têm pairado sobre a imensa pátria: — nas províncias do sul, nos seus centros mais populosos, é a peste, a peste negra, roubando em cada lar um ou dois filhos, ou o pai, ou a mãe, ou mesmo todos juntos, e vestindo de luto, de tristes roupas alvas, os parentes, e ameaçando estabelecer-se definitivamente, enraizar como uma

árvore de peçonha, donde emanará a cada instante o veneno subtil, destruidor das turbas; e, para cúmulo de infortúnio e de descrédito, um vizinho, um povo irmão, o povo japonês, invade, vence e desbarata a China, morde e come pedaços do seu torrão sagrado, envergonha-a, oferece-a ao escárnio do mundo na misérrima condição da sua plebe e na opulenta infâmia dos seus nobres, desprestigiada enfim, indefesa à cobiça das gentes, aos homens louros da Europa, que não tardarão em vir espezinhá-la. — Embora! esqueçam-se hoje as misérias, vista-se o povo em gala, chovam bênçãos sobre o ano que começa. E amanhã, decorridas algumas horas de folgança, recomecem, prossigam, — pouco importa! — os turvos dias de amargura, a fatalidade da existência no antro, a dura labuta no campo e no barco, a faina eterna, a orgia torpe dos maridos, a escravidão das esposas, a venda das filhas a quem mais der, os horrores da prostituição, as vergastadas nas criadinhas, as extorsões dos mandarins, as torturas nos cárceres, a morte lenta nos patíbulos, a obra de destruição das epidemias e do ópio, as humilhações perante o vencedor, as exigências do Ocidente, as arrogâncias dos homens louros...

\*\*\*

Para o ano novo, tudo se prepara com antecedência, em prodigiosa azáfama; é para todos uma ocupação incessante e desusada, durante as últimas semanas do ano que vai findar. Lavam-se os covis, lavam-se as podres mobílias. É o pó dum ano que se sacode, é a lama dum ano que se deita fora, é o piolho e é a pulga dum ano que se afogam na onda das barreiras; porque, durante os labores de cada dia, nunca a ideia de limpeza preocupou os espíritos durante um só instante. Tudo é providencial neste mundo, ao que parece. Na chafurda típica destas povoações chinesas, tão frequentemente visitadas por todas as pragas — cólera, peste, lepra, — embebidas no lodo dos canais, no ambiente das emanações dos estrumes pachorrentamente acogulados e dos despejos que apodrecem pelas ruas, custa a crer como a gentalha pulula, e como os consórcios frutificam em ninhadas de garotos; e parece à gente que um sopro qualquer destruidor, de calamidade imensa, irá em breve prostrar esses enxames, sem que deixe de pé um só vivente nos albergues. Puro engano: as povoações eternizam-se. No parecer de alguns investigadores, que tais exotismos interessam, se os miasmas pútridos convidam as epidemias a entrar e a vindimar providencialmente as muitas vidas que superabundam, estes mesmos miasmas, sobrecarregados de vapores de amoníaco, de exalações corrosivas de fermentos, se encarregam de ferir também mortalmente os vírus mórbidos, poupando o resto do povo. Chegamos ao facecioso paradoxo de ser na China a imundície o purificador por excelência, um como que elixir de longa vida, indispensável a todas as famílias, feito da mais estupenda alquimia de dejetos.

Conceda-se pois, por exceção, a este bom povo celestial, o capricho de lavar uma vez cada ano o antro onde se abriga. Depois, é ver a faina de colar pelas paredes, pelas portas, pelas janelas, papéis de bela cor escarlate, com negras inscrições cabalísticas, que são votos de ventura e de riqueza, que são preces aos deuses. E chega a ocasião de se adornarem os altares, de se irem comprar junquinhos em flor, que se dispõem em vasos gentis com água e seixos alvos, e assim vão enfeitar os aposentos, levando o viço e o perfume, por um dia, aos negrumes das alcovas. No meio do complicado rito das usanças, algumas práticas enternecedoras, de ingenuidade primitiva, interessam o curioso. Reparem por exemplo nas enormes celhas expostas pelos mercados, onde enxames de pequeninos peixes negros, carpas barbudas, estrebucham na gota de água do improvisado cativo; o povo compra-as, e vai lançá-las em seguida nas ribeiras, gozando na ação do resgate, por certo grata aos deuses, e que redundará em benefícios...



# A PRIMAVERA

A CAMILO PESSANHA

Há alguns dias, na cidade de Kobe, — poderia precisar o dia, e quase a hora, se tamanho rigorismo me exigissem, — irrompeu a Primavera. Irrompeu: não há sombra de exagero no vocábulo. Irrompeu, surgiu dum pulo, fez explosão. Neste país do Sol Nascente, onde o Sol, e com ele todas as grandes forças naturais, são ainda uns selvagens — se assim posso expressar-me — uns selvagens sem freio, sem noção das conveniências, incapazes de se apresentarem de visita, de luvas e casaca, numa corte qualquer da nossa Europa; neste país do Sol Nascente, ia eu dizendo, a criação inteira apostou, parece, em oferecer em cada dia uma surpresa, toda ela exuberâncias inauditas, espalhafatos únicos, repentismos nervosos, caprichos doidos, como se reunisse em si a quinta-essência da alma das crianças e a quinta-essência da alma das mulheres, a gargalhada, a troça, enfim, motejadora de tudo quanto é ordem, harmonia, contemporizadora lei das transições.

Ontem, foi um Inverno duro, gélido, vestido apenas duma ampla túnica de neve. Hoje, dum salto, o sol rompeu em quenturas amorosas, começaram de florir as árvores, e evolaram-se os insetos. Amanhã, será o Estio tórrido, em brasas, como nem na China, nem na África se sente. E assim corre o tempo, voam as horas; cada instante é um meteoro; e aqui um tufão arranca os troncos, e ali a chuva torrencial inunda as várzeas, e além um rio transborda do seu leito, e uma onda do largo afoga as aldeias, e uma convulsão subterrânea abala o solo...

O europeu, o pobre europeu das paisagens serenas, sofre os choques desta natureza, por demais subversiva para o seu espírito triste, meditativo e atribulado. Oferece-se-lhe um de dois caminhos a seguir: ou comunga na vida japonesa, inicia-se nos seus segredos íntimos, ama-a nas suas modalidades, e assim a existência se lhe gasta, se consome rápida, esgazeada em admirações, doidejando em vertigens; ou se retrai, se isola, odeia a natureza que não compreende, odeia o exílio, vive de saudades da pátria, entre as quatro paredes do seu lar, ou dos clubes cosmopolitas da colônia forasteira. Não é preciso mais para justificar o tique de loucura, facilmente perceptível, da enorme maioria destes expatriados, homens e mulheres, após curta residência no país japonês.

\*\*\*

Ora pois, — dada esta concisa explicação à gente incrédula, — há alguns dias, na cidade de Kobe, irrompeu a Primavera.

Pela noite velha, fora chegando uma brisa como que amorosa, acariciadora, perfumada. No silêncio das trevas, as carpas acordaram, num charco fronteiro ao meu albergue; e estrebuchavam, e produziam desusados ruídos, saltando fora de água, ardendo em cios, endemoninhadas. Quando rompeu o dia, e apareceu o Sol, não se descreve o enlevo do bafo morno, embalsamado, genesíaco, que enchia o espaço. O céu tinha azuis novos; cirros de paz pairavam nas alturas. A paisagem esverdeara; esverdeara da erva nova, que surgia, e das árvores velhas, que se coloriam. A nossa observação educa-se neste meio em especialidades de minúcia, abundando por toda a parte, em campos e jardins, as coníferas, de todas as formas, de todas as grandezas; estas árvores nunca se desfolham, mas no Inverno descoloram-se, empalidecem como mulheres cloróticas, chegam a lembrar enfermos, chegam a lembrar coisas mortas; depois, a Primavera excita-lhes a seiva, um verde intenso assoma-lhes às folhas, a vida recomeça, doida, vão desabrochar flores em fúria!...

Já as ameixeiras se apresentam em galas de florescência; os negros troncos rugosos e lavrados pela lepra dos líquenes, sem uma folha sequer, cobrem-se agora de bastas cabeleiras, alvas ou rosadas, feitas de mil e mil florinhas presas aos galhos por minúsculos pedúnculos. Vistas de longe, nos sítios onde abundam, fazem lembrar uma floresta de árvores secas, envolvidas pelo fumo e pelas chamas duma queimada devoradora. Em breve serão os pessegueiros a florirem. Depois as cerejeiras. Depois as pereiras. Todas as árvores. Todas em apoteoses de coloridos. Chalaça tudo, em todo o caso — estas árvores não dão frutos, não dão ameixas, não dão pêsegos, não dão cerejas, não dão peras; ou, se os dão, não prestam. Esgotam os ardores da seiva na superabundância das pétalas das flores enormes, enormes como nunca se viram em outra parte; contribuem, em meras orgias de cores, para a incrível hilaridade do cenário, para a supina gargalhada primaveral; nada mais. Servem de pretexto para os mil motivos de debandada para os campos, destes bons japoneses, cabaça ao ombro, *musumé* ao lado, alma descuidosa aberta aos esplendores.

São estas florescências paradoxais, tão características do solo nipônico, que encaminham a cada momento o pincel indígena para requintes de matizes que a estética ocidental não compreende; elas que inspiram aos artistas esses tão frequentes fundos de paisagem salpicados de brancos e vermelhos, a reminiscência do instante em que as flores se desfolharam e caíram do alto, num chuveiro de pétalas.

De parceria com as árvores, são as ervas, as plantas, os arbustos, que se vestem de folhas e se enfeitam de flores. Já ao longo dos muros espreitam, por entre as pedras, as violetas silvestres; e o solo vai vicejar de musgos, fetos, de relvas, de

bambus e de humildes gramíneas; e matizar-se de brancos, de azuis, de amarelos, de escarlates, de roxos, de mil cores, de mil flores sem nome, apenas conhecidas dos insetos, que são botânicos eméritos e sabem de cor e salteado onde as corolas lhes oferecem os manjares mais capitosos. Já desabrocham os junquinhos, as camélias. Vão desabrochar a wistaria, as azáleas, os lírios, os íris, os narcisos, os convólculos, as peônias, a legião vegetal.

\*\*\*

As ameixeiras, por aqui pelas cercanias de Kobe, vão ver-se ao pitoresco outeiro de Okamoto, ou a Suma, no domínio dum templo famoso. Os pessegueiros vão ver-se a Momoyama, em Osaka, que as florinhas cor-de-rosa incendeiam por curtos dias. As cerejeiras, particularmente queridas dos japoneses, vão ver-se a um ou dois templos em Osaka; ou à formosíssima colina de Arashiyama, em Kioto, marginando a ribeira de Hozukawa, caudalosa e rumorejante; ou, no mesmo Kioto, ao parque de Maruiyama, onde uma só árvore, a vetusta *cerejeira da noite de Guion*, de delicados ramos em pendor, tem merecido os entusiasmos e as estrofes de não sei quantas gerações de amorosos e de poetas, que junto dela pousam, dia ou noite, embevecidos no êxtase do espetáculo; ou ainda a Yoshino, o lugar por excelência preferido, sítio montanhoso e agreste, de difícil acesso, mas por isto mesmo frequentado pelos grandes fanáticos da natureza em pompas; Yoshino, com a sua sentida lenda dum monarca fugitivo, e com o peregrino enlevo das suas mil — conta justa, afirmam, — das suas mil cerejeiras, muitas vezes macróbias, oferecendo aqui, acolá, além, num vale, sobre uma ponte, à borda dum precipício, as cenas mais surpreendentes, mais arrebatadoras, parecendo as árvores em flor, flocos de nuvens brancas a rasarem a relva da paisagem. A wistaria, o *fugi*, vê-se em Nara, a velha cidade clássica; os ramos trepadores enrolando-se em torno dos troncos das criptomérias gigantes, e os longos cachos brancos e os longos cachos roxos pendentes ao capricho das brisas.

Romarias indescritíveis de graça pagã, de vida exuberante, estas romarias, reunindo-se ao quadro belo da natureza, de uma majestade comovente e estonteadora, a quermesse hilariante do povo em festa. Barracas embandeiradas expondo mil artigos; pousos improvisados para a refeição frugal; os homens em bandos a folgarem; as crianças aos saltos, às gargalhadas, vestidas a primor, de sedas de mil tons; mulheres de todas as condições, graves mães deliciosas, meninas recatadas em mimos de flor de estufa, petulantes cantadeiras das ruas, camponesas em roupas escarlates, *gueshas* em requintes de luxo e de encantos, ovantes como ídolos, todas elas cosméticos, todas elas aromas, todas elas sedas rojantes, todas elas mímicas e requebros, espantosas... Ao recolher da festa, a onda humana é curiosíssima: cada qual empunhando uma haste florida, cada qual

com seu embrulho para o presente de estilo aos amigos que não foram; as mulheres comentando as cenas em gestos e em risinhos; as crianças abarrotando de frutas e de bolos, cansadas, sonolentas, rabujando; os homens em galhofa, pouco firmes, com as frentes e as pálpebras encarnadas, que é como se lhes acusa o peca-dilho de terem bebido um pouco mais do que convinha...

Nesta contemplação dos cenários está a alma do indígena. Eu vou reproduzir-lhes uma local, que há dias apareceu num jornal da terra, e que define bem a gentil puerilidade panteísta desta gente única: — “em Himeji já se deu fé este ano de duas flores de cerejeira...” *duas*, é sobretudo delicioso!... O homem do Ocidente pensa, o japonês vê; eis a enorme distinção que os separa. O prazer dos olhos é a alegre preocupação de todos; vive-se no presente, para gozar do momento de hoje, para sorrir às coisas; e pode ser que seja esta a maneira mais coerente do ser humano prestar culto aos seus deuses, ao Criador, que lhe impôs na terra uma missão.

\*\*\*

Naquela primeira manhã primaveral, debandaram dos bosques mais cedo, em magotes alegres, em serenos voos altos em busca de aventuras, chocarreando, atirando aos ventos as suas gargalhadas de mofa, os corvos, nos quais tão bem encaixa, sem eu saber porquê, o nome japonês, de *karuçu*. A pardalada papeava amores, e safava-se resolutamente dos povoados em demanda dos campos. Uma borboleta amarela, — ia apostar que a primeira da estação, — atravessou num voo o meu jardim. Sobre cada flor pousava um bicho, mosca, ou abelha, ou vespa, ou besouro, ou moscardo, vindos não sei como, por feitiço, pois havia longos meses que ninguém lhes punha a vista em cima; e não tarda que chegue a imensa corja alada, cigarras, gafanhotos, mariposas, mosquitos, tira-olhos, os pândegos do ar, todos bulício, cores e vida!... Pelos córregos, pelas regueiras, ao longo das ruas e caminhos, surdiam pela vez primeira das tocas os sapos, rouquejando; e dois a dois, graves... mas não estou agora para contar-lhes o que faziam nas regueiras e nos córregos, os sapos, graves, dois a dois...

Nos rostos da gente, sugestionada, embriagada em aromas, pintava-se uma alegria nova, uma recrudescência de atividade animal. As raparigas passavam mais lépidas, em *kimonos* alegres, claros, descalças sobre os socos pela primeira vez depois do Inverno, os seus pés muito brancos, muito mimosos, após o recatado abrigo durante os meses frios. Encontrei além, naquela esquina, uma *musumé*, que vendia ovos, e um vendilhão ambulante de cestos e vassouras; haviam pousado no chão a sua indústria, conversavam em segredo, mas com intensa vivacidade de expressão; ele agarrava-a pelos pulsos, brutalmente; e ela, a rir, a julgar pelo brilho dos olhos

e pelo rostinho alvoroçado de desejos... dava-se-lhe, em promessas.

\*\*\*

Pois foi naquele dia, que eu, em vez de ir divagar pelos campos, como os pardais, — já não digo: (ir vender cestos e vassouras) pelas ruas... — que eu me engravatei cuidadosamente e fui bater à porta dum amigo. Tratava-se duma festa de crianças, o que é dizer, duma estopada para adultos. Efetivamente, exhibia-se, em frente duma dúzia de meninos e de outra dúzia de pessoas circunspetas, um grafofone americano; grafofone, ou coisa parecida; um *phone* qualquer em todo o caso; que isto de *phones*, para quem cursou aulas de física há perto de trinta anos, é de uma complicação tal, que nunca a gente chega, por mais que se aplique, a falar com segurança do assunto.

Mal lhes posso agora traduzir a dolorosíssima impressão, que a festa me deixou. Ratice minha, sem dúvida. Introduzia-se numa caixa um cilindro apropriado para o caso e dava-se corda ao instrumento... mas a quem estou ensinando o padre-nosso!... Então, um americano fanhoso, embirante, assim com ares de bêbedo e ademanos de exibidor de saltimbancos, a ponto de se lhe presumir a casaca no fio e cheia de nódoas e a gravata branca em uso há mais de seis semanas, falava ao público, anunciava a casa construtora em Nova Iorque, e o que em seguida iria ouvir-se. Eram cançonetas chulas, solos de flauta, estrondos de orquestra, devaneios em viola, discursos grotescos; e tudo aquilo, e as vozes do público que ria, que vociferava, que dava palmas, que pedia *bis*, crianças berrando, damas mal sufocando o riso, cavalheiros atirando chufas, tudo aquilo, distintamente, saía da caixa enfeitada e enchia a sala onde me achava, como se uma multidão de patuscos, vindos da América, vindos do inferno, a tivesse invadido de surpresa.

Mas que tristeza imensa!... Como eu amaldiçoava, naquela hora, estas invenções da época, estes engenhos surpreendentes, monstruosos, que vêm zombar da vida, e assassinar arte, enlevos fugazes que passam, reminiscências, saudades, tudo o que é doce ao espírito... porque, — afirmo-o tanto quanto as palavras me podem traduzir o pensamento, — porque, no fim de contas, ficou-me uma desconsoladora noção de desprestígio da existência, e de troça às leis do mundo, à lei da sucessão dos fatos no tempo; e vi em pensamento um bando de velinhos alquimistas largarem as retortas, por um momento, e virem bradar à criação, fitando o céu às gargalhadas: — “não tenhas imposturas, sabemos tanto, fazemos tanto como tu!...” — Já não bastava a fotografia, esta artimanha irreverente, que vai implicar com os ausentes, com os defuntos, com o mundo distante, dando-nos em troca da sentida recordação, que guardávamos, o fantasma, em contornos, do que fugiu dos

nossos olhos. Agora é o grafafone, que eterniza os sons, a voz dos de longe, a voz dos que morreram. Morte, ausência, já não tem razão de existir nos dicionários. Para o caso a que me refiro, cá continua o americano embirante a vomitar os seus discursos, os músicos a tocarem, os cantores a cantarem, o público a rir, a chorar, a aplaudir, a chalaçar. Passaram-se assim as cenas há dois anos, há cinco anos, há dez anos. Estará a estas horas o americano morto, coisa de alguma bebedeira mais forte, que o prostrou? a criança, que chorava, dormirá também num túmulo, coitadita? a dama, que ria, estará doida, num asilo? o homem, que aplaudia, num cárcere, cumprindo uma sentença? Nada importa. A máquina chama-os, reúne-os, ressuscita-os, renova-os para a pândega dum momento da existência; o passado é presente; e a máquina agita-os, empurra-os para o interior das nossas casas, para nos divertirmos à custa deles mesmos...

\*\*\*

Primavera? ia eu pensando com os meus botões. Primavera? ri a natureza? florescem as árvores? cantam amores os pássaros? é uma realidade? Ah! talvez não, que hoje, a um fenómeno substitui-se quase sempre uma indústria; e espetáculos do Pai do Céu foram já quase todos suprimidos, porque iam aborrecendo a humanidade... Cada dia que passa, registra cem descobertas, tendente cada qual a apagar do nosso espírito a lenda do mistério, do incompreensível. A vida, o mundo, reduzem-se a máquinas, a engenhos mais ou menos complicados. Doce Primavera, que me enfeitiça? Troça. Aqui anda máquina, apostara! Quem me assegura, que isto não foi Primavera servida a meus avós há mais de um século, gravada num cilindro, e impingida depois como nova, de quando em quando, aos patetas, que a aplaudem?...

\*\*\*

E a propósito da Primavera que irrompia, duas palavras sobre outra Primavera, que morria, aí pela mesma época.

Não haverá ninguém, imagino, que, tendo passado em Kobe, não conheça *Nunobiki*, a cascata. É que o sítio, pela sua fama merecida, é o passeio obrigado de todos os que chegam, embora se demorem duas horas. Não há condutor de carro, guia de viajeros, um qualquer alcoviteiro que ande à cata de gente que desembarca dos paquetes, que se esqueça de indicar, como primeira diversão, a ida à queda de água. Lá vão todos. Lá fui eu, uma vez, como viajero: e muitas vezes, depois, como residente, residente em ócios, atraído pelos cenários aprazíveis. Lá em riba, muito em riba da montanha, e salpicada de espumas e acalentada em rumorejos, na penumbra do ermo apertado entre penedos a prumo, cobertos de ramaria silvestre, era a casa de chá, a *cháya* tradicional,

oferecendo repouso por alguns minutos e uma bebida ao forasteiro extasiado, sem falar nos sorrisos, nas mesuras, que prodigalizavam largamente as raparigas que ali olhavam pela venda. Há alguns anos, disseram-me, eram três as raparigas, três irmãs, — as três graças; — mas eu conheci só duas, tendo casado a outra com um titular europeu, conforme ouvi. Eu conheci só duas: O-Tane San, a Senhora Semente, e O-Haru San, a Senhora Primavera. Como se fica presumindo, eram as japonesas mais populares de Kobe inteiro; das quais, talvez não erre, acreditando que os muitos milhares de forasteiros, que nestes últimos seis anos visitaram o Japão, guardam uma reminiscência, uma saudade... Duas fadas dos bosques, a enfeitiçarem os incautos? Não tanto: quando muito, duas sereias de água doce, simplesmente meigas, simplesmente gentis, vendendo graciosamente uma chávena de chá, sem açúcar, à moda japonesa, e dando de graça um sorriso, tão doce, que tirava ao chá o travor próprio, mesmo para o paladar mais exigente. Eu preferia à Semente, a Primavera. Era mais fresca, — fresca como o seu lindo nome, — e mais aveludado o olhar negro, e mais esmerada nos *kimonos* de seda e na curva em asas de borboleta dos cabelos. Com ela palestrava, com ela ria, ria sobretudo, que o riso é a linguagem mais em uso nesta terra; e, tomando-lhe das mãos, perguntava-lhe quem fora o delicado, inglês, russo, coreano, hotentote, que lhe oferecera aquele anel com uma safira, que enfiava tão bem no seu dedo cor-de-rosa...

Pois muito bem. Sabe-se que em matéria de progresso material o Japão anda a galope. Lembraram-se há pouco estes senhores de constituir uma empresa para a distribuição da água aos domicílios, em Kobe. A ideia não é nova: já Yokohama, Osaka, Nagasaki e certamente outros centros, gozam de instituições da mesma espécie. O que é lástima, — se vale a pena a gente prender-se em ninharias, — é que assim, alcançado pelo turbilhão reformador, que vai dando cabo de todo o pitoresco deste povo, tenda a desaparecer o poço... o poço clássico dos velhos tempos, com a borda circular talhada numa só pedra, o alpendre gracioso sustido por dois madeiros, os baldes suspensos das duas pontas da corda de cairo, que enfia no tosco gorne central; estabelecido em plena cozinha doméstica, ou a um canto do jardim, ou numa vereda acessível a um bando de vizinhos; e cerca as vasilhas de uso, celhas, escudelas, colheres, da mais graciosa e original tanoaria, de que as criadas, meias-nuas, se vão servindo nas lavagens, demorando-as para alongar tagarelices, próprias do sexo e ainda mais das japonesas; eis o poço, correspondendo a um quadro muito característico da vida íntima; o poço, que os adoráveis pincéis dos mestres da pintura se compraziam em reproduzir mil vezes, emaranhando-os na rama das trepadeiras, das *asagao*, cujas belas campânulas de cores variadas abrem com o nascer do Sol e fenecem logo após...

Para o caso de Kobe, dirigiram-se logo desde o início as picaretas e as enxadas para

a montanha de *Nunobiki*, onde a água jorrava em manancial sem fim; e, à força de braços e de dinamite, no intuito de encaminhar a torrente aos reservatórios da empresa, fez-se um desbarato tal, abatendo as árvores, cortando as rochas, cavando a terra, que todo o enlevo do sítio desapareceu, a paisagem tornou-se em ruínas. Rigorosamente falando, a cascata acabava de existir. A *cháya*, tal como a gente a conheceu no seu rústico pitoresco, forçada pelas escavações a mudar de pouso, acabava de existir. E as raparigas? logicamente, tinham de desaparecer também. Com efeito, a Semente casou com um japonês e safou-se... e faço votos para que o seu nome lhe seja de bom agouro, dispondo os fados a concederem aos cônjuges uma prole feliz e numerosa; e a Primavera morreu; morreu, por mofina coincidência, quando a outra Primavera ia renascer, dar viço e flores às árvores, não às da cascata, mercê da nova empresa. Morreu tísica; a sua cascata, onde nascera, onde vivera vinte anos, com a sua eterna penumbra crepuscular, com as suas rochas eternamente gotejantes, com o seu ambiente eternamente úmido, roera-lhe os pulmões...

Pobre Primavera... Mas não morreu talvez, pensem bem nisto que lhes digo; embora ninguém mais lograsse vê-la, embora as amigas tivessem acompanhado ao cemitério o seu corpinho inerte... O seu retrato já corre mundo, em fotografia, vendido pelas lojas, perpetuando-lhe o rostinho. E nada mais possível do que o fato de andar ganhando cobres pelas feiras, hoje, amanhã, daqui a quarenta anos, um sujeito qualquer ajoujado com um grafafone, um *phone* qualquer americano... Estão imaginando a patuscada: — Cilindro apropriado; dá-se corda... A plebe ouviu pouco mais ou menos o seguinte: — “Grande companhia de grafafones de Nova Iorque e de Paris! Cena da famosa cascata de *Nunobiki*, no Japão!” — E a plebe continua de ouvir: é agora o murmúrio contínuo, soluçante, de água despenhando-se de rocha em rocha; trina um pássaro vagabundo; um francês bate as palmas, pede cerveja; um inglês pede whisky; um nipônico pede chá; a voz da Senhora Primavera vibra distinta, fresca, doce; Primavera desfaz-se em desculpas, em risinhos, diz que já vai, não tarda; mas o inglês tem pressa, renova o seu pedido com azedume: e o instrumento é então perfeito — oh, maravilhas da ciência! — que se ouve até o ciciar dum beijo, que é naturalmente do francês...

1899.



## NILGUYO

*Mukashi, mukasi* (nos velhos tempos, nos velhos tempos, como diriam estes bons japoneses, e conforme reza a lenda, interpretada pelo Nihon no *Mukashibanashi* (Antigas Legendas do Japão)), viveu um homem, um simples, de índole bondosa, de quem se poderia dizer que passara a mocidade em desejos de matrimônio; mas como desejos e realização deles são duas coisas mui diferentes, atingiu o pobre a meia-idade sem ter levado a efeito essa firma... — *comercial* não é talvez o termo próprio, — em todo o caso essa firma a dois parceiros, que partilham entre si, da vida, alegrias e tristezas.

As alegrias dele consistiam principalmente em entregar-se à pesca, pesca à linha durante os longos ócios; tristezas, sentia-as sobretudo, mais mordentes, ao recolher à noite a casa, derreado, cambaleando de sono e de fadiga, sem encontrar uma alma companheira que lhe sorrisse à porta, e em saudações o convidasse a entrar, nem mãos prestimosas que lhe tomassem do peixe e o amanhassem, e fossem depois levá-lo ao fogo do braseiro. Em toda a parte, e especialmente no Japão, estes sentimentos íntimos de alma, — júbilos de pescador à linha e desalentos de solteiro, — são bem justificáveis. Com efeito, para um temperamento vagabundo e impressionável aos enlevos da paisagem, como se dá com todo o japonês, quantos encantos não vão proporcionando a linha e o anzol, induzindo-nos sem esforço a longos passeios de boêmio, penedos e praias fora, contornando margens ziguezagueantes de ribeiras e enseadas, em face dos cenários serenos, todos verde, frescuras, espelhos de águas e murmúrios... e como as horas voam, acororado o corpo sobre a rocha, a mão ora afeita, ora prendendo o isco, ora demorando-se em comovente expectativa, ora colhendo o peixe a estrebuchar; e o espírito voando, como as horas, alheio ao ofício, deliciando-se em sonhos, viajando no reino das quimeras... Mas à noite, após um dia inteiro de labuta, é que o corpo se dói e falham os joelhos; e deve então saber tão bem chegar a gente ao lar de esteiras e papel, e vir à entrada ajoelhar-se em cortesias a figura gentil duma esposinha fresca, envolvida em sedas e perfumes, com as mãozitas rosadas em posição submissa, as mãozitas tão hábeis em corarem nas brasas as trutas saborosas...

Ora, um belo dia, o nosso homem, de quem a tradição não tomou conta do nome, achava-se pescando segundo o seu costume, bambu em punho, e meditando ao mesmo tempo sobre o seu desconsolo e desolada sorte, quando... zás! um grande safanão na linha lhe fez logo imaginar que alguma coisa fora do comum viera de colher. Por pouco se lhe não vão, linha, e anzol, e peixe ao mesmo tempo; então, com muitas manhas que são próprias da arte, pôs-se a cansar a presa, já alongando

o braço e deixando-a debater-se a seu capricho, já aproveitando o repouso para trazê-la à praia; até que enfim, azado o instante, puxou com força, e veio cair-lhe o peixe aos pés.

O peixe? o peixão!... Era uma *Ninguyo*, uma sereia; nem mais nem menos; face de mulher, duma rara formosura, e um enorme corpo ventrudo, alongado, escamoso, agitando barbatanas e terminando em amplo rabo, que então desesperadamente estremecia. Face de mulher de uma rara formosura, — disse-o eu, e não me engano: — esse contorno doce de oval, de *urizanegao*, de pevide de melão, tão querido em estética japonesa; os bastos cabelos negros flutuando em coma; a tez de jaspe; os olhinhos de veludo; a boquinha escarlata. Mas chorava, a sereia, em contrações de angústia; chorava certamente pela dor, pois lhe rasgava a carne o traçoeiro anzol; e ainda mais talvez pela vergonha de ver-se assim arrebatada do seu meio habitual, expiando um pecado de lambarice, indefesa, nua diante dum estrangeiro!...

\*\*\*

O pescador porém era duma índole bondosa, como ficou notado um pouco atrás; e vai-se agora ver como o provou. Compreende-se, é claro, o seu primeiro espanto: o homem punha as mãos sobre a cabeça, a esbugalhar os olhos, e gaguejava não sei que exclamações... Pudera não! Acalmado, sacou cautelosamente o anzol da bela face em sangue; e tomando nas mãos o estranho ser, pôs-se a cismar maduramente sobre o caso. Ora, ia pensando, se ele fosse correr as feiras todas, as festas dos mil e mil templos do país; e alinhando a sua barraca com as outras, onde se exibem salamandras, crocodilos, crianças sem pés e sem mãos, cães sábios e muitas outras coisas, que abundantíssima chuva de sapecas lhe não cairia em cima, quer dizer, dentro das mangas do kimono!... — “Meus senhores, entrem todos! Quem não tem cabeça, não paga nada! Ora aqui está uma sereia autêntica...” — e já ia estudando o discurso que faria, soberbo, dominador, impondo-se à plebe embasbacada. Ou então, outra ideia: se ele comesse a carne da sereia, cozinhadinha, feita em postas... e sabem todos que a carne da sereia tem virtude de conservar perpétuas a vida e a juventude a quem dela provou... Mas a sua índole bondosa revoltou-se afinal contra a lembrança de reter numa tina, em exposição, ou pior ainda, de levar à degola aquele pobre bicho, que sobre as suas mãos se lamentava e desfazia em prantos, como se fora uma pessoa; contemplou-o ainda, longamente; e com um nobre gesto e decidido esforço, atirou a sereia às vagas, donde viera, e onde mergulhou e desapareceu sem mais cerimônias, após um acenar de rabo, que poderia ser um adeus, um adeus e um agradecimento.

O nosso pescador voltou à sua faina. Consta que, naquele dia memorável, o cabaz se lhe encheu de uma espantosa quantidade de tudo que o mar dá. À tarde, tornando a casa ajoujado com a carga, bailava-lhe nos lábios um sorriso, que provinha da boa pesca que fizera, e também da boa ação que praticara.

\*\*\*

Quando pela noite, na cozinha, mangas do *kimono* arregaçadas até acima dos sovacos, avental sobre as pernas, celha ao lado, se dispunha a preparar a sua ceia, ouviu que de fora, e junto à porta, uma falinha mansa lhe ia dizendo: — “Dá licença! dá licença?”... — Corre o homem a abrir a corrediça, ainda com a faca da cozinha, e um carapau na dextra adunca; e à luz frouxa dum luar de quarto minguante, pode distinguir um vulto de mulher em nada extraordinário, porém doce e cortês, que lhe confessou ser uma viajante extraviada do caminho, sem casa e sem abrigo, e lhe pedia pousada só para aquela noite. — “Entre depressa, menina, acode-lhe o sujeito, e venha partilhar do pouco que aqui tenho.” — Então, dando-lhe entrada, conduzindo-a ao aposento das visitas, fê-la descansar sobre a esteira, e junto do braseiro, foi-lhe servido o chá tradicional. — “Muito obrigada.” — O homem rogou-lhe seguidamente que esperasse pela ceia, uma ceia de peixe por sinal, que ele ia amanhar sem perda de um minuto. — “Permite-me que eu ganhe o direito ao meu quinhão, ajudando-o nessa lida?” — Disse que não redondamente, que nunca consentiria que os seus hóspedes trabalhassem na cozinha. Em réplicas e tréplicas, a rapariga assegurou-lhe que passara a vida toda, além, da banda do oceano (talvez filha de gente embarcadiça? pescadora?) e que ela conhecia as melhores receitas de cozinhar o peixe, no que até muitas vezes, por passatempo, se ocupava; e tanto ela teimou, — sabem todos o que são teimas de mulheres! — que sempre foi levando a sua avante.

O que é certo, é que nunca o pobre solteirão se lambera com tão deliciosas petisqueiras. Comeu a sua dose, repetiu, pediu terceira vez; e dizia, a chuchar ainda as cabeças dos ruivos, que a pena que lhe ficava, era de não lhe ser servida uma ceia igual, todas as noites. A companheira observou então modestamente, a meias falas, que lhe parecia não ir além dos seus poderes, um tal desejo; e instada a explicar melhor a sua frase, acrescentou que era solteira, sem parentes, sem lar... Compreendida finalmente, o remate de tão feliz encontro foi ela consentir em ser a esposa do sujeito.

Antes, porém, impôs as suas condições. — “*Danna*, meu dono, eu tenho, como disse, passado a vida pelo mar, e não posso prescindir do meu banho de água salgada ao menos uma vez cada semana; consente-me isto?” — Ele acenou que

sim. — “E jura-me (agora vão ouvir os pudores da pequerrucha...) que me deixará banhar em paz, sem seguir-me, e sem sequer espreitar-me?” — Ele jurou que sim; e deu-se por feliz (já se ia babando pela moça, o maganão!) de, por tão pouco preço, ver-se possuidor de tal tesouro.

Casaram. Bodas de estrondo; e viveram ditosos durante longos meses. O peixe, o prato querido dos nipônicos, foi sempre excelentemente preparado pela esposa, ativa, inteligente, a rir-se sempre. O pargo, em fatias cruas regadas com molhos excitantes, era divino! As enguias com arroz, uma delícia! O caldinho de ameijoas, superfino! As trutas assadas sobre o lume, sem igual! E até uma certa caldeirada, assim como quem diz à moda do Algarve, era de estalo, sem favor! E o marido tornava-se anafado e luzidio, a testemunhar a toda a gente, pelo volume e pelas banhas, que alguém olhava por ele com desvelo...

\*\*\*

Mas o banho? Melhor fora não falarmos nele...

Ai que pândega que era esse tal banho!... Ela passava a manhã inteira preparando-o, afinando o apetite, podia-se dizer; e no banho se quedava horas esquecidas, pela tarde. Depois, ajoelhada sobre a esteira, espelinho em frente, e em torno os cofrezinhos misteriosos, era a interminável tarefa de fazer-se bela, ora branqueando as faces, ora avermelhando os lábios, ora compondo o penteado. O esposo chegara mesmo a esta conclusão não muito lisonjeira: — que a companheira mais queria à água salgada do que a ele; — mas perdoava-lhe, — outros há que bem menos inocentes caprichos vão perdoando... — e nunca a sombra sequer dum arrependimento viera turvar a paz do seu viver.

Uma bela tarde, — tarde de banho por sinal — chegou o homem a casa, e, como se diz em português... cheio de fome. — “Tardará muito para a ceia? resmungava. Irá o banho em meio ou em princípio?” A esposa, é claro, achava-se invisível, e com a portinha fechada a sete chaves; mas casas japonesas são casas de papel, e uma fenda, um rasgão, convida-nos a enfiar os olhos para dentro. O caso é que ele espreitou. Surpresa! Horror!... Não é uma mulher, mas uma sereia, que se banhava, melhor dizendo — que nadava, em demoradas circunvoluções de regalo ao longo da tina, agitando mansamente o rabo e as barbatanas, e cantarolando baixinho canções do mar, canções das praias...

Pobre marido! — “Ah! canta-me assim, exclamou ele, canta-me assim, grande mostrengo!... Agora percebo eu as tuas habilidades em lidar com peixes, — lidas com os teus parentes, grande mostrengo!... — Melhor fora, sem dúvida, que eu nunca te conhecesse em tal estado, em tal nudez; mas, feito o mal, quer-me

parecer que nunca mais poderei tragar com apetite os teus guisados, intrujona...”

A porta, abriu-se então e apareceu a esposa. Chorava, caíam-lhe as lágrimas a punhos; chorava mas digna, resignada, lia-se-lhe no olhar uma resolução fatal. Falou assim, ajoelhando: — “*Danna*, meu dono, foi a sua benevolência para mim, um dia, extrema, tirando-me das águas, podendo fazer da minha vida o que quisesse, e salvando-me. Trouxe-me aqui um dever de gratidão: julguei com a minha presença poder amenizar a sua soledade, servindo-o como escrava. Deu-me o nome de esposa. A minha gratidão será eterna. No entretanto, acabando de ver-me assim na minha forma verdadeira, um bicho, um monstro que mete medo a toda a gente, compreendo que a missão que tomei chegou ao termo. Estala-me o coração, mas pouco importa!... *Danna*, meu dono, adeus. Do céu lhe chovam bênçãos...” — E correu para a praia e desapareceu nas ondas.

Pobre marido!... Por um ato impensado, perdeu para sempre uma companheira carinhosa; e, como das núpcias com a sereia lhe resultava o dom de longa vida, foi longa a sua viuvez, e longo o seu martírio...

A fábula, segundo observa, e com critério, o autor japonês que consultei a tal respeito, oferece duas lições de alta moral. Uma é esta: a mulher que pretenda conservar um bom marido, deve cativá-lo pela barriga, isto é, pelo esmero do seu repasto; parecendo averiguado que o estômago é o órgão mais sensível, e porventura o mais grato, do homem, o rei da criação. A outra lição é a seguinte: o marido que deseje manter a harmonia do seu lar, nunca interfira na *toilette* íntima da consorte; porque, isto de damas, — com sua licença, — todas lá têm o seu rabo, ou escama, ou barbatana, coisa enfim que melhor é não seja conhecida, em proveito dos dois, e em conformidade com o código inédito do amor, capítulo *Ilusões*, artigo... esqueceu-me agora o artigo, meus senhores.

1899.

# O CAVALO BRANCO DE NANKO

A CARLOS CAMPOS

Isto aconteceu há cerca de mil anos, em terras japonesas: um cavalo, que o grande artista Kanaoka desenhara num biombo do templo de Ninnadji, perto de Kioto, era uma tão bela criação, cheia de verdade e palpitante de vida, que todas as noites se escapava do papel para ir galopar pelos campos em roda, culturas fora, devastando a esmo as sementeiras; e o caso dava-se, claramente, com magno espanto e raiva dos campônios, que o perseguiram à pedrada. Estes campônios, impressionados pelas formas incomparáveis do animal, persuadiram-se por fim de que ele não podia ser outro senão o cavalo de Kanaoka; e a persuasão converteu-se um dia em certeza absoluta, quando viram na pintura as patas do travesso, úmidas ainda da lama fresca dos caminhos. Sem mais cerimônias, arremeteram contra a tela e esfuracaram-lhe os olhos; e consta que nunca mais houve queixas de estragos nas fazendas.

Ainda outro cavalo de Kanaoka, que era mestre no gênero, cavalo desenhado numa parede interior do palácio imperial, tinha o vício de ir devorar pelos jardins as flores tenras do açafreão; e só cessou a brincadeira quando alguém se lembrou de retocar a obra, amarrando o patife à parede com um pedaço de corda pintada para o efeito.

\*\*\*

Ora bem. De muitas maravilhas é sem dúvida capaz a mão inspirada dum artista!... Esses dois cavalos de Kanaoka, nascidos duma gota de tinta e de algumas curvas humorísticas de pincel, mas em todo o caso unidos do sopro sublime do exímio mestre, animavam-se por momentos, soltavam-se da tela, e aí iam eles!... Felizes boêmios eram e felizes tempos eram. Arte criadora, arte radiosa das épocas passadas, porque não vais tu regendo, ainda e sempre, os destinos de todas as coisas deste mundo?...

Nestes dias que correm, deslavados e tristes, mesmo no Japão, e não cessando de divagar no mesmo assunto de cavalos, confesso francamente a quem me ler, que nada me mortifica tanto como o espetáculo dos cavalos sagrados dos templos xintoístas. Ora aqui estão umas cavalgadas bem autênticas, bem vivas, bem reais, de carne e osso; e que, se fossem lidas em coisas de arte antiga nacional — mas não são, — por certo muito invejariam as simples criações no papel da mão de Kanaoka. Neste país japonês, onde parece que os seres, homens e bichos, nasceram e vivem num banho perene de sorrisos, mais desoladora se afigura ainda

a condição dos pobres brutos, que um dia inspiraram estas linhas melancólicas que escrevo.

Se pretendo ser de certo modo compreendido nas divagações que vão seguir-se — e é óbvio que pretendo, — convém que me detenha um pouco, falando de templos xintoístas em geral. O xintoísmo, da palavra *shintō* (a estrada dos deuses), é a crença primitiva, patriarcal, das épocas remotas no Japão; e conservada até hoje, a despeito da grande propaganda de Buda que se fez e se faz, é ainda a religião nacional, a religião do Estado. O xintoísmo é a adoração pelo Sol, pelo Imperador seu filho, por todas as forças da criação, pelas divindades protetoras, pelos gênios, pelos nobres, pelos heróis e pelos sábios. O templo de shinto é o recinto consagrado a uma dessas invocações. Distingue-se antes de tudo pelo *torii*, o grande arco de pedra ou de madeira avizinhando do lugar, e como que indicando o caminho ao peregrino. *Torii* quer dizer *descanso dos pássaros*; e assim ficamos já com uma noção primeira e delicadíssima na essência, aprendendo que no campo sagrado tudo é paz, tudo é remanso, pois que até aos pardais, cansados dos voos doidos que fizeram à aventura, se oferece um poleiro protetor onde descansem. Ao *torii* sucedem-se o amplo portal e o vasto espaço murado; e lá dentro, símbolos, alfaias duma religião toda de amor, são a paisagem graciosa, os jardins verdes, os bosques frescos, as rochas musgosas, os lagos quietos; aqui é a cisterna destinada às abluções preliminares dos crentes; ali são as monumentais lanternas de granito, esverdeadas pelos anos; além o nicho escarlate votado a Inari, raposa, Deus do arroz, não sei que mais, em todo o caso coisa muito santa; depois as construções ligeiras, de madeira nua, dispersas, e onde em dias festivos as donzelas do culto dançam ao som de estranhos ritornelos, ou silenciosos oficiantes abençoam as multidões, agitando sobre as cabeças reverentes um penacho de papel branco, emblema de pureza.

Nos templos mais faustuosos, não faltará outro acessório: o nicho garrido, a pequenina estrebaria, onde o cavalo sagrado mastiga eternamente a insípida palha do seu ofício. O deus, ou gênio do templo, tem o seu cavalo de estado; é justo. É geralmente um cavalito albino, de pelo branco e olho azul celeste, talvez porque se ligue uma certa ideia de candura a tal enfermidade. O deus serve-se dele como entende; alguém, a quem pergunto informações do cargo, diz-me que é o *Ó tsukae mono*... assim como quem diz: *o nobre moço de recados*. Admitamos pois que faz em regra os recados do deus, o que é já muito, e um alto mister, e por isso é sagrado e tem honras de santo; e em lances difíceis, mais distintos serão ainda os seus serviços. Ardeu há meses um dos mais famosos templos do Japão, em Yamada; não sei que coisas do culto foram depois encontradas ao abrigo e longe do sinistro; — foi o cavalo que as transportou para lá. — É voz do povo que em Osaka, em dois templos de shinto, desapareceram os cavalos quando rebentou a

última guerra com a China; — está-se mesmo a perceber que as almas desses deuses montaram nos ginetes para irem aos campos do inimigo, abençoar as tropas de Nippon. — Tais casos, porém, são raros, são raríssimos, nesta época positivista, tão escassa de milagres; e os cavalos brancos sagrados vivem e morrem amarrados à manjedoura, passeando uma só vez em cada ano, no dia da festa do templo, incorporados então triunfalmente à procissão, que percorre as ruas da cidade. É o encerro absoluto, é a constante imobilidade tediosa, sem mesmo as furtivas escapadelas dos cavalos pintados de Kanaoka. A palha abunda-lhes; acercam-se deles as crianças e as mulheres, que os adoram, e compram à velha, que por ali está cerca do estábulo, montinhos de feijões cozidos, que oferecem sobre as palmas das mãos rosadas, aos focinhos nostálgicos dos rocins.

\*\*\*

Eu conheço uns poucos desses brutos, mas tenho mais íntimas relações com o de Nanko, um templo aqui em Kobe, célebre, dedicado à memória de Kusunoki Masashige, que foi um nobre guerreiro e patriota.

No amplo santuário do templo estabeleceu-se uma feira permanente, dia e noite, mas principalmente de noite, atrativa e frequentada por passeantes e devotos. A vida inteira japonesa passa, perpassa aqui; quem já folheou os álbuns de desenho de Hokusai, e neles se interessou, deve depois votar horas inteiras a esta história viva e flagrante do povo de Nippon; e assim completar, quanto possível, a noção que haja formado deste povo, um dos mais interessantes, e o mais simpático talvez, do mundo inteiro.

A gente afluí de toda a parte, daqui, dali, d'além... Junto ao portal, condensa-se o formigueiro humano, em centenas, em legiões de cabecinhas; a pouco e pouco, sedas roçando sedas, risos correspondendo a risos, vai-se entrando, ao som dum contínuo ruído de socos e sandálias, que se arrastam pelo lajedo ressonante. Na escuridão da noite, o recinto define-se a princípio como um negrume vago, complicado de sombras de arvoredos, cheio de gente e de miríades de luzinhas bruxuleantes. Depois os olhos habitua-se. Vai por aí fora, direitinha ao templo, a grande rua principal, bordada de árvores várias, lajeada; pelos lados espraia-se o labirinto das passagens, por entre os alinhamentos das barracas, das tendas, das quitandas, armadas de improvisado, estiradas pelo chão; e é, à luz frouxa das lâmpadas, a exposição fantástica das cores, chispando em disparates como num campo imenso de caleidoscópio, correspondendo às mil indústrias que se estendem... Roupas, perfumarias, livrinhos, bocetas, charões, porcelanas, cachimbos, ferramentas, utensílios domésticos, bolos, brinquedos, flores, plantas, tudo: a indústria inteira do Japão, se condensa, coalha em museu. Além algumas



*chayas* vendem refrescos; as criadilhas convidam a turba a que se acerque. Mais longe, são os teatros populares, um cobre por entrada: — cães sábios, atletas, abortos, serpentes, panoramas; — ou a sala do *hanashi*, da palestra, onde um patusco entretém os fregueses, contando-lhes histórias. Num espaço mais livre, um sujeito com um grafofone, um dentista, um inventor de remédios milagrosos, discursam, explicam, profetizam.

O formigueiro humano ondula, alastra-se, sem desígnio, à aventura. As sociedades ocidentais nada nos oferecem de parecido. Isto, aqui, é a multidão, sem pressas, sem gritos, sem exasperos, tal como no-la apresentam todas as grandes tribos do Oriente; é o cardume de gente, retida na praça pública como o sargaço em mares tranquilos; aqui, quadro requintadamente gentil e sorridente, inconfundível, mas que ainda nos recorda as aglomerações da plebe nos templos de Cantão ou nos bazares de Aden, ou do Cairo; e, subindo nos tempos e retrogradando em espírito vinte séculos, quase nos desdobra aspetos vividos, embora fugidios, da Jerusalém bíblica, nos seus magotes de homens vestidos de túnicas rojantes, vagueando, palestrando de manso, alongando os braços nus em gestos calmos e solenes.

Querer inventariar os tipos, fora insânia, — é a massa inteira popular despreocupada, risonha, gozando de viver. — Passam famílias, — o pai, a mãe, um filho preso ao seio e os outros pela mão; — ranchos de soldados e ranchos de marujos; ranchos de raparigas; moços, alguns indo a caminho do bairro dos prazeres, Fukuwara, que está perto; peregrinos; mendigos; vadios; larápios; estrangeiros. Os garotos assopram nas trombetas que compraram, ou mordem em bolos ou em frutos. Aquela *musumé* fresca, vestida apenas do seu *kimono* de Verão, azul e branco, já vai de volta; e leva dependurada das mãozitas uma gaiola em miniatura, cheia de reluzentes pirilampos. Uma velha rejubila com o vaso de belos lírios que mercou. É aqui em Nanko, no mercado especial das plantas, que se revela bem o mimo desta gente em jardinagem, — delicados arbustos, havendo merecido longos desvelos de cultura, seleção graciosa de flolescências; — e é de ver-se o afã na escolha, o brilho dos olhitos cobiçosos, dos grupos em roda da exposição dos pinheirinhos, das cerejeiras, dos bambus, dos crisântemos, dos lírios, da wisteria. — O espírito simples, o desejo fácil de contentar, a puerilidade quase infantil, estampa-se em todos esses rostos, e dom gentil da mão industriosa, ressalta de todos os artigos. Quem tiver duas moedas de cobre na bolsinha — e todos as terão, — pode comprar um objeto de arte; compra-o sem dúvida, e no júbilo da face transparece a alegria plena duma alma satisfeita. Dessa manifesta inocência de sentimentos, dessa psicologia alheia de complicações e de tormentos, deve em rigor depreender-se uma superioridade de raça, uma animalidade esplêndida e exuberante, muito distanciando-se da vibratilidade mórbida das raças exaustas do Ocidente; e é isto que vagamente se adivinha na esbelteza dos vultos

que vão passando, na flexibilidade harmônica das curvas, no jogo patético da mímica, na confiança serena com que o pé dominador pousa no chão. Feliz povo! Feliz povo de ontem, de hoje, e possivelmente de amanhã... Não é outra a conclusão sincera do nosso exame passageiro.

\*\*\*

No entretanto, a um canto, no estábulo garrido, boceja o cavalo branco sagrado de Kusunoki Masashige. Por velha simpatia, procuro-o sempre, e passo quase horas inteiras, a vê-lo, a namorá-lo. Quantos anos terá de sacerdócio? Dez anos? Quinze anos?... Não lhe despertam zanga nem prazer as minhas visitas repetidas. Cabeça baixa, o olho azul mortiço, parece nada querer, nada sentir, nada sofrer e nada desejar. É quase de papelão, à força de insipidez, o garranito. Ao burburinho, à luz, às cores, às músicas distantes, é insensível. Ao belo verde do arvoredado é insensível; pelos modos, não se recorda já das paisagens por onde espinoteou... O seu olho azul-celeste, vítreo, provavelmente míope, relanceia com a mesma apática frieza, as mil cenas do acaso; à gente que o encara, — ralé da praça pública, garotos, cavalheiros, acaso um general, acaso um conde, acaso um inglês de nobres pergaminhos, — vota a mesma indiferença irreverente que às moscas importunas que pousam, por enxames, sem que o comovam, na mucosa descorada da sua pobre focinheira. Só uma vez, presumo, o vi enternecido: relinchava uma égua algures, longe sem dúvida; levemente se lhe agitaram as orelhas, como se uma vaga reminiscência, penso eu, pelo bestunto lhe correria; e pareceu-me então ver o seu olho azul-celeste arrasar-se de lágrimas, pareceu-me... Às vezes, avança de bom grado a língua, a ir lambe as mãos das raparigas; por capricho talvez, e por hábito, porque são aquelas mãos que costumam oferecer-lhe, como óbolo piedoso, os feijões cozidos comprados à velhita que por ali anda, próximo do estábulo...

Eis todo o seu romance.

\*\*\*

E mais nada. Disse tudo. Se alguém, por mais curioso, quiser ainda arrancar-me o segredo desta minha estranha simpatia pelos cavalos sagrados dos templos de shinto, — tanto mais estranha simpatia, quanto é certo que não me acusa a consciência de jamais ter pertencido a qualquer sociedade protetora de animais, — aqui lhe ofereço, a esse alguém, a seguinte estupenda confiança. No Japão, se não erra o meu juízo, só os cavalos dos templos são tristes. Eles, e eu. Há entre nós misteriosas analogias; não gracejo. Após longos estudos da própria carcaça, acabo de concluir — imaginem o quê!... — que também sou albino. Não pela anomalia congênita da falta de pigmento corante da pele, dos cabelos e dos olhos, concordo; albino psíquico porém — não sei se me faço perceber... — albino na alma dolente,

na vibratilidade exangue, na apatia da vida, após os mil baldões da sorte, e desfeita no ar a última bola de sabão das minhas ilusões. Do meu pouso, que comparo sem grande esforço ao estábulo de Nanko, assisto ao contorno das cenas e ao perpassar da turba; mas alheado de tudo, e esquecido até das saudades da paisagem serena onde vivi os meus primeiros anos. Alvorços de afetos? amores? fazem favor de me dizer para onde fugiram essas quimeras aladas da minha pobre juventude?... Quando muito, como o cavalo de Nanko, mas ainda mais desinteressado do que ele, porque me sinto naturalmente excluído do quinhãozinho de feijões que pode seduzi-lo, quando muito, se diviso essas *musumés*, com as suas mãozitas muito alvas, muito mimosas, tenho por essas mãos, vagas ternuras: aqui, neste meio onde me vejo, são-me elas o emblema dos carinhos do sexo delicado; e incutem no meu espírito uma noção de paz possível, — aqui, algures, não sei onde, — no lar da família, quando abençoado pelos fados...

1899.

# A PRIMEIRA FORMIGA

A SEBASTIÃO GARCEZ

À parte esta dedicatória especial, é às formigas e aos sábios — Deus não permita que elas, ou que eles, tomem a mal o paralelo — que eu ofereço as revelações que vão seguir-se, nas quais se explica, após longos preâmbulos, como é que a primeira formiga veio ao mundo.

Quando na China, pela era do imperador Tai-Sun, as terras andavam divididas pelas mãos de muitos monarcas inquietos, envolvidos em contínuas batalhas e baralhas, deu-se um caso no céu, digno de particular ensinamento. Acontecia que uma certa deusa do Olimpo — Lei-San era o seu nome — nunca ia dar o seu (passeio pelas nuvens, imagino) sem se esmerar em demorados arrebiques, em meticulosas pinturas de cútis, das sobancelhas e dos lábios. Pieguices do sexo, desculpáveis, e até de certo modo meritórias; mas o caso motivou, certo dia, um risinho malicioso da sua serva mais querida, e ainda por cima este comento pouco respeitoso: — “A deusa tem pelos modos algum defeito no seu rosto, e cuida de escondê-lo à força de cosméticos...” — Vão lá chasquear impunemente dos encantos duma dama! e quando ela for divina... É certo que tão cheia de cólera ficou a divindade, que vestiu a delinquente duma pele diabo que encontrou a jeito, pele horrível, cara azul, ruiva a guedelha, dois dentes curvos surdindo da boca para fora, e mãos e pés disformes; e assim, nesse bonito estado, a escorraçou do céu, aos beliscões, e a enviou ao mundo em expiação. Chamava-se Tchong-Mou-In, a penitente.

\*\*\*

Tai-Sun, empenhado em pelejas, e mortificado por inúmeras derrotas, teve uma noite um sonho radioso, difícil de explicar. Consultado sobre o caso um letrado favorito, anão por sinal e muito feio, mas um poço de ciência, ele disse ao soberano, após magnos processos de magia, que o sonho revelava que os deuses lhe haviam destinado certa dama por esposa, forte de gênio e habilíssima na guerra, a quem mais tarde se deveria a salvação do estado.

O anão dispunha-se a prosseguir, depois de curta pausa; mas não quis mais ouvir o imperador; e ei-lo cavalgando o ginete dos cortejos, em pompas de comitiva festival, dirigindo-se para onde vivia a sua bela, conforme as indicações do anãozinho. Atravessa povoados, galga montanhas, desce vales; voa, não corre, sua majestade; voa nas asas da esperança, pula-lhe o coração em mil anelos; e assim foi dar com Tchong-Mou-In.

Imagina-se a cena. Não há palavras que descrevam o desapontamento do monarca. Trêmulo de indignação, rompeu logo em iras e em blasfêmias; pela mente, passaram-lhe de súbito processos de torturas a exercer; e dum gesto esporeou a alimária, no intuito de regressar ao seu palácio. Ah! mas o soberano não contava que a dama, que a princípio o recebera com doces humildades de etiqueta, que a dama, expulsa embora do céu e do convívio dos seus deuses, ainda deles auferia benevolentes proteções. A dama, num esgar provocante da sua face azul, arreganhando os dentes e estendendo solene a mão papuda, conteve dum aceno sugestivo a fúria do cavalo, e vomitou ao cavalheiro, severos vaticínios. Gritou-lhe que havia de casar com ela, se não quisesse ali ficar eternamente quedo; gritou-lhe que havia de recebê-la como imperatriz, e que ao seu braço de mulher, astuto e vigoroso todavia, teria de confiar altas empresas. Enfim, para encurtar razões, e apressar o fim da história, direi que o imperador desfez-se em cortesias e desculpas, venceu-lhe o asco e o medo, e tudo prometeu. Não tardou que aquele monstro feminino lhe entrasse pela casa, rude e plebeu, endiabrado, dispensando cerimônias, transportando ela própria às costas o enxoval — dois cabazes, uma tesoura, um espelho, um pente, uma vassoura, uma bacia de lavar o rosto, — utensílios que, desde então até hoje, como que ficaram consagrados, simbolizando do lar doméstico o núcleo indispensável.

\*\*\*

Três meses, consta, esteve o imperador alheio à convivência da esposa, prolongando-lhe por esta forma uma castidade fastidiosa, com que ela provavelmente, não contava. Paciência. Por vezes, na fria intimidade dos salões, procurou desprestigiá-la aos olhos dos vassalos. Diz-se que um dia, reunidas a esposa e a concubina favorita, uma aposta se fez, sobre qual das duas, em escrita, mais hábil se mostrava; e para isto se combinou contar quantos caracteres eram elas capazes de escrever no tempo necessário para arder de um pivete perfumado, que alguém foi colocar sobre uma urna próxima. Do lado da favorita, cuja cultura literária é primorosa, estão o imperador (o basbaque!) e dois validos; do lado da soberana, apostam três letrados, e um deles é o anão. Ei-la, a amante, interessada vivamente no certame, toda olhos, toda atenção, toda adoráveis frenesis dos seus belos dedinhos cor de leite, que empunham o fino pincel, e correm febrilmente sobre o papel que lhe trouxeram. A soberana, o mostrengo (perdoe-se-me o qualificativo que me ocorre), face azul pousada nas manáculas, dedos disformes enfiando pela trunfa ruiva, olho impassível e matreiro, relanceia, aparvalhada e imóvel, a cena, e os espectadores. Sobressaltam-se os letrados, que adivinham, numa eminente surriada, o desprestígio próprio no conceito do monarca. — “Senhora, segredam, por piedade, decida-se a escrever...” — A bruta não os escuta. Repetem-se, multiplicam-se as instâncias; até que finalmente, atendendo a tantas

súplicas, diz ela: — “Vão buscar aos meus aposentos um pincel.” — Voam escudeiros, volvem breve: — “Não se encontra, Senhora!” — Ela indica que está junto dum armário. Os vassalos replicam: — “Perdão, não está; o que está é uma vassoura...” — Então berra a soberana: — “Pois é isso mesmo, seus patetas!” — E tomando da vassoura, e ensopando-a numa mixórdia de tinta, de que mandou encher a bacia que trouxera no enxoval, isto quando o pivete ia chegando já ao termo, com a vassoura lambuzou um enorme papel, dum gesto apenas; e por milagre, — que só assim se explica tal portento — apareceram nítidos, sublimes, mil e mil caracteres da mais adorável forma caligráfica.

\*\*\*

Na guerra, dirigindo ela mesma, em pessoa, a turba dos guerreiros, foi colhendo vitórias e engrandecendo os seus domínios. Nos ardis, um primor.

\*\*\*

Uma vez, convidados, imperatriz e imperador, para um banquete de monarcas, com os quais andavam de guerreira porfiosa, um dos nobres apresentou aos convivas um enorme macaco que possuía, mono astuto nos seus modos de selvagem, e exímio num jogo então em moda, semelhante ao gamão dos nossos tempos. — “Senhora, ides jogar três partidas com este mono; se a última ganhades, são vossas, nossas terras; se a perderdes... percebeis-me?” — Trava-se o jogo em que a imperatriz não era forte, pouco afeita a prendas de salão, e sendo notório que nos céus, onde passara a juventude, o jogo é proibido. Coragem!... Primeira partida: ganha o mono. Segunda partida: ganha o mono. Tchong Mou-In desfalece em íntimas angústias, julga-se perdida, quando então se lembra de invocar os deuses. A sua divina ama, que nunca a abandonara, despede do céu um aviso visível só para ela: — Toma este fruto; esconde-o na manga da cabaia, de modo que apenas o macaco dê fé dele, e joga resoluta. — Terceira partida: o mono dando vista do acepipe, banana ou coisa parecida, estremece de desejos; o traseiro, onde parece residir a alma dos macacos, pula-lhe em sobressaltos, em anelos, sobre o assento da cadeira; e com a dentuça arreganhada, o olho em brasa, em arco as espessas sobranceiras, o bestunto por certo desvairado, balbucia gritinhos repetidos — eh, eh! eh, eh! — que irritam os convivas. A mãozita felpuda ainda vai mexendo as pedras, por hábito, por dever, mas sem arte, sem intuito; e a razão foge-lhe, abandona-o — tão imperativa é a lambarice nestes figurões da fauna cômica! — E perde a partida decisiva!

Um parêntesis na história. Dizia-me há dias um companheiro de desterro, dos raros com quem logro palestrar: — Ora veja você quantos macacos há por este mundo, de gravata, e casaca, e rosa na carcela, quando não é uma comenda, astutos no

gamão e noutras prendas várias, quase atingindo as alturas da audácia e do triunfo; num momento fatal, uma banana qualquer, mostrada a jeito, desnorteari-os, alucina-os, aniquila-os... E que, por mais que façam, são macacos, embora a cauda se não veja, decerto oculta nas ceroulas, e ninguém há que possa purgá-los, expurgá-los, do sangue dos avós...

\*\*\*

Continuo.

Uma das mais belas façanhas que ilustram a gloriosa mulher, se mulher é, de quem me ocupo, é a seguinte. Travava-se então renhida a luta pelas armas, entre vários soberanos, já com enfado de vencedores e de vencidos. Tai-Sun ia levando a melhor nas investidas. Eis que os reis desbaratados, unidos em conluio, julgam ir pôr termo a tão irritante situação, e muito em seu proveito, propondo ao imperador um curioso problema. — Não nos façais a guerra. Aqui tendes uma pérola, arrancada dum anel; notai que tem dois furos esta pérola, comunicando entre si interiormente por um labirinto de nove canaizinhos; se conseguis apresentá-la enfiada numa linha, juramos-vos a paz e a entrega por inteiro de tudo que hoje é nosso.

Irra! Em que apuros se viu o bom soberano em caso tão difícil!... Os conselheiros ficaram-se calados, macambúzios, e nada aconselharam. Foi então impingindo esta questão à esposa, ele, que a não beijava, nem lhe queria, mas que em assuntos escabrosos só nela tinha fé. Tchong-Mou-In recolhe-se, implora aos deuses. A sua divina ama envia-lhe então do céu uma formiga, a primeira formiga que veio a este mundo; e manda a verdade que se diga que essa formiga pré-histórica era um nadinha diferente das formigas contemporâneas, menos esbelta nas formas, mais bojuda. Tchong-Mou-In compreende o precioso auxílio: ata uma linha a meio corpo do bichinho, leva-o assim junto da pérola, junto dum dos seus furos, por onde se vê forçado a enfiar, não tardando que surda pelo outro, arrastando a competente linha atrás de si. É a glória!...

E não reparam hoje na delicadeza da formiga, leve a cintura, como a cintura duma dama espartilhada? Dantes não era assim. Consigna-se o fato como indicando ainda às gerações presentes uma maravilhosa herança atávica, a impressão do nó com que a linha se prendia e apertava a primeira formiga, a formiga lendária, a mãe de todas as formigas que hoje passeiam sobre a terra.

\*\*\*

Nada mais sobre o inseto. Poucas palavras apenas pelo que respeita à soberana.

Lei-San, a sua divina protetora, perdoou-lhe finalmente o passado sorriso de motejo, que valia uma injúria; despiu-a da pele monstruosa que lhe dera, por expiação do seu pecado, restituiu-lhe a peregrina beleza que lhe era própria... O imperador, antes que a consorte volvesse aos seus labores divinos, pode vê-la, e por longos anos, no completo esplendor dos seus enlevos. O imperador, que já lhe tributava incondicional veneração, graças aos seus prodígios, que tanta ventura lhe trouxeram, e prosperidade ao império, pode então também amá-la, amá-la apaixonadamente, embevecido em tanta graça, em tanta formosura. Imagine quem quiser como àqueles amorosos as horas iriam correndo encantadoras, na serenidade misteriosa do palácio, cingido por muralhas de mármore, e rodeado de jardins, e no afã de festejarem aquela lua-de-mel, tardia embora, que lhes aparecia no horizonte!...

1899.



# OS DIABOS E OS VELHOS

A NUNO QUERIOLO

Fala a lenda japonesa.

Era uma vez um velho, que tinha um enorme lobinho sobre a cara, na face por sinal. Certo dia, achava-se ele na montanha, a cortar lenha — era esta a sua humilde profissão, — quando o surpreendeu uma terrível tempestade, chuva a potes, ventania desabalada, o raio faiscando nas alturas; tão terrível, que se viu obrigado a ficar por aqueles sítios e a buscar um abrigo para a noite. Abrigo, na floresta, era difícil problema; um grande tronco de árvore, escavado pelos séculos, ofereceu-lhe a única guarida.

No seu posto, agachado e sem poder dormir, foi o velho passando tristes horas. Alta noite, principiou a dar razão dum estranho vozear, longe a princípio, mas pouco a pouco avizinhandose-lhe. — “Olá, resmungou, tanta gente por aqui, e eu que contava achar-me só?...” — E pôs-se a espreitar, curiosamente, sem sombra de receio.

O que o velho então viu, muito a custo, à luz fugidia dos relâmpagos, mal pode imaginar-se. Uma numerosa sociedade aproximava-se; mas nunca ao velho aparecera tão estranha sociedade como aquela. Era um bando imenso de patuscos, de diabos incontestavelmente, medonhos nos aspetos: uns, encarnados, vestidos de *kimonos* verdes; outros, negros, vestidos de *kimonos* encarnados; a um faltava um olho; a outros o nariz; alguns não tinham boca. Puseram-se a acender uma fogueira enorme, com palha, com folhas, com cavacos que encontraram; e as chamas sinistramente os patentearam. Acocorados em torno da fogueira, em duas filas, bebendo *saké* em amigável reinação, pareciam mesmo gente, os tais demônios. A vasilha ia passando à roda, de garra em garra, entre os convivas; e tantas voltas deu, e renovada tantas vezes foi, que já não tinham conto as bebedeiras. Um dos mais jovens assistentes ergueu-se como pôde, e começou uma cantiga, dançando ao mesmo tempo; os outros imitaram-no. Era então extremamente emocionante a vista da paisagem: a fogueira, ateadada pelas rajadas sucessivas, alastrava-se e subia, furiosa, até às nuvens, em turbilhões de fumo e labaredas, e ia alumando diabolicamente a cena inteira — ramarias de bambus e de pinheiros, profundezes de bosques, penedos gotejantes, torrentes espumosas, e ainda a turba imensa dos diabos esbravejando em mímicas atrozes. — Uns rodopiaram em vertiginosas piruetas; outros iam gravemente alçando a perna e ensaiando minuets; outros, imóveis, ou antes querendo assim quedar-se, ondulavam em bordos grotescos de borrachos; e de colina em colina os ecos

repetiam os torvos descantes em falsete, de mistura com as lamentações das árvores açoitadas pelo vento, e a salva de artilharia dos trovões. Berrava uma voz esganiçada: “Que grande reinação! mas bem quisera ver mais alguma novidade!...”

\*\*\*

Metido no seu esconderijo, o rachador de lenha passou por todos os tormentos que o espanto, o susto e o desamparo juntos produzem no ânimo dum velho. Por fim, passadas horas, ia já folgando na festa — ou não fosse ele japonês! — e tal poder teve sobre ele a bambochata, que lhe venceu escrúpulos e temores, e o levou a esta resolução formal. — “Matem-me embora estes diabos, se quiserem, mas pretendo também ir pandegar!” — Surdindo então da toca, barrete enfiado até às orelhas, machadinha suspensa da cintura, ei-lo a reunir-se à malta, a dar as boas-noites e a ensaiar passos de dança. Foi agora a vez de se espantarem os demônios; mas tão cômico era o velho, no seu pobre corpinho corcovado, avançando em meneios, e recuando após, e virando-se para a direita em cortesias, e voltando-se para a esquerda em reverências, e traçando no ar, com o pé descalço, estupendas parábolas coreográficas, que desataram todos em risota, gritando: — “Viva o velho! muito bem! que bem dança o velho!” — E prosseguiram depois, neste propósito: — “Queremos que tomes sempre parte em nossas festas, por seres mui reinadio; mas, como pode acontecer que não pretendas voltar mais, vais deixar-nos um penhor de que acederás a este convite.”

Consultaram-se entre si, e decidiram da consulta, extrair-lhe o lobinho; muita gente do povo, é notório, considera este achaque como um valioso talismã para ser-se afortunado. Ei-los pois, olhos atentos, braços nus, dedos palpando, lancetas e tenazes em ação; e o velho estendido sobre o solo, um segura-lhe uma perna, um outro a outra, outro prende-lhe os braços, outro delicadamente ampara-lhe a cabeça; e saíram-se do caso com limpeza, não causando a menor dor ao paciente. Depois, foram guardar o lobinho num estojo.

Quando, sereno já o tempo, rompeu a madrugada, uma bela madrugada cor-de-rosa, e os pardais começaram a papear nas ramarias, desapareceu então a malta dos demônios. O velho desceu à sua aldeia. Entrou em casa muito contente, ainda um tanto estonteado da bebida, sem o lobinho é claro, com a sua face muito lisa, sem o mínimo defeito. O caso maravilhou com razão a companheira, e a gente conhecida. Ia-se servindo o chá pela família e pelos curiosos que acorriam, sobre a esteira, junto do braseiro; e era uma chuva de exclamações e de perguntas, que obrigaram o velho a explicar, nos seus detalhes surpreendentes, as peripécias da estranha noite que passara na montanha.

\*\*\*

Ora, havia entre os vizinhos presentes um outro velho, que tinha um enorme lobinho sobre a cara, na face esquerda por sinal. Muito calado, assim com ares de não prestar ouvidos à palestra, ia em mente, o finório, retendo todas as minúcias. Não partilhando das credices da gentalha, pelo contrário, desejoso de ver-se livre do tortulho, ia já estudando a maneira de entregar-se nas mãos de tão sábios curandeiros. Ei-lo pois, por uma noite escura, caminho da montanha; seguidamente, ei-lo abrigado sob o mesmo tronco de árvore, à espreita dos diabos. Não faltaram. Começou a bambochata, — risota, dança, vinho. — Juntou-se então aos demônios, a medo, um outro figurão. — “Olá, cá está de novo o velho! voltou, e vem dançar!” — Dançou, efetivamente, e sem ser muito rogado; mas era um desastrado; e tão mal desempenhou o seu papel, tão falto de jeito e de pilheria, que os demônios, tomando-o sempre pelo conviva primitivo, zangaram-se e disseram-lhe: — “Enganaste-nos, brejeiro! és um grande desjeitoso; devolvemos-te o penhor que nos deixaste e aconselhamos-te a que não pises mais este lugar.” — Um da chusma foi buscar o lobinho, e zás! pespegou com ele na face direita do sujeito. Saíra de casa com um, e voltou com dois, um lobinho em cada face. Pode imaginar-se o desapontamento do sujeito e a hilaridade dos vizinhos. Parece que, na aldeia, durante semanas e semanas, paralisou todo o trabalho; os velhos, as velhas, as raparigas, os garotos, não faziam senão rir, rir a bandeiras despregadas, — e o caso não era para menos! —

1899.

## PAU-MAN-CHEN

A ANTÔNIO BALDAQUE DA SILVA

Cena doméstica. Lá está o meu cozinheiro a *bater cabeça*, como se diz neste Macau; lá está ele rezando aos seus deuses protetores. Que lhe preste! Acabou de me roubar nas contas, como bom chinês que é, serenamente agressivo em tudo ao europeu; e passou a entregar-se a esta outra ocupação não menos meritória.

Sendo seus os aposentos inferiores, é ali rei, ou pelo menos mandarim; faz o que quer. Os altares aos deuses anicham-se pelas paredes, aos cantos do sobrado, sobre as mesas; e até junto ao fogão, onde se guisa o meu jantar, se presta culto a supinas divindades. Misteriosos ritos. São papéis encarnados, contendo cabalísticos dizeres; são figuras de horríveis monstros, coloridas pelas tintas mais surpreendentes, nas disposições mais grotescas, despertando quase o riso, despertando quase o medo, a quem não vive em graça em tal Olimpo. Ali o cozinheiro, em humildes genuflexões de crente, vem depor suas ofertas, minhas ofertas, pois sou eu que pago a festa, — ofertas de laranjas, de doces, de chá, de porco assado e de outras iguarias. — Ali ardem lumes místicos; e frequentemente, pela noite, como agora, se queimam pivetes, círios rubros, resinas e papéis, de tudo emanando um fumo atroz, que invade em torvelino a casa toda, que chega sem respeito ao sítio onde me encontro, e me sufoca. Paciência! *Paciência* é o único código de conduta para o aventureiro que escolheu para exílio um canto exótico, longe, muito longe do torrão onde nasceu, e no qual a civilização disparatada, a feição própria das gentes com quem lida, hão de fatalmente apresentar-se, dominantes.

Os deuses, com quem por assim dizer vivo em contato, e a cuja sublime proteção, posto que indiretamente, me confio, são muitos, um enxame. É todo o Olimpo budista e o inteiro mito primitivo, amalgamados em credices; legiões de espíritos. Naturalmente, há uns mais preferidos, que se invocam no lar com mais piedoso amor; neste número, segundo informações recentes que colhi, deve contar-se Pau-Man-Chen; e é a sua história maravilhosa que me proponho narrar, como puder.

\*\*\*

O deus Pau-Man-Chen, venerado em todo o imenso império, tem uma face branca e tem uma face preta. Na China não há efetivamente ninguém que não o adore, que não lhe preste no altar doméstico, o culto merecido; a ele, que tudo sabe e tudo pode, que possui a ciência do bem e a ciência do mal, que com um olho

contempla os céus e as grandes coisas puras, e com o outro mira a terra profunda até aos antros lóbregos dos demônios, adivinha-lhes os maléficos desígnios. O deus Pau-Man-Chen tem uma face branca e tem outra face preta...

\*\*\*

Há não sei quantos mil anos, morreu não sei aonde, uma mulher casada. O marido, não resta dúvida, procedeu segundo o ritual do estilo, e mandou depositar o caixão num solitário templo. Mal imaginava ele que a defunta seguia grávida no esquife; e mal imaginava que o menino, que se ocultava no seu ventre, ia votado a altos destinos...

\*\*\*

Foi por aquela época, numa mercearia do sítio, que começou sendo notado, com justo sobressalto do dono da quitanda, o caso que vou expor. Fazia-se sem novidade a venda, dia a dia; mas, quando pela manhã se dava balanço às contas e ao dinheiro, encontrava-se sempre, de mistura com o monte das sapecas, dois desses papelitos amarelos, com a competente mancha prateada, que são nada menos do que a moeda corrente entre as almas do outro mundo, nas suas transações... Era prova claríssima de que andava por ali coisa sobrenatural, — bruxaria, visita de fantasmas, ou outro mistério parecido. — Estudou-se o caso atentamente e com bem justificáveis ânsias de terror; observaram-se os fregueses, um por um. Chegou-se por fim à conclusão de que, em tal enigma, andava por certo envolvido aquele vulto de mulher de maneiras suspeitosas, trazendo uma criança no regaço, e chegando-se todas as noites ao balcão para comprar um bolo, que oferecia ao pequerrucho. Aos cobres, que largava das mãos lívidas, cadavéricas, não havia nada que dizer-se; eram excelentes; mas quem ignora que de noite todos os bruxedos são possíveis, e é a luz fraca do dia que seguidamente os desmascara?... O patrão (os tendeiros do mundo inteiro, e desde séculos sem conto, são homens de raro engenho), o patrão, certa noite, conseguiu sem ser sentido, atar um longo fio à ponta da cabaia da freguesa; e quando ela se ausentou, pôs-se a largar o fio, à medida dos seus passos. No dia seguinte, facilmente o finório percorreu a linha de trajeto da misteriosa caminheira; e foi assim esbarrar, no termo do passeio, com o caixão da defunta, de que atrás se fez menção. Do caso, sem detenções, correu a dar parte ao viúvo, de quem era conhecido.

Acercam-se o viúvo e um bando de curiosos, do esquife, e abrem-no, ao pasmo de todos. Cena estranha! Sobre os farrapos descoloridos, úmidos, fétidos, pasto de vermes, — quem já, dos que me leem, pousou os olhos no espetáculo duma tumba escancarada? — lá está estendida a esposa, e lá está um menino. Vivo? sim. Viva?

viva parece, duma existência sobrenatural embora; mas como ninguém dela cuidasse, ali ficou jazendo para sempre. As atenções, os carinhos, convergem para o menino; o pai estende-lhe os braços, arranca-o à desolação daquele leito, chama-o à vida, à sociedade, ao mundo.

\*\*\*

A lenda popular completa esta curiosa história pela maneira que vai ver-se. A defunta, ali amortalhada, ali estendida sobre as tábuas, foi mãe, não sei por que milagre — não se discutem milagres. — O resto explica-se melhor: o mistério psíquico da maternidade, isso que nas mães se patenteia como uma força imensa, sem limites no afeto, sem barreiras nos zelos, capaz de todos os arrojos, pode aninhar-se naquele corpo inerte, e imprimir vontade àquele feixe de ossos. Aos primeiros vagidos da criança, o cadáver pôs-se a contemplar os próprios seios murchos, pendentes, vazios de seiva, roídos pelos bichos. O cadáver moveu-se então, galvanizado pelo amor — qualquer cadáver de mãe, naquelas condições, faria o mesmo; — começou a dar pontapés no impossível; partiu a murros as paredes do seu cárcere; e apertando de encontro aos ossos o filhito, e embrulhando-se discretamente na mortalha, foi a correr comprar um bolo à venda próxima. A criança assim foi medrando, passando os dias naquele estranho berço. Foi por isso que ficou com uma face branca, a que voltava para a luz e para o céu, e com uma face preta, a que pousava na sombra, de encontro à terra negra. De então lhe veio o duplo condão de conhecer o bem e de conhecer o mal, de ver com um olho os deuses, e com um olho os demônios. Pelo correr dos anos, foi mandarim de modestos lugarejos, pois lhe sobrava asco pelas riquezas, pelo fausto e pelos altos cargos. Os nobres senhores, o próprio imperador que muito o honrava, tremiam do seu juízo. Lia nas consciências e lia nos destinos. Distinguia na turba os humildes, os bons, os oprimidos; e também os impostores, os verdugos, os infames. Premiava as virtudes, azorragava os vícios. Os desmandos da corte, a rapina dos ministros, os mexericos das concubinas, foram por ele desmascarados e punidos. Assim viveu por longos tempos este grotesco e sublime figurão; assim passou por todo o império, para glória da China e para consolação dos ofendidos. O povo punha de parte os labores e vinha prostrar-se em saudações à borda das estradas, ao vê-lo atravessar cidades e campinas, galgar os montes e descer os vales, sempre incansável, seguindo a largos passos, como se fosse um procurador atarefado com demandas. Flutuava-lhe ao vento a longa cabaia esfarrapada, suja de lama e de poeira dos caminhos; a mão adunca brandia um báculo nodoso; as pupilas chamejavam iracundas; o corpo ossudo definia-se, na majestade feiúra dos gestos arrogantes, nos compridos bigodes de asiático, pendentes como franjas, na barba aberta em leque, chegando-lhe à barriga, e na disformidade do rosto pintado a duas cores, branca uma face e outra face preta. Um belo dia safou-se

deste mundo; mas lá anda no outro, certamente, espreitando cá para baixo, e não largando de mão o seu fadário.

*1899.*

## A CARICATURA NO JAPÃO

*A CAMILO PESSANHA E JOÃO VASCO*

Grande coisa, meus senhores, é ter engenho!.. Eu não me gabo muito desta prenda, confesso-o francamente; mas tive há pouco azo de julgar pela própria consciência — mercê dum rasgo excepcional do meu bestunto — quanto vale uma boa ideia; e concluí que a felicidade humana seria coisa fácil, se uma impulsão sagaz do espírito fosse guiando sempre os nossos passos neste mundo. E assim fica satisfatoriamente justificada, penso eu, a exclamação com que enceto estas divagações, escritas por uma noite fria de Janeiro, no meu gabinete silencioso, na cidade de Kobe, no Japão.

Vamos ao fato. Ah, pobre espírito enferrujado pelos azedumes da existência, gasto pela longa fricção das coisas e dos homens, sofrendo pela dor do passado, pela insipidez do presente e pelas tristes promessas do futuro! como tu, meu pobre espírito, caíras na quase insânia, consciente, e por isso mesmo mais penosa, daqueles para quem, por mal dos seus pecados, a vida se vai tornando toda um imenso enfado... Morbidez de temperamento? incompetência ingênita para a luta? fadiga, após os mil baldões da sorte? pouco importa; não vale a pena agora desenredar esta meada. Passava, e passo ainda, longas horas do dia junto da minha secretária; é este o meu ofício. Alguém, que entrasse, via-me grave, correto, rodeado de livros e papéis, e até, presumo, — perdoem-me a vaidade — talvez me atribuísse uns certos ares de sábio, em cuja mente magnos problemas se iam sublimando. Só, bem só, entre quatro paredes discretas, desfalecia; o olhar vago fixava-se no nada, todo o meu ser se inutilizava, perdia-se em abstrações, desinteressado da realidade, de mim mesmo, morto, — porque há para alguns uma morte percussora daquela que rói na tumba a febra e põe a nu os ossos brancos do esqueleto. — E vai então, um belo dia, achando-me casualmente num bazar de Osaka, compro uma figurinha de barro da deusa O Fuku-san, que coloquei sobre a mesma secretária referida.

Ora aqui está, no fim de contas, em que consiste o meu rasgo genial; e vou dizer porquê. O barro é trabalhado por dedos tão amorosos de artista, — um obscuríssimo artista certamente; — a pasta impregnou-se com tanta obediência da feição predominante da alma japonesa, — naturalismo humorístico, caricatural; — que a deusazinha patusca que aqui tenho a meu lado, uma bugiganga de três polegadas de altura, quanto muito, é toda ela uma gargalhada viva, supina, radiosa!... Acontece que a tristeza, borboleta negra das trevas, foge espavorida da minha convivência; pouso os olhos na deusa, e desato a rir perdidamente; e assim me tornei o homem mais divertido deste mundo.



\*\*\*

Antes de ir mais longe na palestra, justo é que me detenha e diga em poucas frases quem é O Fuku-san. Divindade popular, patrona da boa fortuna e da alegria, representa na gênese japônica um papel de subida importância incontestável. Izagani e Izanami, os deuses iniciais e criadores, formaram o Japão e tiveram por filha, Amaterasu, a deusa do Sol, e outros filhos, todos com maravilhosos atributos. Amaterasu residia no céu, alumando a terra; delicioso ofício; mas tamanhas afrontas sofreu de um seu irmão, o deus da Lua por sinal, que se amou e decidiu esconder-se, escolhendo para retiro uma caverna, aonde se meteu, vedando a entrada com uma enorme pedra; a terra, é obvio, achou-se às escuras de repente. Os deuses, apavorados, — o caso não era para menos, — recolheram-se em conselho, e resolveram o seguinte, depois de larga discussão: foram postar-se todos bem junto da caverna; Takadjira, o deus de enormes braços, ficou junto da entrada, fazendo sentinela; O Fuku-san, a mais divertida das patuscas, pôs-se a cantar modinhas; ou, quando não cantava, tocava numa gaita de bambu; ou, quando não tocava, bailava minuets, acompanhando a dança de mil trejeitos faceciosos. Tanta pilhéria teve a figurona, que a deusa Amaterasu, no seu antro, começou a interessar-se na galhofa, a rir às furtadelas, — ou não fosse ela japonesa! — e arredou um pouco, para o lado, o pedregulho, alongou um nada a cabecita para fora, e assim se pôs a gozar melhor da brincadeira. Então Takadjira, num relance — zás! — caiu-lhe em cima, lançou-lhe os longos braços ao pescoço, puxou-a para si, foi à força pousá-la no seu trono... e a terra de novo continuou a ser alumada pelo sol!

A arte popular veste a deusa O Fuku-san em belos trajos da corte, dos velhos tempos, cetins rojantes, brancos e escarlates, e molda-a nos ultracômicos contornos duma japonesita enormemente obesa, toda ela refolhos de gordura, banhas de pescoço, de colo, de seios, de barriga, redondezes pasmosas de quadris, e mãos e pés papudos. A cara, a imensa caraça, de lua cheia, é um poema completo de monstruosidade triunfal e hilariante: faces prodigiosamente bochechudas, caiadas de cosméticos; um narizito que mal se vê, rombo, abatado, como que calcado para dentro, a golpes de martelo; à frente curta e estreita, de imbecil, colam-se dois bandós de cabelos de azeviche; foram rapadas à navalha as sobrancelhas, segundo o uso clássico; os olhinhos piscos, matreiros e gaiatos, reluzem pelas fendas estreitas das pálpebras carnudas; e a boca, a boquinha, em forma de cereja, acarminada, sorri em curvas, em pregas, em covinhas impagáveis... Mas não há palavras que descrevam, nem de longe, a expressão de toda a figurinha — porque vai além da nossa compreensão de ocidentais, — no que dela irradia de jocosidade perene, de beatífico comprazimento, de vagos tiques de inconsciência infantil, de imbecilidade, de malícia, de perversão; um indefinível

conjunto de não sei quê de iminente pueril, satânico e grotesco, todavia gracioso, que é no fim de contas uma das feições mais características e mais emocionantes da arte inteira japonesa.

\*\*\*

Ensina-se nos livros que por meados do nosso século XII, o pintor Kakuyu, que era bonzo budista, iniciou no Japão a pintura caricatural. Pois seja assim; concedo ao frade o mérito de ter traduzido pelo pincel, por vez primeira, o humorismo desta gente. Mas tal humorismo, como feição moral, nasceu com o mesmo povo, é-lhe um vetor do sentimento; e cada japonês é, e foi, e será, um caricaturista. Quando se estuda a lenda indígena japonesa, no vasto repertório das suas fábulas, que eu penso representarem sempre o mais remoto documento do feitio estético, da individualidade psíquica, dum qualquer grande família humana, depara-se na cena com a mais curiosa fauna falante — macacos, caranguejos, raposas, alforrecas, ratazanas e outros vários bichos; — no apólogo grego, por exemplo, os brutos são doutores, discursam como filósofos e como moralistas; no apólogo japonês, menos profundo, mas talvez mais incisivo, a bicharia contenta-se em mascarar-se vestindo *kimonos* e enfiando as patas nas sandálias, faz caretas, galhofa, dança e ri, em desenvolturas caricaturais da mais desopilante troça a todos os ridículos.

Quando as artes se desenvolvem e nacionalizam, e atingem uma feição independente, inconfundível, a caricatura, como que traduzindo uma recordação da lenda, vem desempenhar um papel importantíssimo, não só na pintura, mas nas múltiplas afirmações do engenho — escultura, ornamentação da porcelana, da faiança, dos charões, dos bronzes, em tudo. — Graças ao pincel e graças ao buril, as rãs decidem-se a vir tocar guitarra para a rua; os pardais oferecem banquetes aos seus íntimos, servidos em porcelanas primorosas; desfila um cortejo de raposas, levando a noiva, a rapozinha, ao noivo feliz, que a espera no seu lar; pelo dorso de Hotei, deus da bondade, vão trepando os garotos, e um mais atrevido vai pousar-se-lhe em cima da careca; os guerreiros cobrem os rostos com máscaras de um cômico façanhudo indescritível. Hokusai, o grande mestre da escola vulgar em pintura, delicia-se em desenhar cegonhas dum só traço repentino, maravilhosos gatafunhos, palpitantes de observação e de verdade; no seu álbum dedicado ao Fuji-yama, a montanha sagrada, contorna-a vista através de uma rede, que um pescador tira do mar; e através de uma teia de aranha; e entre o A das pernas nuas dum operário tanoeiro, que do alto de uma dorna ajusta à força de malho as aduelas; e refletida no chá da taça que um esfarrapado mendigo leva à boca. Hokusai, em 1804, durante certa festividade num templo, manda estender no solo uma folha de papel de cerca de duzentos metros quadrados de grandeza; vem mais um barril com água, outro barril com tinta preta, uns oitenta litros dela, e mais

duas enormes vassouras e três vassouras mais pequenas; entra o mestre, empunha uma vassoura embebida na tinta, traça sobre o papel curvas gigantes; no fim de alguns minutos termina a sua obra, que só é compreendida quando alguns dos milhares dos assistentes se lembram de galgar ao telhado do templo: à distância e do alto, o imenso quadro representa um admirável busto de Daruma, o grande apóstolo budista. Por aquela mesma época, Hokusai pintava sobre um bago de arroz um grupo de aves, encantador, mas só distinto com a ajuda de uma lupa.

É esta caricatura, melhor será talvez dizer — este humorismo, que o japonês exerce com habilidade única, magistralmente, prodigiosamente; é por ela, é por ele, pelo segredo dos exageros, pelo arrojo da execução, que alcança intenções flagrantes no traço, uma alma quase na paisagem, um conceito na árvore, no ramo em flor, no simples contorno de um rochedo... Na pintura japonesa, por exemplo, um pargo, um caranguejo, uma lagosta, o figurão zoológico mais lorpa que possa imaginar-se, vivem na tela, isto é, acusam uma vontade, uma intenção, um sentimento, como a fome, como o medo, como o cio. Não se diga que é a fiel reprodução do modelo que dá isto, — a fotografia dum caranguejo não palpitará de vida; — é pelo contrário o exagero propositado de certas linhas, o exercício de uma arte misteriosa, que naturalmente se inspira no perfeito conhecimento estrutural e sentimental do bicho, animalizando de certo modo o artista e humanizando o bruto, e permitindo caprichos descomunais que o observador não discrimina, que o levam a exclamar, não sei por que remotas reminiscências ancestrais de súbito recordadas: — “aquele linguado acha-se triste... aquele camarão arde em ciúmes... aquela lombriga está-se a rir... —”

\*\*\*

O humorismo japonês não se limita às artes; divulga-se nos costumes do povo, nos seus hábitos; quando nos intrometemos na intimidade indígena, ainda o espetáculo de inesperados disparates, de requintadas extravagâncias, vem ferir a nossa pupila e prolongar-nos o espanto. Eu não pretendo escrever aqui um tratado dos exotismos desta gente, aponto ao acaso alguns dos que me ocorrem.

Pois não são disparatadas, caricaturais, estas mangas prodigiosamente amplas dos vestidos, e na própria fazenda a estupenda policromia dos matizes? E estas peanhas de madeira, à laia de calçado, onde se pousam os pés nus dos japoneses? E estes penteados enormes das mulheres, transformando-lhes as cabeças em estupendos monumentos ambulantes? E o *obi*, a cinta de seda que cinge as ancas da *musumé* em voltas sobrepostas e rematadas num laço colossal? E o costume das casadas, quando em sinal de desapego às vaidades deste mundo, se desfeiam rapando as sobrancelhas à navalha, e envernizando de preto a fila dos dentinhos?

A casa de papel, o jardim de Liliput, a vida passada de joelhos sobre a esteira, a refeição servida em taçazinhas e apreendida nas pontas dos pauzinhos, a arte doméstica da preparação do chá e dos ramos de flores, a dança, a música, a cama improvisada a um canto com duas colchas de seda e uma boceta de charão por travesseiro, as mil saudações trocadas entre duas pessoas que se encontram, todos os aspetos da vida indígena enfim, íntimos, sociais, brincadeira, como se o japonês tivesse vindo ao mundo para se rir de tudo em que se ocupa, e para se rir de si primeiro do que de tudo... Chega-se sem muita dificuldade a compreender porque, nas relações de convívio de um para outro, de preferência à palavra, de preferência ao gesto, uma maneira há mais eloquente de traduzir o pensamento: — a gargalhada!...

\*\*\*

O próprio japonês é uma caricatura. Não se espantem da asserção os que tiverem a pachorra de me ir lendo; eu hei de ainda provar que o próprio deus dos japoneses, o sublime criador do Dai-Nippon, formou num estado de alma galhofeiro esta terra, sem sistema, sem programa estudado e sem pressas; sem pressas certamente, recriando-se nos cômicos caprichos que a fantasia lhe ditava e a mão onipotente ia executando, ferramenta do ofício em ação, escopo ou broxa, afeiçoando, retocando, caricaturando, o que do caos ia surdindo à flor das águas. Depois, concluída a obra, devia ter soltado uma gargalhada retumbante!...

Ora desde remotas eras até hoje, pratica-se no Japão um exercício de luta, um *sport* (como se diz agora) muito em voga, e do especial agrado desta gente; é o espetáculo favorito durante determinadas épocas do ano. Limita-se no campo um espaço com esteiras e bambus, e ao centro dispõe-se uma pequena elevação em forma circular; içam-se galhardetes e bandeiras, rufa o tambor, e o povo aflui por centenas de curiosos, compra o seu bilhete e toma pouso; dois homens, quase nus, combatem corpo a corpo, como na arena grega, até que um deles derruba o companheiro e é proclamado vencedor. Estes lutadores de profissão são escolhidos dentre os gigantes, dentre os atletas, e é na província de Tosa que especialmente se recrutam. Não são homens, são caricaturas de homens, são monstros, enormes, valendo cada um em peso e em dimensões por seis japonezitos ordinários. Não se imagina, nem podem descrever-se, as caras, os carões de tais sujeitos; são máscaras disformes, caraças imberbes, olhinhos ferinos repuxados para a testa, queixada vigorosa e dentuça arreganhada, orelha polpuda e ampla, trunfa hirta e espessa, e um risinho estranho, sarcástico, mistura de riso de criança e de riso de demônio; nem há palavras que expliquem a amplidão dos vultos, a obesidade das carnes, o braço roliço quase feminino, os seios eretos, o enorme ventre impando, lenta a marcha e ondulante, de urso da Sibéria em liberdade. Asseguram

estudiosos que estes monstros de Tosa são os últimos restos, preciosos modelos vivos, da raça pré-histórica japonesa... Pode assim ser; no japonezito de hoje, embora geralmente franzino, miudinho, delicado, não repugna acreditar que alguma coisa haja de comum com os lutadores de Tosa: como que laivos de família, a vaga semelhança com um avô... a não quereremos mais longe ainda ir procurar-lhe afinidades, num remoto parentesco com a deusa O-Fuku-san, que continua a rir-se para mim, e eu a rir-me para ela...

Relanceemos a chusma, nos teatros, nas feiras, nas romarias, nos bazares? Pode dizer-se, em geral, que o tipo do japonês, da sua fêmea, e mais acentuadamente ainda nos obesos, ou nos magros, ou nos anões, ou nos albinos, ou nos coxos, ou nos corcundas, ou nos leprosos, ou nos que têm um lobinho, ou nos que têm o nariz roído, em todos aqueles enfim em que um defeito, uma tara, sobressai, é caricatural supinamente, cômico a ponto de nos fazer morrer de rir às gargalhadas!... Ah, maganões! vocês, quando nos deram as imagens dos seus deuses, dos seus gênios do lar: uns pançudos, como odres; outros esqueléticos, macabros; uns pachorrentamente joviais, outros terríveis, despedindo raios sobre a terra; vocês retrataram-se a si mesmos, segurando com uma das mãos o pincel e com a outra o espelinho onde se viam, maganões!... Especializando, da multidão das ruas, essa figurinha em miniatura que tão irresistivelmente cativa as atenções do estrangeiro, toda ela matizes, perfumes, frescura, gentileza, a figurinha da *musumé*, da rapariga, podemos ainda defini-la como uma caricatura, a caricatura mais travessa, a quimera humana mais deliciosa, em que jamais olhos de viajante se pousaram!...

Profundar o enigma do feitio moral da tribo é impossível. Apenas conhecemos vagamente que a vida íntima desliza serena e pueril, sem ralhos, sem exasperos, em culturas de arbustos, em contemplações dos astros, em banhos quentes, em esmeros junto do espelho, em brinquedos com as crianças, em debandadas pelos campos, em libações de chá, em jantarinhos de arroz e fatias de nabos em salmoira, em sonecas tranquilas debaixo do verde mosquiteiro protetor... Mas desta mesma gente explodem também por vezes os grandes dramas: crudelíssimos assassínios, por cegueira de ciúmes; suicídios duplos, por desespero de amor, — ele e ela cingidos num derradeiro abraço; — e essa horrível sede de sangue, o homem transformado em fera, trucidando tudo vivo que encontra, estado de loucura conhecido entre os estrangeiros do Oriente pela denominação de *amock*, palavra malaia ou javanesa.

\*\*\*

A tribo parece ter sido feita de encomenda para o país exótico que lhe foi dado em

patrimônio. Percorrendo-o, estudando-o nos aspetos, melhor se compreende a índole estética do povo, a alma nacional, com as suas delicadezas, com as suas graciosidades, com os seus caprichos, com os seus disparates; manifestações múltiplas de um caráter particularíssimo de origem, mas no qual a influência muito especial do meio laborou também intensamente.

Comparando os aspetos normais, comezinhos, que se desdobram por este mundo fora, com outros aspetos excepcionais, em contraste flagrante com a disposição comum das coisas, pergunto eu se o termo — disparate, — se o termo — caricatura, — são permitidos, julgando a obra da onipotente criação? Haverá, por exemplo, um ilhéu disparatado, um pinheiro caricatural? Se permitidos são, se há tal ilhéu, se há tal pinheiro, então não se pode imaginar coisa mais disparatada, mais caricatural, do que este arquipélago, já disparatado de nascença, emergindo a pique e como por encanto, do seio das águas mais profundas do oceano, tênue, rendilhado como uma jóia em filigrana, convulsionado a todos os momentos por misteriosas comoções vulcânicas, zurzido por tremendos ciclones, invadido por vezes pelas ondas enormes do Pacífico, caprichosa quimera geológica enfim, que pode amanhã desaparecer no abismo, sem que por tal se espantem muito os sábios!... Tal é o império do Japão.

A paisagem extravagante, inverossímil, inacreditável, das porcelanas e charões, hoje divulgada em toda a parte, é com efeito a paisagem real deste Japão. Colinas, penedias, verdes planícies, lagos, cascatas, torrentes espumantes, ribeiras dormentes, vales profundos, mares interiores salpicados de ilhas e rochedos, tudo reduzido a miniaturas graciosíssimas, reunido em grupos incongruentes e projetado em fundos de céu estupendamente coloridos, eis o que os olhos abrangem num relance.

Demoremo-nos nos detalhes. As coníferas (algumas espécies enormes) vestem as encostas, trepam pelas ribanceiras acima, até irem coroar os últimos píncaros das serras. Aqui, um bosque de bambus gigantes, cuja sombra eterna e cuja paz soturna dão alucinações àquele que se aventura em devassar o seu mistério. Ali, outro bosque, de bordos, de *momiji*; em Novembro, a sua tênue folhagem digitada passa do verde-claro ao escarlata; o cenário adquire assim deliciosos exotismos ultraterrestres, como se a gente se achasse de repente pisando o solo de Marte ou de Saturno. A semente do acaso caiu sobre uma pedra à flor das águas; germinou o pinheiro, a rede das raízes abraça-se ao granito, e ergue-se desamparado o tronco, torcido, contorcido pelos anos e pelas intempéries, refletindo no espelho glauco a sua eterna cabeleira de verdura; há árvores, enobrecidas ou pela vetustez ou pela forma estranha, célebres como heróis, que são visitadas por uma multidão de peregrinos. As ameixieiras, as cerejeiras, abundam; pela Primavera, cobrem-se de

florescências pasmosas, luxuriantes, como nunca se viu em parte alguma; mas não dão fruto, as trapaceiras.

Nos jardins, continua a flora exótica, desconhecida. Trepas, por onde pode, a *asagao*; e abre à alvorada, por curtas horas, as suas frescas campânulas, de qualquer cor, porque as variedades não se contam, são milhares. Desabrocha a peônia, enorme, paradoxal. E enfileiram as crisântemos, a flor nacional, sob tendas que as abrigam do sol, podendo lembrar cortesãs em exposição nos bairros de prazer, pela extravagância das cores e dos feitios, que recordam a confusão policroma dos vestidos e dos penteados das mulheres; mas que realmente se assemelham a enormes actínias, monstros dos mares, multiplicando-se em mil tentáculos contorcidos, brancos, amarelos, rosados ou sanguíneos.

Agora a fauna. Pelo espaço, negrejam bandos de corvos, os *karasu*, escarninhos, voando e rindo às gargalhadas. Enormes borboletas pretas, nunca vistas, sugam as corolas. De dia, de noite, é incessante o ruído das cigarras, dos grilos, de outros bichos. Noites há, pelo Estio, junto às ribeiras, em que uma chuva de fogo, de pirilampos aos miríades, motiva festas ruidosas. Nos lagos dos jardins vagueiam peixes de ouro, com os olhos a estourarem, com as caudas esfarrapadas e rojantes, como se fossem longos capotes de mendigos. Junto da casa de papel toma o sol, cantarola o galo anão, do tamanho duma pomba; e à porta assoma o gato indígena, esquelético, rabugento, sem rabo... porque todos os gatos no Japão nascem sem rabo; ou é o cão que ladra, o *chin*, verdadeira caricatura de cão, com os olhos esbugalhados a saltarem-lhe das órbitas, sem nariz, a cauda em pluma, parente degenerado de qualquer monstro de épocas remotas, hoje extinto.

\*\*\*

De sorte que todo este Nippon, — arte, povo, paisagem, planta e bicho, — é uma deliciosa mascarada. Como fazer sentir isto a quem o não conhece, depois de ter escrito o que escrevi, e de concluir que nada escrevi do que me vai no pensamento? Olhem: fixem um espelho esférico, ou cilíndrico; o aspeto das formas refletidas é uma interminável surpresa hilariante, de caretas supinas, de linhas torturadas; pois tal é o aspeto do Japão...

\*\*\*

Todos sabem como a caricatura, pelo desenho e pela escrita, exerce nas sociedades uma influência decisiva. A pintura e o livro humorísticos subjagam a atenção e imperam no espírito com intensidades únicas, alheias às outras formas de arte. Porquê? Fora difícil explicá-lo aqui. É certo que a ironia, na obra criada, faz mais do que criar: estigmatiza um defeito, aponta um ridículo, sublinha uma virtude. As

coisas triviais, tais como as conhecemos, passam despercebidas ou esquecem brevemente; o exagero, pelo contrário, fica, grava-se a estilete na memória. Viu-se hoje um bom retrato dum sujeito, de Balzac, de Bonaparte, se quisermos; amanhã nada restará no pensamento; mas, se foi relanceada a caricatura, fica a sùmula cá dentro, uma reminiscência pertinaz do traço fisionômico (e mais do que isso) do indivíduo. Seja como for e por que for, é hoje indiscutível que a caricatura representa um meio altamente poderoso de impressionar os homens; estude-se-lhe os efeitos, por exemplo, na polêmica dos princípios, onde ela vale pela mais possante picareta demolidora das instituições, dos tronos e das crenças, rasgando a estrada nova por onde investem os partidos avançados.

Estando isto assente, imaginem agora um paquete, despejando em qualquer cais japonês um bando de louros estrangeiros. Eles todos, os lorpas, têm nos rostos essa feição anódina das cabeças, que é uma das formas de beleza mais frequentes nas raças europeias; e a julgar pelo olho azul, de porcelana, sem expressão, sem alma, pode admitir-se que lá dentro da casca não há senão pevides em guisa de miolos.

Mãos rudes, vermelhas, cabeludas, pés enormes; — estigmas de um temperamento avesso a coisas de arte e a todas as delicadezas do sentir. — Emparelham pelas manifestações do gosto: vestidos todos de alvadio, coco no cocuruto da cabeça, sapatos amarelos e ramozinho na carcela. Como entidades prestantes, embora talvez não prestem para nada, uns são sábios, outros são navegadores, outros são diplomatas, outros possuem manhas maravilhosas de balcão; mas — coitados! — em todos se acoberta o micróbio devastador, oriundo dos grandes centros, nascidos da podridão da descrença, do egoísmo, da inveja, da cobiça e da misantropia; e na face e nos gestos alguma coisa já assoma do mal de que enfermaram. Alguns dão o braço a outros sujeitos sem bigode, com grandes mãos vermelhas igualmente, e enormes pés calçando sapatos amarelos; usam bengala, colarinho alto de bretanha, gravata, túnicas em forma de campânula, uma alcofa à cabeça, cheia de ervas, de aves e de fitas: — são as damas —.

Os pobres forasteiros veem-se assim de improviso e de surpresa no meio exótico entre todos, requintadamente artístico, caricatural e sorridente, que é todo este Japão. Dominados pelos aspetos, alucinados pela iniciação imposta, riem também, e julgam também sentir a graciosidade indígena e a gentileza dos cenários. Ei-los que cruzam as estradas e os trilhos das montanhas, seguem em caravanas numerosas a visitar os lugares célebres, incorporam-se nas romarias, entram nos templos e entram nos teatros, bebem chá japonês, e até, burlescamente ajoelhados, engolem o arroz cozido e deliciam-se no peixe cru que as criadinhas vão servindo.



Oh, a paisagem japonesa! Como ela é encantadora e fresca, estranha, paradisíaca!... e como aqui o pensamento se dilata, num longo divagar sereno e amoroso, tão distinto das preocupações sombrias que além, na Europa, azedam a existência!... Mas não sei quê da alma asiática, sutilmente motejador e sarcástico, sutilmente intolerante, paira aqui, emana da coloração e da forma das coisas, do grito dos animais, do gesto e voz da gente; não se define, mas existe, hostilizando em tudo o pobre intruso. É como que uma exortação contínua e impertinente do Buda e dos deuses tutelares, murmurada a todos os instantes: — “Vai-te, volta à terra dos louros; contempla os teus deuses, visita os teus templos, recreia-te nos teus salões, bebe o teu whisky e soda; mas deixa em paz este solo, que não é teu, que te detesta; e onde, para assimilares a harmonia da criação e o sentimento nacional, precisas de uma fluidez de espírito e de uma serenidade de consciência, que te faltam!...”

Cedo ou tarde, amanhã, em dois meses, em dois anos, o homem louro enfastia-se, compenetra-se da fatalidade dos destinos, que criaram o Japão para os japoneses. Uns desertam, e fazem nisso muito bem; outros ficam. Nos que ficam, o desgosto pela terra do exílio enraíza, alastra como uma lepra corrosiva.

O desgosto, nas mulheres, cristaliza brevemente em ódio, um ódio desesperado, sem tréguas; explicável pela maior vibratilidade dos nervos no sexo, pela vida ociosa, e também, e principalmente, pelo penoso confronto com a mulher indígena, cujo fresco perfil e requintado tato feminino são uma provocação terrível aos seus méritos. A mascarada eterna japonesa, a despreocupação, o riso crônico, os traços caricaturais de todos e de tudo, os dichotes zombeteiros dos gaiatos, — “ijin, ijin!” estrangeiro, estrangeiro! — tudo irrita, belisca redundante por fim num suplício insuportável, que nem respeita o lar, entrando mesmo pelas janelas dentro como um exame de mosquitos. Triste lar, tantas vezes!... Junto da família do sr. Fulano, seja qual for a sua nacionalidade e situação, contai como provável um hóspede permanente, — o aborrecimento. — A embriaguez, a dissipação, a quebra fraudulenta, o roubo, o suicídio, o adultério, o assassinio, todos os desmandos de uma sociedade incongruente, sucedem-se nas pequenas colônias europeias do Japão com uma triste frequência, eloquentíssima!...

1900.

## DOIS CEMITÉRIOS JAPONESES

A V. ALMEIDA D'EÇA.

Pelos fins de Dezembro, em vésperas de Natal e de Ano-Bom, encontrei-me um belo dia, sem bem saber porquê, vagabundeando no cemitério dos europeus em Kobe, o velho. O velho, porque há um cemitério novo que se estreou há pouco tempo, e onde até agora se reuniu coisa de meia dúzia de inquilinos; está este situado longe da cidade, num declive de colina, amplo, com belos horizontes em redor. O velho, de acanhadas dimensões, encheu-se de moradores em uns trinta anos de exercício, e foi por tal razão posto de parte.

O velho cemitério fica em plena cidade, para as bandas de oeste e cerca dos edifícios da alfândega, quando começa um bairro sujo, de fábricas, de armazéns, que povoa uma mísera ralé de carregadores e de mendigos. Encerrado entre as altas paredes de tijolo vermelho de enormes depósitos de mercadorias, sem outro horizonte, com pouco ar, com pouca luz, úmido e ermo, é bem triste este canto; até, se não me iludo, os vetustos pinheiros que o arborizam, testemunham pelo verde-escuro e estorcimentos convulsos das ramadas, alguma coisa da desolação que aqui impera sobre tudo.

\*\*\*

Hoje, que é um domingo, acolá, a curtos passos, sobre a relva do parque público, a chusma dos caixeiros — ingleses, americanos, alemães, — a chusma cosmopolita, em mangas de camisa, sem chapéu, berra, corre, esbraceja, esperneia, joga o *tennis*, o *fout-ball*. Mais além, pelas ruas de tráfego indígena, presumo magna enchente, bazares em festa, povo em barda, entre japoneses e estrangeiros. Destes últimos, são especialmente as damas que mais se alvoroçam com a proximidade do *christmas day*, e que afanosamente percorrem a cidade, em carruagens, em *jinrikshas*, a pé — a pés... e que pés!... — enfiando pelas lojas, mercadejando bonecas, quinquilharias, guloseimas, as mil e mil frivolidades que vão constituir os frutos dessas estupendas árvores de Natal, prestes a surgirem nos salões. Pobre Natal! Nestes países exóticos, de ganho e de aventura, as festas particulares da família europeia perdem em regra a sua feição de severidade tocante e amorosa, para se transformarem num simples *sport*, irritante, maçador, — falo por mim, — mero pretexto para ostentações, dissipações e mexericos, a caterva de todos os sintomas da morbidez do exílio. Para o povo japonês, o impulso é bem outro: o dia de ano novo é a festa principal de cada ano, a única para muitos; religiosa, emocionando a alma indígena, levando a turba aos templos a dar graças aos deuses pelas prosperidades realizadas, e a implorar novas fortunas: íntima, de

família, preceituando o doce dever das saudações aos parentes e aos amigos; ninguém trabalha, veste-se fato novo, enfeitam-se os altares e a casa toda; por isto, com louvável antecipação se compram nos bazares os pequeninos nadas que vão ornar o lar, e os bolos de arroz, e o corte de fazenda, e a flor para o cabelo, coisas de que não prescinde a mais modesta família de lavrador ou de operário, naquele dia abençoado.

\*\*\*

No sítio onde me encontro a quietação é plena, em contraste com o que palpita lá por fora. É positivo que os mortos não festejam o Natal... nem eu tão pouco, poderia acrescentar, desde mui largos anos de boêmia, sem lar e sem família. Pesa aqui, no cemitério, mais duramente por certo do que em outro lugar, a aspereza de um triste dia de Inverno, sem sol, sombrio e úmido; paira no ar uma poeira levíssima de neve, que mal se vê, mas fere o rosto como picadas de alfinetes; de quando em quando, uma rajada fresca sacode a rama dos pinheiros, corta o silêncio então um vago murmúrio de folhagem, — da folhagem sem dúvida, mas que acaso poderia parecer o palrear dolente dos mortos uns com os outros, de cova para cova...

Vou vagueando, com passos e em espírito. Estou só, ou quase só; há pouco dei fé, por entre as sepulturas, de uma velha japonesa, guarda do cemitério, que ia apanhando do chão alguns cavacos. Vou lendo os epitáfios, estudando a botânica tumular nos arbustos plantados e nos musgos espontâneos, lançando um olhar condoído às coroas murchas, que aqui e ali se encostam ao mármore das lápidas, pobres coroas queimadas pelo sol, rasgadas pelo vento, roídas pelos vermes, poluídas pelo pó, e em pó se desfazendo... Neste grêmio de mortos abundam os padres e os missionários de todas as seitas e de todos os países; vários pilotos dos mares do Japão, capitães, tripulantes de barcos; gente de negócio; e a mais uns pobres nomes obscuros de mulheres e de crianças, sem títulos nem história. Aqui deparo agora com um nome de português, Felisberto da Cunha, da Figueira, que morreu com quarenta anos, e a esposa (uma japonesa) lhe mandou erigir o mausoléu.

\*\*\*

De trilha em trilha e de túmulo em túmulo, eis-me em frente do monumento tumular dos marinheiros franceses assassinados em Sakai. Lúgubre história; e aqui, neste Japão da grande hospitalidade e da notória cortesia, impressiona por estranha e quase inverossímil. Pois foi bem verdadeira. Há mais de trinta anos, por um dia de Março, uma lancha a vapor da corveta *Dupleix* aguardava na praia de Sakai a volta de alguns oficiais, que haviam descido à terra e seguido para Osaka;

passa casualmente um troço de tropas do Mikado, *samurais* da província de Tosa; e sem provocação, sem um leve pretexto, fazem fogo sobre os marinheiros, matam onze. São os onze túmulos destes mártires, destes míseros camaradas (porque eu sou como eles marinheiro), que agora contemplo.

Sobre três degraus de pedra alça-se uma alta cruz; e aos lados, cinco por banda, e o aspirante à frente, como se estivessem na tolda da corveta em formatura, estão os onze corpos, estão as onze lajes, aqueles desfeitos em pó seguramente, estas enegrecidas pelo tempo e pela lepra dos líquenes ressequidos... pois não se esqueça que há mais de trinta invernos vai durando a triste formatura. Sobre a cruz leio o seguinte: — *“À la memoire des onze marins de Dupleix, massacrés à Sakai le 8 mars 1868. Requiescant in pace.”* — *Massacrés!* massacrados! Como isto é destoante neste solo, no Dai-Nippon das paisagens amorosas e do sorriso perene nos rostos dos que passam!...

Vou lendo seguidamente as inscrições dos túmulos: — *“Ci git Guilon, Charles Pierre, aspirant de 1<sup>ère</sup> classe, agê de 22 ans. Priez pour lui. — Ci git Boulard, Vincent, matelot de 3<sup>ème</sup> classe, agê de 21 ans. Priez pour lui. — Ci git Nonail, Jean Mathurin, matelot de 3<sup>ème</sup> classe, agê de 25 ans. Priez pour lui. — Ci git Condette, François Désire, matelot de 3<sup>ème</sup> classe, agê de 24 ans. Priez pour lui. — Ci git Lemeur, Gabriel Jacques Marie, quart.<sup>r</sup> m.<sup>tré</sup> de manoeuv.<sup>re</sup> de 1<sup>ère</sup> classe, agê de 29 ans. Priez pour lui. — Ci git Savie, Jacques, matelot de 3<sup>ème</sup> classe, agê 23 ans. Priez pour lui. — Ci git Humet, Arsène Florimont, matelot de 3<sup>ème</sup> classe, agê de 24 ans. Priez pour lui. — Ci git Langenais, Auguste Louis, matelot de 3<sup>ème</sup> classe, agê de 22 ans. Priez pour lui. — Ci git Bobes, Lazare Marie, matelot de 3<sup>ème</sup> classe, agê de 22 ans. Priez pour lui. — Ci git Modest, Pierre Marie, matelot de 2<sup>e</sup> classe, agê de 26 ans. Priez pour lui. — Ci git Grunenberger, Victor, ouvrier chauffeur de 3<sup>ème</sup> classe, agê de 24 ans. Priez pour lui.”* — A ladainha é longa, como vêem; e bem comovedora, quando se atenta nas idades. Onze rapazes; quadra de ilusões, de amores, de esperanças. O mais velho do grupo teria hoje os seus sessenta e dois anos, se fosse vivo; de sorte que todos estes pobres moços poderiam muito bem gozar ainda agora da doce alegria de viver, se o destino lhes fosse menos duro: o aspirante vestiria provavelmente a sua farda de capitão-de-mar-e-guerra, chapada de veneras; e os marujos estariam talvez com a sua baixa, na aldeia pátria, em descanso, a verem o mar por um óculo, rodeados de filhos e de netos... Ah! bárbara cáfila de soldados japoneses!...

A gente pode recompor em pensamento a cena da praia de Sakai. Uns belos louros, rosados como pêssegos, robustos como jovens Hércules. Riem, brincam, cantam, pisando a fofa areia. É um bando de irmãos, todos da mesma idade, tratando-se por tu, passando de mão em mão a bolsa de tabaco, e até de boca para boca o

cachimbo de gesso fumegante. — “Olha, Jacques! Repara, Gabriel!” — E batem palmadas nas costas uns dos outros, e brilham-lhes as pupilas gaiatas e sagazes, apontando, em grandes gestos rudes, para os recortes estranhos da paisagem, para os contorcidos pinheiros que rendilham o horizonte, para as ameixeiras em pasmosas florescências, para as casinhas de madeira e de papel, para as *musumés* em sedas, sedutoras... exóticos, cativantes aspetos de um país maravilhoso, que abre agora as suas portas à curiosidade do mundo ocidental, deslumbrando a imaginação juvenil destes pobres franceses, habituados à monotonia do azul das longas viagens fadigas. Consta que os garotitos de Sakai iam afluindo à praia, e quedavam-se em volta dos marujos, boca aberta, espantados dos seus modos, do uniforme, das suas feições de raça branca; e que estes com as crianças partilharam algum pão das suas provisões. De repente, surge de algures um bando petulante, irrequieto, multicolor pelas bandeiras desfraldadas e pelas sedas das cabaias, e reluzente pelas armas que empunha; são *samurais* do império; o quadro é deveras interessante; os marujitos, surpresos e atentos, são todos olhos... olhos que em breve se cerram, quando os corpos caem inertes sobre a areia, após uma descarga de metralha... Ah! bárbara cáfila de soldados japoneses!...

\*\*\*

No meu espírito vagabundo, depois da ferocíssima cena de matança, é agora a sorte destes *samurais* que relembro, e me comove. Comovem-me assassinos? Sim; os anos foram correndo sobre os fatos e esfriaram os rancores. Pode hoje memorar-se, sem asco, com simpatia, mesmo nos seus transe sanguinários, a breve luta de resistência que o velho Nippon feudal, embevecido na sua lenda prestigiosa, manteve contra aqueles que vinham despertá-lo do seu sonho; e para o bando de Sakai, soldados todos, pertencendo à nobre casta dos guerreiros, seria realmente exceção estranha se não fulgurassem no seu ânimo, remindo-os do opróbrio, as virtudes da casta — a extrema dedicação aos chefes, o sacrifício de si próprios pela pátria, e o amor por essa pátria guindado à intensidade de paixão, mais alto ainda, aos paroxismos do delírio. —

A história plenamente nos explica o ódio que a massa dos guerreiros ia nutrindo então pelos estranhos. O shogun, generalíssimo do imperador, com residência em Yedo, assinara por conta própria tratados de amizade e de comércio com a América e com a Europa, e os estrangeiros, em Yokohama, pisavam já afoitamente o solo japonês. O shogun violava por este modo o dogma sagrado do império, que era o isolamento absoluto, a exclusão do homem do Ocidente, o desdenhoso desinteresse pelo mundo, o gozo eterno e sem partilha, deliciosamente egoísta, do país maravilhoso que os deuses haviam legado ao povo eleito. Quando a notícia do insólito desacato chegou até Kioto, a cidade santa, onde vivia a corte, em torno do

Soberano, a mais acesa cólera explodiu, e todas as energias se ligaram para humilhar o shogun e varrer para sempre da pátria os teimosos intrusos. — “Morte aos bárbaros!” — foi o grito do soberano, da corte, dos senhores feudais. — “Morte aos bárbaros!” — foi o credo que incutiram às legiões à pressa reunidas, que corriam a expulsar, a massacrar, a exterminar, os estrangeiros. O shogun, supremo em mando até então, estava perdido, debaixo de seus pés tremia a terra, rugia o vulcão político que em breve ia esmagá-lo; mas, pela fatalidade dos tempos, as energias e as cobiças dos intrusos haviam de vencer, de impor os seus desígnios; e a retórica dos diplomatas, prudentemente sublinhada pela metralha dos canhões, tinha de ser ouvida. Os dias iam passando, e o solene decreto de extermínio não podia ser cumprido; apenas, de quando em quando, um ou outro *samurai* lograva decepar alguma cabeça loira de inglês, merecendo dos seus chefes fartos aplausos pelo feito. Cedo, bem cedo, os vultos dirigentes compreenderam que a luta era impossível, que o mistério nipônico findara; e o Japão foi descerrando pouco a pouco as suas portas, entrando em negociações com os diplomatas estrangeiros, não já pela iniciativa incompetente do shogun, mas pela própria iniciativa do soberano. O shogun, por inútil, foi deposto; como se não conformasse com a vontade imperial, travou-se dura luta, foi batido e retirou para Yedo. Estes acontecimentos sucediam-se em tropel; a grande maioria da nação não podia apreciá-los, e menos presumir das vistas do soberano; a grande maioria da nação ia odiando o shogun e repetindo o seu credo — “Morte aos bárbaros!” — sem se aperceber que a situação mudara, que a corte já tratava com as potências, e que a agressão aos europeus, havia pouco meritória, era agora condenada e prejudicava fortemente a marcha da política imperial.

\*\*\*

Foi assim que os soldados de Sakai, massacrando os marinheiros franceses que encontravam, julgavam ter cumprido um dever grato ao soberano e útil para a pátria. Iludiam-se. A resposta às enérgicas reclamações das autoridades francesas foi a condenação à morte de todos os culpados, que eram vinte. Como guerreiros, não bandidos, foi-lhes concedido como graça o *hara-kiri*, isto é, a morte honrosa, devendo cada qual rasgar a própria carne a punhaladas.

Foi escolhido para a cerimônia Myokokuji, um templo de Sakai, e em 16 de Março teve lugar o suplício. Passou-se então um espetáculo tremendo, não de tristeza, antes uma festa de sangue, de morte, que excede a compreensão dos homens europeus. Enchia o recinto do templo a multidão dos oficiais do império, das autoridades francesas, das testemunhas, dos amigos, dos bonzos, dos curiosos, vistosa em cores, em belos uniformes, em garbo e fidalguia; e, um por um, por seu turno, veio aparecendo cada condenado, todo vestido de luto, de alvas vestes,

ajoelhou no solo, curvou-se em reverências, saudou a multidão, recebeu solenemente o curto sabre de etiqueta, cravou-o até aos copos nas entranhas, rasgou as carnes com mão firme, tingiram-se as vestes de escarlate, jorrou o sangue sob uma urna próxima, a fronte crispou-se pela dor, a cor fugiu da tez, o corpo pendeu inerte, para a frente...

Minamura Inokichi Minamoto no Motoaki, de vinte e cinco anos, escreveu no seu último momento de vida uma curta poesia, que era assim: — “Condenam-me; não discuto a minha morte; servirá ela de pretexto à justiça do futuro, que decidirá se, para honra da pátria, devem ser expulsos os bárbaros.” — Nishimura Saheji Minamoto no Ujiatsu, de vinte e quatro anos, escreveu o seguinte: — “Não me pesa o morrer, a vida passa como o orvalho desaparece com o vento; uma coisa me aflige: — o futuro da pátria.” — Ikegami Isakichi Fujiwara no Mitsunori, de trinta e oito anos, escreveu o seguinte: — “É preciso alumiar o espírito da nação; para isto abandono o corpo ao meu país;” — este, quando as entranhas lhe caíram, fez menção de atirá-las à cara dos franceses. Oishi Jinkichi Fujiwara no Yoshinobu, de trinta e oito anos, escreveu o seguinte: — “Façamos hoje o sacrifício da vida, com o maior respeito, pois somos todos filhos deste país dos deuses.” — Sugimoto Shirogora Minamoto no Yoshinaga, de trinta e quatro anos, escreveu o seguinte: — “Sinto o coração feliz pela agonia que sofro, ao dar a vida pela pátria;” este, por um gesto respeitoso, ofereceu as entranhas aos franceses. Katsugase Saburoku Taira no Ioshihaya, de vinte e oito anos, escreveu o seguinte: — “Ninguém pode abalar no ânimo dum *samurai* o sentimento que tributa ao seu senhor.” — Iamamoto Tetsusuka Minamoto no Toshiwo, de vinte e oito anos, escreveu o seguinte: — “Muitos condenam a alma do *samurai*; pensarão de outro modo aqueles que bem a conhecem.” — Morishita Mokichi Fujiwara no Shigemasa, de trinta e nove anos, escreveu o seguinte: — “Abramos o caminho aos ignorantes, a fim de alumiar o mundo.” — Kitashiro Kensuke Minamoto no Katayoshi, de trinta e seis anos, escreveu o seguinte: — “Para legar o seu nome à posteridade há um meio: o sacrifício da vida.” — Inada Kwannoyo Fujiwara no Norashige, de vinte e oito anos, escreveu o seguinte: — “Os japoneses não temem de perder a vida; também a cerejeira, rainha das árvores pelas suas flores, perde um dia essas flores.” — Yanagase Tsuneshichi Fujiwara no Yoshiyoshi, de vinte e seis anos, escreveu o seguinte: — “Sacrifiquemos aqui as nossas vidas, e mostremos aos estrangeiros o que vale a nobre coragem japonesa.” — Contando bem, são onze já. Parou aqui a cena, porque o comandante do *Dupleix*, notando já onze mortos para expiação dos onze crimes, deu-se por satisfeito, pediu que cessasse aquele espetáculo assombroso. Dos *samurais* perdoados, um suicidou-se em breve trecho, dando de barato a graça pela honra de morrer com os seus; os outros dispersaram-se; vive um ainda hoje, presumo que em Nagoya, um interessante velhinho, que reconta de bom grado as peripécias daquele horrível drama.

Os onze *samurais* foram ali mesmo enterrados, no cemitério, junto ao templo. Ainda há pouco lá estive. O templo é um plácido retiro de sombra e de silêncio, tão velho, que há alguns meses um riço vendaval quase o desfez em pó.

Os peregrinos visitam primeiro um jardim interior, onde uma árvore sagrada, um enorme sagueiro, ocupa o espaço todo, lançando em volta as suas palmas verdes. A lenda dá-lhe mui longos anos de existência, e reza que há quase quatro séculos o shogun Nobunaga tanto se agradou daquela árvore, que mandou arrancá-la e transportar para um dos seus jardins; mas tanto se mirrava o sagueiro, e tanto se lamentava noite e dia, que não houve remédio senão trazê-lo de novo ao velho pouso.

Do jardim, passa-se ao pequeno cemitério. As sepulturas, apresentando a forma de cubos de granito, aconchegam-se, agrupam-se numa intimidade comovente; por entre as pedras, tufam e florescem as azáleas e verdejam os musgos, e mãos piedosas vêm depor ramos de flores e de verdura. Entre estas sepulturas contam-se as dos onze *samurais*. Mais adiante, as urnas de charão que serviram ao suplício, alinham-se num altar, e ainda se distinguem manchas negras, do sangue derramado.

\*\*\*

Como eu dizia há pouco, os anos passaram sobre os fatos e esfriaram os rancores. Nestes dois cemitérios, de Kobe e de Sakai, nem já existe sequer o pó dos ossos, existem só legendas. Em Kobe, as onze sepulturas evocam no espírito esse período de frenesi da Europa, de curiosidade, de cobiça, em face da morna inércia deste canto do mundo; e as esquadras que o devassam, que o visam com os canhões; e os diplomatas que intrigam, que teimam, conduzindo-o finalmente, à força, ao convívio das nações; e, como peripécias ínfimas, quase olvidadas e não pesando na marcha progressiva dos negócios, o sacrifício inglório de alguns humildes obreiros dessa empresa... Em Sakai, as onze sepulturas rememoram a desesperada resistência duma tribo feliz, contra aqueles que vinham arrancá-la aos seus sonhos amorosos, rasgar-lhe a lenda e a crença, e bradar-lhe que ser-se assim ditoso, já não é permitido. Pobres mortos! abraço com um mesmo olhar de alma, enternecido, as vinte e duas campas...

1900.



## O ESPELHO DE MATSUYAMA

ÀS FILHAS DE CARLOS CAMPOS

Viveu há muito tempo no Japão um feliz casal de gente rústica, modelo de virtudes conjugais; eram eles, os dois, e uma filhinha, o seu encanto. O povo varreu já da memória os nomes dessa gente; não admira, quando se pense que tantos séculos passaram. Indica-se apenas o lugar, *Matsuyama*, que quer dizer *Montanha dos pinheiros*, na província de Echigo. Esta ligeira indicação basta para que imaginemos o cenário: serranias, pinheirais, sucedendo-se a serranias, pinheirais; a terra, a rocha, fofas de musgos, de fetos, de erva brava; covões, precipícios, cachoeiras, por onde a água golfa, espuma e rumoreja; pios de corvos e hinos de cigarras; raros caminhos serpeando, calcados pelas sandálias dos que passam; e aqui, e além, alguma humilde cabana de aldeões, de barro e colmo, aonde a vida íntima, após as horas de labuta, desliza em longos repousos sobre a esteira, em simplicidades primitivas, em face da grande paz da cena agreste, e do azul sem fim dos largos horizontes. Numa dessas cabanas vivia o casal a que aludi.

\*\*\*

Ora, aconteceu uma vez que negócios muito graves chamaram o marido à faustuosa cidade, à capital de todo o império. Figure-se o alvoroço e o reboliço na choupana. Em coisas de viagem, a experiência da esposa resumia-se ao trilho que seguira raras vezes, em duas horas de caminho, do seu lar ao lugarejo mais vizinho. Alanceavam-na agora vários sustos, acudiam-lhe ao espírito não sei que perigos e trabalhos, malefícios dos gênios das florestas, mil revezes a que se ia expor o companheiro... Por outro lado, envidava-se com a ideia de ser ele o primeiro do lugar que ia ver por seus olhos a mansão da corte e do soberano, e contemplar as grandes maravilhas que lá por certo havia. Ela ficava; ela tinha a sua pequerrucha e o cuidado do lar; e, embora mordida de saudades, devia resignar-se aos deveres do seu mister, e aos anseios daquela dura ausência.

E que terna que foi a despedida!... Beijos e abraços não se deram, porque os japoneses não dão nem beijos nem abraços; lágrimas não correram, porque os japoneses nunca choram; mas foram tantas as medidas e tantos os sorrisos, e tão longa a última palestra, ele prometendo voltar breve, ela prodigalizando mil conselhos, que era mesmo um regalo contemplar casal tão meigo e tão feliz!...

E lá foi o marido.

\*\*\*

Passaram-se semanas e semanas; para encurtar razões, anuncia-se agora o regresso do sujeito. É vê-la então, a cirandeira, ora varrendo, ora lavando, ora arrumando, dispondo a choça em festa para a ditosa hora da chegada. É a pequenita certamente que mais cuidados lhe merece: o *kimonozinho* de crepe de seda preciosa, a faixa da cintura, a flor para o cabelo, tudo novo, tudo fresco, tudo lindo, se põe de parte, se examina; e os dedos finos da mamã, em curvas adoráveis, saltam, voam, aqui alisam pregas, ali compõem laços, com habilidades únicas, prodigiosas; convém saber que não há mãos mais bonitas e mais destros do que as mãos das japonesas, nem mães mais carinhosas do que estas mamãs do Dai-Nippon. Ela própria, a mamã, também cuida de si, não se furta aos adornos, não por arte talvez, por instinto do sexo; e ei-la enfiando os pés nus em grandes socos novos, de charão negro e luzente, e estreando um *kimono* catita, azul e branco. E lá vão elas, as duas, certo dia, trilhos fora, tic-tac, tic-tac, ao encontro do homem.

\*\*\*

Ai, que júbilos, ao toparem com ele são e salvo, todo chibante, bamboleando-se no seu passo vagaroso, para mais prolongar tão doce transe!... — “Bons dias, senhor marido! Bons dias, senhor meu pai!” — e os corpos agacham-se em medidas, e as cabecitas vão quase tocar o chão do campo. E como a pequerrucha bate as palmas, e se lhe acendem os olhitos, quando ele logo ali lhe quer vazar no regaço a caixa de bonecos que comprara, carretas de madeira, raposas de pelúcia, uma viola, minúsculos aparelhos de cozinha e muitas outras maravilhas!... Ele promete entreter dias inteiros, só com a narração do que seus olhos viram: teatros regurgitando de *musumés*, vestidas como deusas; príncipes em comitivas resplendentes, passeando em liteiras de charão, e o povo prostrado a adorá-los pelas ruas; serenatas nos rios, barcos vogando a transbordarem de mulheres e enfeitados com balões, gemem as cordas das violas e estalejam nos ares foguetes de mil cores; templos gigantes e enormes sinos badalando; palácios cheios de luxo; jardins cheios de flores; e por toda a parte a imensa multidão, de velhos, de rapazes, de meninos, feliz, risonha, pachorrenta; e a imensa indústria dos bazares, charões, ouros, sedas, porcelanas, adornos sem conta nem medida, tudo digno de ir adornar mansões de fadas, no mundo das quimeras!...

O marido passou depois às mãozitas da esposa, trêmulas de emoção, um belo cofre de madeira branca, cuidadosamente fechado, e disse-lhe isto: — “Não me esqueci de ti, como estás vendo; trago-te uma coisa muito linda, que tu decerto não conheces, um espelho, um *kagami*, como lhe chamam na cidade.” — Ela então, abrindo o cofre, observou a oferta; era um grande disco de metal, com o seu cabo, tendo uma face prateada, com relevos de folhagem de bambu e voos de cegonhas,

e a outra face límpida e brilhante como um puro cristal.

É bom saber-se que, sendo a indústria do vidro recentíssima no Japão, só há mui pouco tempo aqui se conheceram os espelinhos reles da indústria ocidental; nos velhos tempos, os espelhos do país eram metálicos, de preciosa liga e artístico trabalho, objetos caros, excluídos do lar dos aldeões; de sorte que é presumível, dada a simplicidade de alma da pobre gente rústica de então, que as belas ignorassem que eram belas, por nem no espelho da água das ribeiras se mirarem. Mas vamos nós à história, excluindo divagações que pouco interessam.

Dizia o marido à companheira: — “Olha bem para a face brilhante deste espelho e conta-me o que vêes.” — Ela era toda olhos, toda surpresas, toda êxtase; e respondeu por fim que via o rosto de uma mulher muito gentil, com um oval de enfeitar, comuns olhinhos negros muito doces, com uma rubra boquinha de cobiça. Disse mais que essa mulher não cessava de fitá-la; e se ria, a mulher ria; e se falava, os lábios da mulher acompanhavam-na no gesto; e, para cúmulo de estranheza, vestia um *kimono* azul e branco, igual ao seu, que ela trazia... O marido sorria-se, já com uns ares de doutor, que da viagem lhe provinham; e foi benevolmente convencendo-a de que essa mulher era ela mesma, e que o espelho, por um mistério que ele não sabia explicar, apenas reproduzia a sua imagem, os seus encantos próprios; lá na cidade, muitas raparigas possuíam espelhos como aquele, e neles se viam e reviam, ora compondo as voltas do cabelo, ora pintando os lábios de escarlate, ora por mero passatempo de se acharem bonitas, as garridas. A esposa ficou então louquinha com o presente; e... diga-se toda a verdade: cheia de orgulho de si mesma, por se ver tão catita, tão fresca, apetecível. Foram semanas e semanas votadas a esse enlevo, a mirar-se, a namorar-se — quem não lhe relevará essa vaidade? — até que finalmente convenceu-se de que um espelho era jóia preciosa de mais para servir todos os dias, ali na choça nua, na solidão dos bosques; assim se explica o caso de ter ele ido parar dentro de uma gaveta, esquecido de mistura com as velhas relíquias da família.

\*\*\*

E vão passando os dias, os meses e os anos. A felicidade bafeja constantemente aquele lar. A grande alegria do casal é a filha, que cresce em mimos, tornando-se a verdadeira imagem da mamã, e como ela submissa, e como ela afetuosa, e como ela ativa na labuta. Vaidades de mulher, que tanto prejudicam no futuro as raparigas, não as tinha; e deve aqui prestar-se inteiro aplauso à providência da mamã, que em lembrança dos seus caprichos de outro tempo, passageiros, nunca à mocinha confiou o espelho, velha jóia sem uso, esquecida na gaveta.

\*\*\*

E vão passando os dias, os meses e os anos. Muitos anos. A mãe, uma velhinha com a alvura da neve por cor dos seus cabelos, jaz prostrada na cama, sem forças, moribunda; a filha, junto dela, multiplica-se em cuidados, anima a triste enferma.

A custo, diz a velha: — “Sinto que morro, vai-me fugindo a luz dos olhos. Vou deixar-te, e o nosso velho amigo. É isto que me pesa; cheguei a persuadir-me de que este nosso bem não tinha fim. Por ti, tão só que ficas, receio muito, filha: o mundo é um grande mar, cheio de escolhos e de perigos...” — E deteve-se e pôs-se a meditar por muito tempo, passando pela fronte os dedos descarnados; então, um pensamento lhe acudiu, uma dessas travessuras de velha que só redundam para o bem, e prosseguiu desta maneira: — “Olha, tenho uma ideia: toma este espelho, este objeto milagroso que veio de muito longe; e jura-me que uma vez em cada dia e uma vez em cada noite, o irás ver. Eu te aparecerei então, no mesmo espelho; e assim, na minha companhia, terás mais ânimo na vida, mais força nas angústias, mais tento com as indecisões da juventude e com os males que te rodeiem.” — E a filha jurou isto; e a velha deixou-se morrer serenamente, resignada, sorrindo à paisagem verde, sorrindo ao sol festivo, que investia em faixas de ouro pela casa...

\*\*\*

A *musumé* cumpriu atentamente o juramento. Por esta forma percorreu a via da existência, tranquila, sempre assistida pela mãe, que nunca cessou de aparecer-lhe, quando, nas mãos piedosas sustinha o espelho milagroso. Não era da moribunda, lívida, prostrada em agonia, desfalecendo pouco a pouco, a doce aparição; era a mamã gentil, de outros tempos, cheia de louçanias e sorrisos. Achava-se com ela num plácido convívio sem reservas, com ela palestrava, a ela confiava os seus segredos, os seus sobressaltos de donzela; e naquela face pura bebia conforto e recompensas.

O velho algumas vezes surpreendeu a filha com o espelho entre as mãos, sorrindo, murmurando singelas confidências. Pareceu-lhe estranho o caso; e ia um belo dia notar-lhe o disparate, quando a moça lhe fez uma pergunta, por onde avaliou a quimera amorosa com que ela ia embalando o pensamento. — “Repare, senhor meu pai: não vê no espelho a minha mãe?...” — O que o velho via claramente, era a imagem da filha, que ali tinha junto de si em carne e osso, — e que carne! e que osso! — palpitante de vida e gentileza... mas julgou mais prudente conservá-la sob o prestígio da ilusão; e, franzindo muito o rosto, de rude pergaminho, sem que se percebesse se ria ou se chorava, ou se ria e chorava ao mesmo tempo, fez coro com ela, assegurando que sim, que via a santa mãe, e tão bela, e tão fresca, como no dia do noivado...

1900.

## AMORES...

A J. GODINHO DE CAMPOS.

Uma impressão de Macau.

O que fazia aquele bando de leprosos, que a polícia da colônia surpreendeu e agarrou? O que fazia aquele bando de leprosos, além no meio do rio, sobre um miserável barco, pela noite velha, tenebrosa e fria, ora pairando e deslizando ao grado da corrente, ora remando manso, de margem para margem, em vigia?...

Eles eram uns ossudos filhos das aldeias, dando-nos de longe uma impressão de robustez de músculos, de gente afeita à enxada e à vida de lavoura. Vistos de perto, ressaltava horrivelmente o ferrete de peçonha do seu sangue; eram indescritíveis seres inúteis, abjetos, quase sem mãos, quase sem pés, porque os dedos lhes iam caindo podres aos pedaços; rostos medonhos lavrados pelo mal, sem narizes, com os beiços roídos, com as faces chagadas; ainda mais sinistros pela infâmia estampada nas feições e nos olhares, denunciando perversidades de alma de ínfimo quilate, por certo derivadas da suprema degradação do seu viver. Vestiam farrapos imundos, sem forma definida e sem cor reconhecível; e escondiam as frentes, talvez envergonhadas, sob as abas enormes dos chapéus de rota, em uso nas aldeias.

Pescavam? por aquelas horas da noite e naquele paradeiro, não era admissível esta suposição; nem no mísero barco, onde se amontoavam alguns trapos, se deu fé de anzóis ou de outras artes de pescar.

Mendigavam? menos possível ainda que assim fosse. A tais horas, dormem todos, incluindo os mendigos. O rio dormia, silencioso, lúgubre pelo aspeto das suas águas negras, dos cascos alterosos das grandes lorchas juntas em magotes, desenhando-se vagamente junto às margens os barquitos em cardumes, presos às varas de bambu encravadas no lodo. Apenas de espaço a espaço algum raro *tanka* atravessava dum lado para outro, chape-chape, remos movidos lentamente pelas mãos das raparigas sonarentas, fartas da lida do dia, — coisa de ir levar ao seu albergue algum retardatário, de volta do jogo ou das orgias. — Não era dos noturnos viageiros, e menos dos pobres tankareiras, que o bando de leprosos lograria um punhado de sapecas, que compensasse o esforço da vigília. Nem a sua miséria, realmente, era tal, que os levasse a tão duros extremos. É certo que o leproso se encontra excluído dos povoados. Em paragens mais rústicas, matam-no à pedrada, se o encontram; em Macau, porém, a brandura dos costumes rejeita em regra esta medida, tenha embora o miserável de viver pelos esteiros, em barcos

podres, ou sobre os lodos, escondido das gentes como um bicho peçonhento. No entanto, o esteiro fornece-lhe peixes vis, e caranguejos, e moluscos, e vermes; os cães vadios encontram de quando em quando, nos despejos, um punhado de arroz cozido, e o leproso também o encontra, como eles. Na altivez da sua pasmosa abjeção, o leproso não vem expor-se ao asco, ao opróbrio; sorri ao mundo com desdém, acoita-se no antro, come imundícies, bebe água podre; e os fados são-lhe bastante complacentes em geral, para matá-los da moléstia antes que arrebetem pela fome...

\*\*\*

Averiguou-se finalmente o que fazia aquele bando de leprosos.

Aqueles ínfimos párias passavam a existência isoladamente, cioso cada qual do seu covil, dos seus farrapos, devorando sem partilha o que o acaso lhe oferecia nos enxurros. Conheciam-se certamente, pela vizinhança dos antros, sobre a mesma vasa que se alastra na margem fronteira à de Macau, e a fatalidade comum estabelecia de direito afinidades, alianças tácitas de tribo, entre eles; mas, como não carecessem uns dos outros para sofrerem, para odiarem a natureza criadora, para jazerem no ninho da trapagem, para morrerem, não se procuravam. Na imaginação imersa em trevas de cada um, rústica, pouco elástica, e cultivada em ascos, em maldições, em misantropias rancorosas, nunca por certo passara a fantasia de vir insinuar-se na turba, partilhar das suas distrações, relancear os festins, percorrer os bazares, invadir os templos e os teatros. Mas na turva e lenta elaboração do pensamento, durante os longos dias, os longos meses, os longos anos de isolamento e de ócio, um desejo se fora pouco a pouco avolumando, definindo, convertido finalmente em tortura, amargurando como uma dor constante e implacável: — era a mulher, o desejo, a tortura da mulher. — Prazeres do mundo não se queriam, nem mesmo se lhes imaginavam os feitiços; era-se superior a essa quimera. Mas, no ambiente acariciador da vida, em presença das árvores frutificando, das flores perfumadas, dos animais requestando-se, os hinos da terra, da criação em galas, do amor dos sexos, vinham também ecoar naqueles cérebros, eletrizar aqueles nervos; a visão da mulher, durante as mornas monotonias sem termo, aparecia como um apetite crescente, como uma fome de carne; e os miseráveis, alucinados pela obcecação de todos os momentos, estremeciam, erguiam-se de súbito do seu leito de trapos, arquejantes, o sangue a escaldar-lhes as frentes, o olhar em fogo...

Então, tacitamente, impôs-se a cada qual a necessidade de fraternizar com o seu vizinho, de agremiar-se em bando. A união faz a força. Procuraram-se, entenderam-se. Medonhos conciliábulos se passaram, a coberto das trevas, pelas

noites longas, sobre os lodos. Segredava-se, aventurava-se um plano, discutia-se. Os olhos fuzilavam como raios, a frase rouca golfava dos lábios, eloquente, persuasiva, os membros disformes erguiam-se na sombra em gestos trágicos. E assim se escolheu o barco menos podre, se nomeou a companha, o capitão, se esperou por uma noite mais escura, azada aos seus intentos. Assim tiveram início e prosseguiram os estranhos cruzeiros, à aventura. Ei-los, o bando imundo dos gafados, à capa, pairando ou remando a medo, de manso, de manso, silenciosamente, e perscrutando as trevas. Se ia passando algum *tanka*, os ouvidos subtis e os olhos experimentados, estudavam, presumiam, adivinhavam. Quando era chegado o bom momento, então, — oh delírio supremo! — num ímpeto de remadas e desejos, o barco voava, dava a abordagem, os milhafres caíam sobre as vítimas indefesas. Hábeis no ataque, com as mãos sem dedos sufocavam os gritos das mulheres, a murros, ou premindo; num relance, pelo faro, distinguiam das velhas as moças, apartavam dos ossos duros a carne fofa e tenra; e com fome de hienas, as bocas pestilentas comiam, devoravam com beijos as pobres raparigas, que em vão se debatiam na luta tremenda duns instantes...

Após, o barco dos leprosos seguia serenamente a atracar à margem chinesa, e eles dispersavam, mudos, quase felizes, indiferentes por momentos ao prurido das chagas; e semanas depois reuniam-se novamente. No *tanka*, as moças ficavam-se chorando, arrepelando-se de horror, de desespero, de vergonha por sua mofina sorte; e tanto mais mofina, que é assim, por um beijo, segundo a voz do povo, que a lepra se propaga, se multiplica de corpo para corpo.

1900.

## UM PINTOR DE GATOS

A D. MIGUEL DE MELO

Era uma vez, em mui remotos tempos, uma família de boa gente lavradora, vivendo em certa aldeia do Japão. Marido, mulher e um rancho de filhos; gente pobre, é claro; e ajunte-se que a mui árdua fadiga se dava o camponês, para que não faltasse em cada dia, a cada uma das vorazes boquinhas dos garotos, a tigela de arroz do almoço e do jantar. O mais velho dos rapazes, já aos quatorze anos, robusto quase como um homem, começava a ajudar o pai, nas várzeas e nos campos, o pobre pai, a quem as forças minguavam; e os outros, cada um conforme a sua idade, iam fazendo também o que podiam; até a irmã pequena, — uma migalha de gente, coitadita! — lá ia aliviando a atarefada mãe na lida do casebre.

Só o mais novo dos rapazes em nada se empregava que prestasse; era um inútil; não que ele fosse falto de juízo; pelo contrário, excedia em esperteza qualquer dos irmãos ou das irmãs; mas era enfezadito, débil de músculo; e bem cedo os pais se convenceram de que aqueles braços tenros não haviam nascido para a enxada. — “Faça-se dele um bonzo”, — combinaram; e foi nesta intenção que um belo dia decidiram levá-lo ao templo do lugar, e à presença do velho sacerdote, que era como quem diz — o prior daquela freguesia. — O pai falou e expôs a questão, enquanto que a mãe aprovava com a cabeça; o reverendo, que em breve trecho descobrira rara sagacidade na criança, consentiu em tomá-la por pupilo, pensando talvez intimamente que ali o acaso lhe trazia um digno sucessor, quando a hora lhe chegasse de despedir-se deste mundo.

E ficou tudo resolvido.

\*\*\*

O noviço mostrou-se, desde os primeiros dias, submisso, inteligente e piedoso; e também — valha a verdade — não lhe iam mal a rude túnica amarela e a cabecita rapada à navalha, de preceito; mas como não há formosa sem senão, segundo um provérbio português (e a filosofia dos provérbios se aplica à humanidade inteira), tinha um defeito o rapazito: pintar gatos. Expliquemos o caso, que é curioso: nas horas de sueto ou nas horas de estudo, no templo, na cela, no jardim, em toda a parte onde estivesse, punha-se a pintar gatos; e tão bem os pintava, — faça-se-lhe justiça neste ponto, — que nenhum pintor até então pintou gatos melhor do que o fradinho. As páginas dos livros sagrados do convento, as paredes, os biombos, os pilares, as árvores, os rochedos, — forte mania de criança! — tudo servia, tudo era tela para exercer a sua pecha. Por onde ele passava, por onde se quedasse dois



minutos, era logo a sucessão interminável de desenhos, eram as curvas caprichosas dos travessos felinos, de todos os tamanhos, em todas as posturas, creio que até enjaneirados, os olhos redondos, esbraseando as duas orelhas espetadas, o cotozito alçado e petulante (os gatos japoneses não têm rabo), a garra atrevida posta em guarda... Está-se a adivinhar com que azedume o reverendo acolhia tais desmandos; vezes sem conto repreendeu o *artista* (como por ironia lhe chamava), tentando dissuadi-lo daquela triste balda, que nem lhe permitia estudar com atenção os velhos alfarrábios do budismo, de tão necessária ciência ao seu santo mister. Intento inútil: não por maldade, por instinto, quanto mais lhe proibiam a proeza, mais ia pintando gatos o teimoso. Até que finalmente, em certa ocasião, o reverendo perdeu de todo a paciência e gritou ao moço incorrigível: — “Vai-te embora! Foge da minha vista!... Bom padre, nunca serás seguramente; serás talvez um bom pintor.” — A ordem era terminante. Foi fácil ao mocinho entrouxar os seus poucos haveres, pôs a trouxinha às costas, e fez uma medida ao padre mestre.

\*\*\*

Ei-lo na rua, escorraçado, em bem angustiosas condições. Que fazer? Tremeu de voltar ao lar doméstico, onde o pai, mui certamente, o puniria da sua teimosia. Lembrou-se então que a quatro léguas de distância havia uma outra aldeia, com um templo cheio de bonzos, e para lá se encaminhou, disposto a pedir abrigo e proteção aos padres. Era notório que o tal templo desde alguns meses se achava abandonado, por nele ter entrado um demônio, um espírito malfazejo, como tantos que abundavam então pelo Japão; muitos guerreiros animosos se tinham decidido a ir lá dentro, mas nem um só voltou; porém estas notícias, que iam já apavorando aldeias e cidades em redor, nunca haviam chegado aos ouvidos do pequeno.

Era já noite escura quando alcançou a aldeia; o povo dormia nas choupanas; ao fundo da rua principal, e sobre um dorso de colina, de entre a rama das matas erguia-se o templo majestoso, e uma luz interior bruxuleava, luz de esperança para a mísera criança. Luz de esperança parecia: mas o povo bem a tinha por feiticeira do diabo, que assim manhosamente ia atraindo algum caminheiro solitário em busca de pousada. Bate ao portal uma primeira vez, bate segunda vez, bate terceira, sem que ninguém acuda ao chamamento. Por fim percebe que basta empurrá-lo para abri-lo; e então, por um leve impulso dos seus braços, achou livre o ingresso, e assim entrou, largando dos pés nus as suas sandálias poeirentas.

Nos aposentos interiores ardia uma lâmpada com efeito; mas nem um bonzo só, de tantos que ali deviam estar, aparecia. Julgou que tinham ido dar o seu passeio e que em breve voltariam, e resolveu esperá-los. O tempo ia passando, e os seus

olhos curiosos de garoto entretinham-se em devassar o aspeto do sítio onde se achava. Notou com espanto que abundava o lixo, e pelo teto as aranhas iam tecendo sem cerimônia as suas longas teias; era estranho que, sendo em regra os templos, mimos de limpeza e de cuidados, aquele se encontrasse em tal desleixo, como se fosse coisa abandonada. É que, provavelmente, aos santos bonzos faltava o auxílio dum acólito, a quem, como de praxe, cabe o dever de todas as manhãs lavar, varrer e sacudir o pó, arte exercida no Japão com especial desvelo; e concluiu logicamente que bom acolhimento lhe fariam, no próprio interesse da comunidade.

Agora o rapazito, prosseguindo no exame, fixa o olhar num móvel que o cativa, que é um grande biombo que tem em sua frente, com as duas faces brancas; passara-lhe na mente o irresistível desejo de encher aquelas faces de gatos, de cem gatos, de mil gatos, lindos, felpudos, assanhados, com as bigodeiras hirtas e os olhos chamejantes; e uma súbita alegria iluminava-lhe o rosto sonhador... Pensado e resolvido. Cerca encontrou a clássica escrivantina japonesa, — a caixa com os pincéis, com a gota de água num depósito metálico, com o pedaço de tinta negra e com a lousa onde esta se prepara. — Mãos à obra. O pincel voava em curvas humorísticas; a mãozinha inspirada corria, pulava de alto a baixo, ponto aqui, rabisco ali, traduzindo a impressão própria com habilidades prodigiosas. Assim foram aparecendo, sobre aquela tela improvisada, ranchos e ranchos de gatos adoráveis; e tantos gatos desenhou, e tantas horas correram, sem que os bonzos voltassem do passeio, que o pobre garotito sentiu-se de repente cheio de sono e de fadiga; num cubículo contíguo se recolheu e se fechou; estendeu-se sobre a esteira, e em breve adormeceu.

\*\*\*

Lá pela noite velha, um barulho inaudito, como se uma terrível luta se travasse entre misteriosos combatentes, despertou a criança. Os gritos, os gemidos, o ruído dos corpos que caíam, vinham de perto, do aposento vizinho onde estivera; tremiam as paredes, o chão, a casa toda; a peleja durou até à madrugada. Como ele sofria de pavor! Caído sobre a esteira, imóvel, parecia coisa morta, sustendo o próprio fôlego, para que a sua presença não fosse pressentida...

Já com a manhã clara e Sol bem alto, ergueu-se então, e animou-se a espreitar um pouco para fora, por uma fenda da parede. Foi medonho o que viu. No chão grandes poças de sangue se alastravam; e mesmo ao meio da casa, jazia morta, esfacelada, uma enorme ratazana, — maior do que uma vaca!... Mas quem matara o monstro, se ninguém parecia ter entrado? Reparou por acaso no biombo, onde horas antes pintara tantos gatos; lá os viu, mas com os focinhos lambuzados de

sangue e as patinhas igualmente; eram eles que tinham dado cabo do demônio...

\*\*\*

O mocinho tornou-se, com o correr do tempo, um grande artista. Ainda hoje se admiram muitos gatos pintados pelo seu pincel inimitável.

\*\*\*

O cronista de quem extraí esta legenda, nada conclui, como moralidade, da história que narrou. Concluirei eu o que bem me parecer, se mo permitem. Em primeiro lugar, pouco propenso a crer em coisas do diabo, embora mesmo no Japão, concluo que, se a rata do convento era tão grande, é que a despensa se achava provida com um enorme arsenal de gulodices; o que, a despeito de tanto que se diz dos frades de outras terras, dos frades portugueses por exemplo, faz honra à sobriedade de hábitos dos maganos, pois não consta que jamais os presuntos e a marmelada de reserva nutrissem uma rata lambareira até atingir igual tamanho. Concluo ao mesmo tempo, humilhado, confundido, que os pintores do meu país estão bem longe do traço criador dos pintores do Dai-Nippon. Por último (e talvez esta final conclusão seja a mais útil), vejo que às vezes as nossas qualidades, de que os outros se riem e escarnecem, são as que mais nos valem neste mundo.

1901.

# IMPRESSÕES RÁPIDAS

A S. PERES RODRIGUES

Era uma noite de luar do mês de Abril, esplêndida. Eu seguia pelo caminho de Suwayama, na parte mais elevada da cidade. De um lado alinham-se as casinhas japonesas, entre elas as mais famosas *chayas* de Kobe, *Tokiwa* e outras, onde os japoneses vêm folgar; do outro lado, é a rampa íngreme, coberta de pinheiros, e sobe a colina inculta, em corcovas acidentadas, onde assenta um templo notável.

Nas *chayas*, segundo o costume, havia festa. As corrediças de papel estavam fechadas; mas a luz interior coava-se para fora vivamente, desenhando alguns vultos dos convivas em sombrinhas deliciosas; eram os vultos deles, dos amigos reunidos, certamente banquetecendo-se sobre a esteira, e eram os vultos delas, das *gueshas*, que lhes iriam vazando o vinho nas taçazinhas de fina porcelana, e cantando baladas ao som do *shamicen*. Música, cantigas, gargalhadas, chegavam-me aos ouvidos num vago sussurro de alegria.

Na minha frente iam seguindo uns cinco sujeitos europeus, gente de distinta sociedade, a julgar pelo esmero do traje e da linguagem, e pelo aroma dos soberbos charutos que fumavam. Iam falando inglês. Dois discutiam finança: — o Japão atravessava uma crise econômica terrível; os cofres do governo, segundo as aparências, exauriam-se; o tráfego em marasmo; duas grandes fábricas de Osaka, constava, suspendiam o trabalho... — Os três outros palestravam de política: — primeiro foi o Transvaal, e fez-se a conta de quantos boers haviam já caído sob o chuveiro das balas inglesas; depois saltou-se ao Extremo-Oriente; a Rússia ameaçava o império japonês; aparecesse um pretexto, o mais leve, o mais fútil, e era a guerra; discutiam-se as probabilidades da vitória, presumiam-se os estragos, o número de vítimas no primeiro embate das esquadras... — Teriam talvez muita razão, todos os cinco; mas ia-me parecendo aquela gente um bando de mochos agoirentos, folgando com a ruína, dando-se bem com o fétido dos mortos. Para eles não nascera, imaginava eu, aquela Lua esplêndida, que ia alumiando o espaço todo e espargindo sobre a terra uma chuva de prata; nem era para eles que os pinheiros de Suwayama se enchiam agora de rebentos viçosos; nem para os seus pulmões que o ar vinha oloroso de florescências múltiplas, distantes. Supunha-os, coitados, dispépticos, biliosos, misantropos, perseguidos nos fofos leitões por cruciantes pesadelos.

Naquele ponto, as *gueshas* de Suwayama entoavam uma cantiga popular, que assim começa: — “*Haru wa, ureshiki...*” — cujas primeiras estrofes se podem traduzir, pouco bem, por estas duas quadras:

*Na Primavera, enlevai-vos  
Nas cerejeiras em flor.  
No V'irão, folgai nas ribeiras,  
Quando se abrasa em calor.*

*No Outono, vede a folhagem,  
Toda escarlata, voando.  
No Inverno, espreite-se a neve,  
Bebendo vinho e cantando.*

\*\*\*

Quando eu escrevi a *Primavera*, e a ofereci a um delicado amigo, prometi a mim mesmo, e creio que também a ele prometi, completar com pachorra e vagar, os aspetos das estações, aos quais o tempo, o sol, a cor do céu, neste país deslumbrante de cenários, imprimem mais intensivamente, mais emotivamente do que em outro lugar, feições diferentes e imprevistas. Por preguiça ou outras causas, não cumpri a promessa, com o que, — valha a verdade, — nada se perdeu que falta faça; mas, sucedendo agora que tenho de reunir em volume umas impressões dispersas, que intitulei *Paisagens*, pareceu-me indispensável, por um melindre de consciência literária, voltar ao assunto, concluí-lo. Pede-me pressa um editor bondoso. Tomo o negócio de empreitada; reúno as ligeiras notas soltas que encontro em esquecidos papéis velhos.

Antes assim. Impressões do acaso, apontamentos rápidos, vão-me parecendo preferíveis a um longo estudo que intentasse das mutações de cena que hoje, amanhã, meus olhos relanceiam; e não perco o ensejo, por natural intuito de desculpar-me perante quem me ler, de traduzir aqui uma deliciosa página de um livro francês, também sobre o Japão, escrito há poucos anos. — “As circunstâncias concorrem mais para a inspiração, do que todos os esforços do homem, e a experiência quotidiana é a grande instigadora das imaginações. Vede em literatura: de ordinário, tanto mais breve é um trabalho, ou, se é extenso, tanto mais é feito de pedaços, de fragmentos escritos primitivamente ao acaso dos tempos, tanto melhor ele é; um longo livro de história, um longo romance, um longo tratado de filosofia ou de moral, jamais valerão um conjunto de memórias, uma curta novela, um jornal íntimo ou um caderno de pensamentos, e jamais um poeta épico alcançará o viço de vida que dá ao improviso feliz tamanho encanto; porventura, o homem sensato deveria decidir-se a não publicar senão volumes de páginas destacadas.”

Pretendo ser sensato uma vez na minha vida.

\*\*\*

Um calor de fornalha. Na África, na China, não é mais sufocante. O enervamento é enorme. Desfalece-se de preguiça, de langor.

No entretanto, é no Estio que o Japão alcança a sua genuína feição típica, pela natureza e pelo povo, descrita pela lenda, pintada pela arte e como os estranhos a imaginam.

A terra é toda verde. Crescem as matas, trepa a erva, viceja o mar de arroz nas várzeas alagadas. Nos jardins, floresce a *asagao*, a caprichosa trepadeira, cujas flores, as frescas campânulas de todas as cores imagináveis, duram o espaço de uma madrugada; nas águas, floresce o lótus.

O vestuário atinge a maior simplicidade; um único *kimono* de algodão azul e branco, amarrado na cintura, é tudo... e às vezes nem é tanto. O europeu, quando ainda estranho ao meio, encara então surpreso este Japão nu ou quase nu, passeando sem cerimônia as suas pernas, os seus braços, os seus colos, os seus seios e ainda mais, — exposição paradoxal de grotescos e de encantos...

A casa, durante o dia, também se despe; despe-se das suas paredes de papel, ficam o telhado e quatro ripas; patenteiam-se aos olhos de toda a gente, o lar, a vida íntima.

É a época das peregrinações, das excursões aos templos, aos lugares frescos, onde há brisas, onde há sombras, onde há águas. Trepa-se ao Fujiyama, a montanha sagrada. Busca-se o abrigo de um pinheiro, para petiscar, para folgar em companhia; e os corpos estendem-se na relva, como répteis. As *musumés* vão molhar os pezitos nas areias das praias, para colherem algas e mariscos. As ribeiras convidam: numas, entre juncos, é a caça noturna aos pirilampos; noutras, — o Sunsidagawa em Tokio, o Iodogawa em Osaka, — em noites calmas, é a flotilha imensa dos barcos de prazer, todos eles sanefas multicores, lanternas, balões, galhardetes, harmonias de instrumentos, festins, rapazes, raparigas, amores...

\*\*\*

Outono.

Em Novembro floresce a crisântemo, a flor heráldica. Estupenda coisa. Não me parece flor; antes um monstro, com a sua enorme cabeleira de mil pétalas, contorcidas como tentáculos de um pólipó, em colorações indefiníveis. Alinhadas nos jardins, sob tendas de abrigo, as crisântemos lembram mulheres, lembram-me cortesãs de Ioshiwara, quando elas vestem os ricos mantos policromos, quando

elas enfeitam os cabelos com diademas de espavento, e vêm postar-se em filas, princesas pompejantes do vício, encantadoras e perversas...

No Outono, a folhagem do arvoredo perde naturalmente o verde, e cobre-se das cores mais vivas e mais estranhas, o amarelo, o vermelho, o roxo, em cambiantes vários. A paisagem oferece então um luxo de tintas inarrável; momentâneo, porque as brisas vêm breve despir os troncos, e juncar de folhas mortas os campos e os caminhos. A delicada árvore que aqui chamam *momiji*, de graciosas folhas digitadas, torna-se toda em púrpura, como em fogo; ao abrigo da sua rama ardente acolhe-se o povo, em magotes, que vem rir, que vem beber, que vem folgar, arrebatado pela cena, que é sem rival em maravilhas.

\*\*\*

O Inverno.

Mas há Inverno no Japão? Julgo que sim, pois gela a água nos charcos e ribeiros, cai profusa a neve, alvejam no horizonte as serras, como embrulhadas em lençóis. No entretanto, ainda ao sol de Dezembro desabrocha a crisântema, e já em Janeiro as ameixeiras, nuas de folhas, começam a florir. Seja pois um Inverno de flores. É certo que essa grande desolação das longas invernias dos climas temperados é desconhecida em solo japonês. A paisagem é sempre alegre; o céu é sempre azul; os pinheiros, que são as árvores que mais abundam, sempre verdes. Se então se prolongam mais as palestras em roda do braseiro, chegando os dedos ao calor, tomando chá, o povo não cessa de afluir aos teatros, aos bazares, aos templos, ao abrigo da sua rama ardente acolhe-se o povo, aos jardins; apenas, por cuidado ou garridismo, as *Musumés* cobrem com um manto de delicada cor as cabecinhas petulantes, deixando ver do rosto apenas uma nesga da fronte e os olhos negros, úmidos de amor e de mistério... deve ser antes garridismo, pois ficam deste modo mais sedutoras do que nunca.

A neve, que constitui uma calamidade em tantas regiões, entra aqui no rol das coisas deleitosas. Tanto é assim, que as mulheres, cujos nomes são sempre mimosos como elas, lembrando flores ou outras gentilezas, se apropriam do termo com frequência: — *Yuki-San*, a Senhora Neve, ou com mais cortesia, *Ó Yuki-San*, a Nobre Senhora Neve, é nome muito em uso. A nevada, sem que prejudique o povo na vida e no conforto, vem branquear as serranias, os campos e as estradas, esplêndida apoteose de alvuras e purezas; rendilha as árvores de cristalinos ornamentos, ostentando-se como uma florescência imensa, uniforme, que brotasse dos restolhos, da erva, dos bambus, dos cedros, dos pinheiros; sobre os telhados das casas e dos templos, sobre os dorsos das grandes raposas de granito que destes se avizinham, sobre as lanternas de pedra dos jardins, demora-se em

fofos flocos, que dão às coisas próximas, realces sedutores; por onde a água corre e se despenha, o frio congela as gotas, adormece-as, transforma-as em recortadas estalates, que um raio de sol mais quente virá em breve desfazer.

No vocabulário japonês, tão amorosamente naturalista, há um termo de que agora me recordo, que não tem, como muitos, sinônimo em línguas europeias; é *yukimi*. *Yukimi* quer dizer: — excursão ou banquete preparado para ir ver cair a neve. — Nas *chayas*, em certos sítios pitorescos, exemplo — as colinas de Kioto, — combinam-se reuniões; vêm os rapazes, vêm as *gueshas* com as guitarras, começa a festa ruidosa, interrompida a espaços pela contemplação muda do espetáculo que se oferece; no entretanto, a neve vai caindo numa chuva contínua de folhepos, ligeiramente sussurrante, de um ruge-ruge de sedas que arrastassem, vestindo o solo, as árvores, o colmo das choupanas, pousando mesmo nos vestidos e nas mãos brancas como a neve das moças irrequietas...

\*\*\*

Outro assunto: a história da arte.

No Japão, não há nem houve nunca, sábios; é medida, penso eu, de higiene nacional, consequência de antigos hábitos de limpeza das criadas, que os sacerdotes do solo como sacerdotes as teias de aranha das paredes. No respeitante a história, é evidente que o ofício de historiador, com a *secura* e a *frieza* que lhe supomos inerentes, não existe. A história japonesa é feita pelo povo, incluindo a colaboração preciosa das velhas, das raparigas, dos garotos; emana das tradições, da lenda e da intuição sentimental das massas. Recordo por este fato os evangelhos bíblicos, escritos pelos rudes discípulos de Cristo, pobres e simples pescadores alheios ao convívio dos clássicos, sem ciência e sem arte, mas abrasados em poesia, em crenças, em amor. Na história japonesa, palpita, como nas páginas da Bíblia, a alma da tribo, propensa, pela tendência geral da gente rústica, ao milagre, à maravilha, ao inverossímil; convindo apenas não esquecer que o japonês, menos idealista do que o hebreu, não vai mui alto no mundo das quimeras, voeja terra a terra, aprezendo-se em entretecer de graciosas fabulações as aventuras dos seus homens ilustres. A história da arte, para este povo feito todo de artistas, sempre sob o arrebatamento das belezas naturais do seu país, é um dos capítulos preferidos, por onde mais rodopia sem freio a fantasia; e é deste capítulo da arte que eu destaco algumas graciosas lendas que se seguem.

\*\*\*

O bonzo Chyo Densu, que viveu pela primeira metade do nosso século XV, foi um grande pintor em coisas religiosas.



Sendo noviço num templo de Kioto, Tofukuji, conta-se que já se dava à pintura com paixão, incorrendo por esta forma no desagrado do superior Daidô, que o ia asperamente repreendendo. Certo dia, acabava ele de pintar um retrato de Buda, quando sente passos de Daidô, que se aproxima do seu pouso; rapidamente, esconde o desenho entre os joelhos; o vulto entra na cela, esbrugando as suas contas, resmungando; do resplendor do deus súbito irradiam chamas de apoteose, que inundam de luz a casa toda; a falta do noviço estava assim conhecida; mas também perdoada, pois Daidô humilhou-se a este aviso do céu, e nunca mais atormentou o seu discípulo.

Já no fim da existência, dignou-se uma vez o Shogun recompensá-lo dos seus muitos serviços, dizendo-lhe que pedisse o que quisesse. — “De nada careço neste mundo, retorquiu Chyo Densu, tendo em cada dia um *kimono* lavado para vestir e uma tijela com arroz; só vos suplico, senhor, que por vossa ordem terminante sejam cortadas cerces todas as cerejeiras do jardim deste templo, para que de futuro se não torne um lugar de folia e desacato.” — Foi-lhe o desejo satisfeito; e em Tofukuji, ainda até hoje, nem um só pé de cerejeira floresce.

\*\*\*

Tadahira, do nosso século X, pintou certo dia um cuco sobre o pano de um leque. Tão perfeito era o cuco, tão inspirado de verdade foi o pincel que o desenhou, que em todas as vezes que alguém abria o leque, o cuco, assim exposto à luz do dia e à paisagem, acordava, soltava o pio habitual dos cucos. Maravilha!...

\*\*\*

Maruyama Okio, nome moderno, pois é do século XVIII, foi pintor muito célebre, a última glória talvez da escola clássica, convencional, mas cheio de amoroso realismo nas suas concepções. Um seu cliente fizera-lhe encomenda de desenhar um urso bravo. O consciencioso Okio pede a certo aldeão do seu conhecimento que o avise de quando algum apareça pela serra; o aviso vem ligeiro, pois abundam tais bichos no Japão, e ei-lo que parte, com a tinta, com os pincéis e com o mais de que carece. Levado pelos campos, depara com o animal dormindo junto a uma árvore. Mãos à obra, e em curto espaço conclui o seu trabalho e se retira; mas dentro em pouco rasgava a tela, desgostoso, depois de a ter mostrado a um caçador de ofício, em ursos entendido, o qual lhe observou que achava belo o quadro, mas falho de verdade após um exame atento, pois não traduzia a imagem a vaga ondulação que é própria ao arfar do corpo que respira. O melhor da passagem foi ter, anos corridos, contado o aldeão ao bom Okio que o tal urso da serra se quedava dias e dias junto à árvore; até que se deu fé, entre curiosos, que o bicho não dormia, mas se achava ali caído morto...

\*\*\*

Sonhou um dia o Shogun, Generalíssimo do império, que um padre lhe aparecia e lhe dizia estas palavras: — “Eu sou o defunto superior do templo de Kurama; e rogo-vos, senhor, que ordeneis a Kano Motonoba de pintar o meu retrato, para ser colocado no templo onde passei meus longos dias de existência.” — Acordando, mandou chamar o grande artista, fez-lhe a encomenda, e soube então que ele tivera igual visão durante a mesma noite.

O pior é que Kano não conhecera o reverendo, nem lhe constava que existisse um só retrato para modelo. A tarefa era ingrata. O pintor passou então dias sem conto, tendo na frente a tela nua, pincel em punho e tinta preparada, imóvel, perplexo, desesperado de jamais poder realizar o seu intento. Foi em um daqueles dias que uma aranha desceu do alto do teto lentamente até pousar na tela, onde teceu a sua teia, que era nada menos que o esboço do frade a traços rápidos; Kano limitou-se a completar a obra em seus fáceis detalhes.

Outra dificuldade se levanta: Kano desenhara um retrato gigante, em uma grande tela, não refletindo a princípio que nunca poderia conseguir que passasse pela porta do seu modesto albergue. Quando concluído e como o problema se apresentasse irresolúvel, eis sopra de repente uma rajada em fúria, que deita a terra uma parede do albergue, e leva em triunfo, pelos ares, o primoroso quadro até ao templo de Kurama, onde até hoje está, e os visitantes o admiram.

\*\*\*

Sesshiu, um nome glorioso entre a plêiade dos pintores do Dai-Nippon, entrara como noviço aos treze anos no templo de Hofukuji. Sabe-se que, durante a sua aprendizagem, mais se aplicava à arte do que às práticas devotas. Uma vez, por uma ofensa deste gênero, foi posto em penitência junto a uma coluna do templo, durante longas horas, com as mãos atrás das costas, fortemente amarradas. Quando o superior vinha soltá-lo, — imagine-se o espanto do sujeito! — eis que surge de junto dos pés do pobre moço um bando de ratinhos, que se escapam espavoridos pela casa. Qual era a explicação de tão estupendo caso? Eu lhes conto: o penitente, choroso e inativo, fora entretendo o tempo a pintar sobre o sobrado poeirento aqueles galantes animais, servindo-se das próprias lágrimas como tinta, e do dedo grande do pé nu, como pincel; logicamente, os ratos salvavam das iras do velhote as preciosas vidas com que o artista acabava de dotá-los.

\*\*\*

Esta é uma velha lenda clássica da religião de Shinto.

O templo shintoista de Shimo-Gamo, em Kioto, é dedicado à deusa Tamayeri-hime. Esta menina, antes de dar pretexto aos fiéis para ser adorada, achava-se uma vez dedilhando sentidas melodias na guitarra, à beira do rio Seminogarva, quando avistou boiando à tona de água uma feicha vermelha, encimada de lindas penas de certa ave das selvas. Colheu-a e levou-a para casa, colocando-a junto do seu leito. Ato contínuo, sucedeu a maravilha de dar à luz um filho. Seus pais, descrentes de artes milagrosas, e a despeito dos mil protestos de inocência que ela lhes fez, singelamente, não acreditaram no milagre, acusando-a da falta que mais pode envergonhar uma mulher honesta.

Passados anos, Taketsumi-no-Mikoto, o pai da desolada, resolveu aclarar este mistério. Em tal desígnio, ofereceu um banquete a todos os vizinhos; e quando estavam todos reunidos, dirigindo-se ao neto, e entregando-lhe uma taça cheia de *saké*, que é o vinho do país, disse-lhe isto. — “Leva-a a teu pai.” — A criança, obedecendo, saiu para a rua e pôs-se a contemplar o céu, e ia murmurando uma oração; de súbito, transforma-se num raio, que corisca, subindo às regiões celestes, acompanhado pela mãe, para a qual começou assim a glorificação.

\*\*\*

Encontrei-me, em pleno dia, num luxuoso bairro indígena, que me disseram chamar-se a *Cidade-Noturna*, pois só com a noite acorda, e só na noite vive, deslumbrante de galas, de lumes, de harmonias, de povo alegre que transita, para cair em repouso ao alvorecer da madrugada.

Àquela hora, a estranha cidade, esbraseando a um sol de intensidades tropicais, do mês de Agosto, modorrava; tórpida quietação; raros vultos se viam, — mendigos, vadios, párias da vida, — cosidos com as nergas de sombra dos edifícios e das árvores que ajardinam ao centro as avenidas.

Fixei casualmente a atenção num edifício mais pomposo, de vastas dimensões, todo de madeira nova, alto de quatro ou cinco andares, rodeado de varandas, donde pendiam a arejar ricas colchas de seda e mantos de matiz; não sei que caravancará de misteriosos hábitos, aquele, silencioso também àquela hora, mas dando de si a ideia de conter nos seus arcanos uma legião do moradores.

Ao centro deste edifício erguia-se em triunfo um amplo portal, de madeiras lustrosas; seguia-se-lhe um vestíbulo; depois alguns degraus de escada, acharoados; e ao fundo, muito ao fundo, havia passadiças cobertas de esteiras muito limpas, correições entreabertas patenteando, numa meia penumbra, confusos verdes de jardim.

Junto ao portal, dois moços de serviço, quase nus, dormiam sobre um banco, como dois cães de guarda cansados da vigília. Notei que vultos de mulher, de quando em quando, passavam, perpassavam, longe, no último plano; lânguidas, vagarosas, com os penteados desfeitos, arrastando amplas túnicas de seda estampadas de entrelaçamentos de flores. Uma delas, por desenfado, avançou até ao portal, ergueu os braços alto, enfiou os alvos dedos de ociosa pela juba negra dos cabelos; e assim, naquela posição, pôs-se a fitar o azul do céu que uma ave cruzava em voo rápido. Gentilíssima, esplêndida no vestido, miúdas formas graciosas, da cor do jaspe os pés descalços em hábito de humildade, e um olhar de dezoito anos quando muito, pueril, coando a expressão íntima de um ser afeito à passibilidade e inconsciente das coisas deste mundo. De dentro, uma voz de velha, azeda e imperativa, chamou-a pelo nome: — “*Mitsu-Riyo!*” — E eu fui seguindo o meu caminho, acordando de súbito para um enternecimento doloroso, que me é peculiar em presença de certos relances da existência, um pequenino nada às vezes, confuso e passageiro... *Mitsu-Riyo* quer dizer, literalmente: — *Mel que se oferece* — a quem? à turba, a toda a gente.

\*\*\*

No Japão, uma vez em cada ano é a festa das meninas, e uma outra vez em cada ano é a festa dos rapazes.

Na primeira, como de justiça, e em atenção ao sexo, tudo se passa entre a família, de paredes a dentro; e o profano nada logra devassar dos júbilos daquelas presumidas, vestidinhas com mil esmeros e atenções, em êxtase em frente do altar que se arma em casa em honra delas, aonde se dispõe, além de coisas santas, a coleção de bonecas e brinquedos, a série em miniatura do espelho, da caixa de costura, do braseiro, das chávenas, da chaleira, de tudo mais onde mais tarde os seus dedos mimosos pousarão, no plácido exercício dos seus deveres de esposa e mãe por sua vez.

A festa dos rapazes é pública, ostensiva. É certo que no lar se agrupam os troféus de armas e alegorias de guerreiros, e brinquedos condizentes com a turbulência inata nos garotos; mas no que mais se empenha o cuidado da família é num curioso emblema que enfeita a cidade inteira, oferecendo aos passeantes um estranho quadro de festa e alegria. Cada qual que tem filhos — e quem há que os não tenha? — espeta a prumo ao pé da sua casa uma vara de bambu de grande comprimento, tendo amarrado na ponta um enorme peixe de papel, soberbamente pintado de negro ou de vermelho, escamudo, com ampla cauda e esbugalhados olhos; cada qual amarra um peixe, ou dois, ou três, ou quatro, conforme o número de filhos; e há casais tão abençoados dos deuses e tão

cumpridores do seu dever, que amarram sete peixes, oito peixes, um cardume!...

Qualquer curioso em coisas de estatística poderia, sobre uma eminência da cidade, registrar pelo número dos peixes o número de filhos varões naquele sítio; mais ainda: os ventres beneméritos que mais soldados dão ao exército imperial.

Há uma lenda adorável nesta usança. Os peixes figuram carpas, no Japão abundantíssimas; a carpa, sabe-se, vive nos rios, e apraz-se teimando a nadar contra a corrente, subindo da foz até às origens; aqueles peixes de papel, enfunados pelas brisas fuscas que reinam em geral naquela época, que é em Maio, perfilando-se contra o vento, dão uma perfeita imagem do fenômeno. Assim o homem, no curso da existência, deve adquirir a rude teimosia de resistir, de passar para além da corrente dos revezes, dos desalentos, das intrigas, até alcançar o lago bonançoso da paz da consciência e da abastança ganhas com o seu trabalho inteligente. A festa é ao mesmo tempo um aviso aos tenros nipônicos de agora, ranhosos, rabugentos, dependurados da teta maternal, ou, mais crescidos, caçando as cigarras pousadas sobre as árvores, lambendo doçarias e soletrando o *i-ro-ha* pelas escolas, mas que amanhã constituirão a massa ativa e dirigente desta tribo inchada de orgulhos patrióticos, e abrasada em ambição.

\*\*\*

Se um dia me sobraem ócios e pachorra juntamente, hei de ainda escrever um longo capítulo inspirado na mulher japonesa, tal como eu a compreendo, ou antes, tal como a não compreendo. Não agora. Agora intento apenas falar dela em breves frases, ao capricho das rápidas ideias que me ocorrem.

Qual é o seu destino? O enlevo do lar. Seria pois, como quem diz, um canário cantador, gentil e inútil, saltitante, papeando ao sol e enchendo a casa toda de alegria, se não se devesse incluir em tal enlevo, dois méritos ainda: o delicado instinto da ordem, da limpeza, e um fundo de carinho maternal, tão amoroso, que talvez não tenha igual no mundo inteiro. De sorte que, sem missão ativa propriamente, parece vir ao mundo destinada a uma doce passibilidade feita de cuidados e sorrisos, para tornar feliz o esposo, e preparar para a vida um outro homem, o seu filho. Sem iniciativa própria no ramerrão da existência quotidiana, simples nos hábitos, nas ocupações e nos desejos, a sua condição mantém-lhe, e mesmo lhe exagera, os atributos peculiares do sexo, — delicadezes físicas fixadas no requinte, e um discorrer ingênuo de criança.

É uma escrava do homem? É difícil dizê-lo, neste mundo, que é todo escravidão. Sim, será talvez; e recorda-se este velho preceito de moral, ainda não esquecido: — “Obedece a teu pai, mais tarde a teu marido, mais tarde a teu filho primogênito.” — No entretanto, bem quiméricas algumas devem ser as que suportam... pois para

que lhes servem a elas, as *musumés*, o sorriso perene dos lábios, o mimo dos gestos, das feições, do garridismo do seu traje, a alma de graças que têm nas pontas dos dedinhos, que tudo aformoseiam onde tocam, senão para trazerem submisso ao jugo dos seus desejos e caprichos o bruto seu senhor (porque os homens são brutos em todo o planeta) e folgarem como princesinhas voluntárias?... Que se julgam felizes, elas, esta Senhora Ameixieira, esta Senhora Crisântemo, esta Senhora Primavera, não há dúvida, concluindo por este mesmo sorriso dos lábios frescos durante todo o dia — e possivelmente toda a noite — pela alegria fervilhante dos olhitos, pela serena ondulação da mímica, já surpreendendo-as nos mil misteres caseiros, já pela rua, caminho dos bazares, dos templos, dos teatros, dos campos floridos...

É certo todavia que uma grande dissemelhança afasta a mulher japonesa, da mulher ocidental, pelo menos daquela que a importação despeja dos paquetes e vem pisar a terra de Nippon; a ponto, persuado-me, que um sábio zoólogo qualquer, que descesse do planeta Marte a estas paragens, jamais ousaria classificá-las como exemplares da mesma fauna.

Vede esta femeazita minúscula, toda ela pieguices de roupas e maneiras, frágil, sem músculos, com mãos e pulsos de criança, imprópria para o esforço e para a luta; passa a vida de joelhos, sobre macias almofadas, brincando com bonecas como se fossem filhos seus, ou brincando com seus filhos como se fossem as bonecas; se sai de casa, vai arrastando os pezitos em passos indecisos, preguiçosos, borboleta boêmia, sem rumo e sem intento; sabe cuidar dos seus cabelos, pintar a boca de escarlate, dedilhar no *shamicen*, compor ramos de flores, servir o chá nipônico, ler histórias de raposas fabulosas e de macacos legendários...

Agora comparai esta quimera humana com as rudes viageiras que o mar aqui arroja, bravos exemplares do feminismo em moda, fontes de músculos, de ânimo atrevido, usando monóculo, bengala e colarinho; deixam às amas os filhos, se é que os têm, para correrem as cidades a passos de gigante, ou, mais velozes ainda, manejando com mão firme a bicicleta; umas são jornalistas, outras são missionárias, outras são médicas, outras são sábias, outras são coisa nenhuma. Não há comparação possível entre as duas. A europeia ofusca a japonesa pelos seus méritos triunfantes. A esta, humilde e tímida, só restaria acaso uma desforra: — era entreabrir o *kimono* de seda na parte junto ao peito, patentear-lhe o par de maminhas brancas e roliças, com os bicos cor-de-rosa macerados pelos dentinhos do garoto que lhe brinca no colo, nu em pelo...

\*\*\*

Uma amável senhora, cujas cartas vêm de quando em quando amenizar a solidão do meu viver, dizia-me ainda há pouco coisa parecida com o seguinte, a propósito

de dois livros que escrevi (que ela leu, a bondosa), e da subsequente prolongada preguiça literária em que fiquei: — “Você deu ao público as suas ilusões; o público espera agora as suas desilusões.” — Não sei ao certo o que então lhe retorqui; mas eis o que me ocorre responder-lhe, ao escrever a última página deste livro:

Vá de barato que a gente publique as suas ilusões; melhor fora calar-se, todavia. Mas para as desilusões não há, suponho eu, publicidade admissível; sofrem-se no silêncio íntimo, e manda o orgulho próprio, além de outros motivos, que a gente as não divulgue. No entanto, para o país japonês, com o qual ia especialmente contender a gentil observação que referi, — um nadinha maliciosa, querendo aparentar estímulo apenas às minhas atividades em letargo, — para o país japonês, devo confessar que me encontro ainda no período do enlevo e dos feitiços. Não há terra, que eu conheça, — e tantas tenho conhecido! — mais deslumbrante do que esta nos aspetos; não há povo mais interessante do que este, pelo feitio moral, pelos costumes, pela alma artística; não há mulheres mais mimosas do que estas *musumés*; e não há no mundo inteiro gente mais feliz do que esta gente japonesa; é dizer tudo. O que o tempo e a experiência me têm dado a conhecer, é a convicção profunda da incompatibilidade absoluta entre tudo isto e o europeu; o Japão é dos japoneses e só dos japoneses, o europeu, como um pingo de azeite dentro de água; conserva-se aqui sempre isolado, não se assimila ao meio. Porquê? por dissemelhanças irreconciliáveis do sentir, da educação, dos hábitos, por essa invencível barreira que se define em três palavras, a — diferença de raças.

Minha senhora: para poder assim sintetizar-se um sentimento como eu acabo de fazer, para adivinhar o encanto no que nos é vedado, para dizer que é grato o aroma de um ramalhete de flores que nos mostrassem dentro de uma redoma de cristal, não é fácil tarefa; tem de elevar-se a alma a um extremo altruísmo estético, paradoxal até, não por virtude nem ciência, mas derivado de condições tristes da vida, e quando se é já tão pobre em esperanças e desejos, que o indivíduo rasteja como um pária moral, alheio a tudo.

Tal pária, num ponto, num só ponto, é grande como um Deus: vê o mundo do alto, parecem-lhe os homens formigueiros, segue com a vista as formigas nas batalhas, nas labutas, nos cuidados e nos prazeres; em tal estado de desinteresse e independência, custa pouco então apontar com o dedo para a tribo que mais bem dotada parece na partilha das graças, dizer — é esta, o Dai-Nippon.

Deixe-me pois guardar, para guardar alguma coisa, as ilusões deste país... e a sua estima, e esta não é uma ilusão.

1901.

# ISSUMBOSHI

(CONTO JAPONÊS)

A A. A. FERREIRA D'ALMEIDA.

Há mui remotas eras, dois velhos esposos residiam na província de Settsu, em Naniwa, como então se chamava a cidade de Osaka. Eram os dois sozinhos; nunca tiveram filhos, posto que ardentemente os desejassem. Ora, a prole é a grande preocupação da família japonesa; considera-se mesmo incompleta e quase ignominiosa a existência daquele que a não teve, e assim se vê privado de legar o seu nome, e os encargos do culto devido aos ascendentes, ao natural herdeiro de tais honras, restando-lhe apenas o triste expediente da adopção de um filho estranho, que, com a herança do apelido de família, assumia os encargos da suposta primogenitura.

— Um filho... um filho ao menos, fosse ele embora um aleijado, um monstro, uma migalha de gente, com o tamanho de um dedo por estatura... mas um filho!... — tal o tema constante, durante longos anos, das mais gratas esperanças do casal a que me referi. Quando, pelas rugas nos rostos e pela alvura dos cabelos, os bons velhos concluíram que não mais lhes era dado confiar na iniciativa própria, elevaram então o pensamento aos deuses, como dispensadores que são de todos os milagres; encaminhando de preferência a sua devoção para o glorioso Myojin, que é a divindade venerada no célebre templo de Sumyoshi, a curta distância de Naniwa. Quase todas as manhãs eles se dirigiam em piedosa romaria, juntos, cada qual arrimado ao seu bordão, pois já as pernas lhes vergavam ao peso dos invernos; e era então um espetáculo deveras comovente, e supinamente grotesco ao mesmo tempo, que fazia correr lágrimas e estalejar risadas à gente que passava, o daqueles dois decrépitos, cheios de unção e abrasados em fé, erguendo ao céu as pobres mãos escarnadas, e implorando a deus para que lhes desse um filho, fosse ele como fosse, fosse ele uma migalha de gente, do tamanho de um dedo por estatura!...

\*\*\*

Ora, sucedeu que tendo assim decorrido vários anos, o deus de Sumyoshi se apiedou por fim de tantas súplicas dos velhos, e lhes apareceu um dia para lhes proferir estas palavras: — “Faço-vos a vontade, bons caturras, haveis de ter um filho.” — Os dois pularam de contentes, como se pode imaginar; galhofando, batendo palmadas amigáveis nas costas um do outro, voltaram para o albergue. Não tardou muito que a velha sentisse com alvoroço os primeiros remoqueos que prenunciam gravidez; e finalizados nove meses dava à luz uma criança, um



menino...

Cáspite!... Mas reparem agora no ponto mais surpreendente da aventura: o menino, lindo como os amores, tinha a estatura de um boneco, como esses de porcelana que se usa colocar nos jardins liliputianos, contidos num vaso ou numa caixa, muito do agrado da gente japonesa. O espanto dos pais foi grande, e a decepção também; mas em verdade não havia motivo de queixa contra o deus, que concedera o que se lhe rogara, — um filho, com o tamanho de um dedo por estatura. — Era assim.

*Issumboshi* foi o nome que deram ao menino, isto é, traduzindo literalmente em português: o *Cavalheiro Polegada*. As crônicas não rezam se foi amamentado a *biberon*, ou se o mirrado seio maternal entumeceu de súbito e se ofereceu solícito aos lábios do garoto. O que é fato é que *Issumboshi* foi medrando em graças e em esperteza; não porém em tamanho; e quando tinha os seus dez anos era tal como viera a este mundo. Esta gentil disformidade trouxe o enfado ao lar e até um certo azedume mal contido contra as supostas bondades do deus de Sumyoshi. O escárnio era espontâneo nas bocas dos vizinhos; os gaiatos do sítio apraziam-se em zombarias desta ordem: — “Lá está o *anão* comendo arroz! lá vai a *ervilha* passear!” — Enfim, para encurtar razões, direi apenas que chegou um momento em que *Issumboshi* se tornou insuportável a seus pais, vergonha viva do casal, sem préstimo presente, e sem que se lhe supusesse utilidade possível no futuro.

\*\*\*

Certo dia decidiram os velhos, embora lhes pesasse, pô-lo fora de casa, abandoná-lo ao acaso da fortuna. Foi chamado o menino à presença do pai, que lhe expôs os motivos da sua resolução, e lhe apontou de um gesto o caminho da rua. — “Sim, papá, partirei sem demora, retorquiu, resignado e submisso; mas faça-me favor de dar-me antes uma agulha daquelas de que a mamã se serve para coser os seus *kimonos*.” — Perguntou o pai para quê? e foi-lhe respondido que era para usar dela como um sabre, muito proporcionado ao seu tamanho. Depois pediu à mãe uma tigela de madeira, daquelas que se empregam em servir o caldo às refeições, e mais um desses pauzinhos que se chamam *hashi*, com o comprimento de um palmo, substituindo na mesa japonesa o garfo e a colher. Perguntou a mãe para quê? e foi-lhe respondido que, para a longa viagem que ia empreender, a tigela seria o barco, o *hashi* seria o remo, tudo proporcionado ao seu tamanho.

Em posse dos utensílios que alcançara da munificência de seus pais, *Issumboshi* fez-lhes uma rasgada reverência e desapareceu de casa.

\*\*\*

Ei-lo só, o pobre abandonado, entregue ao seu arbítrio, dispondo como haveres de uma tigela, de um palito e de uma agulha, colocando esta à cinta, à laia de catana, com uma palhinha por bainha!... Que fazer? Para onde ir?... Corria cerca o Iodogawa, o extenso rio lodoso e calmo que tem suas origens no famoso lago Biwa, desce a Kyoto, atravessa Naniwa, e vai perder-se no oceano. Que fazer? Para onde ir? — “Ir a Kyoto, pensou consigo o anãozinho, à capital do Império (então não era Tokyo a capital), à residência do Soberano, aonde muitas coisas curiosas deve haver, dignas de ver-se...” — E abalou.

Seria impossível relatar as peripécias da viagem, os mil perigos afrontados por tão exíguo barco, que uma simples casca de laranja, boiando à tona de água, já punha em risco de naufrágio. Issumboshi ia perguntando aos pescadores o caminho para Kyoto; se refrescava o vento, abrigava-se junto da estacaria das pontezinhas que galgavam de uma margem do rio para a outra margem; pelas noites escuras, ou quando a fadiga o afligia, encalhava o seu barco junto à terra, por entre a maranha dos limos e das plantas aquáticas; e foi assim, com mais de trinta dias de derrota, que abordou uma manhã à famosa capital do país do Sol Nascente.

\*\*\*

Ei-lo em terra, bamboleando-se, folgando com o chão firme, com as palestras da turba, com o cheiro das tabernas, como efetivamente sucede aos marinheiros após longos dias de cruzeiro, enfadados de balanço, de isolamento, de carne salgada e de bolacha. Issumboshi, pouco maior que um escaravelho, passava despercebido por entre os muitos passeantes; assim pôde furtar-se a comentários zombeteiros e percorrer tranquilamente as ruas da cidade, embasbacando-se em face dos aspetos grandiosos que aos seus olhitos sagazes se iam oferecendo. Por fim, ei-lo acercando-se da mais suntuosa residência em que os mesmos olhitos jamais tinham pousado; era ali que vivia um grande personagem, o príncipe Sanjo-no-Saishó, primeiro ministro na corte do soberano. Entra Issumboshi resolutamente no amplo pátio da entrada, e informa os serviçais de que pretende falar ao senhor de tal domínio. Deu-se então o cômico incidente de estar sua alteza muito cerca e de acudir, à porta, atraído pela maviosa voz do visitante; como ninguém visse porém, ia de novo recolher-se, resmungando que teria jurado achar-se ali um estranho em conversas com a gente de serviço; mas um derradeiro olhar pesquisador revelou-lhe, quase oculto por detrás dos seus tamancos, que estavam junto à entrada conforme o uso do país, o curioso figurão que conhecemos. — “Oh! exclamou, eras tu, minúsculo vivente que ainda há pouco proferias o meu nome?” — O rapaz, polidamente, assegurou que sim, que era ele

próprio. — “E que me queres então?” — Issumboshi expôs a sua procedência, os seus títulos e as tristes condições em que se via; e concluiu rogando que lhe desse agasalho, e o admitisse ao seu serviço. — “Pois sim, fica conosco, respondeu sua alteza, após ligeira reflexão; tu és sem dúvida, continuou, o homem mais pequeno que tem aparecido neste mundo, e a tua história uma das mais comovedoras que conheço; não quero perder o léu de possuir tamanha galanteria, praticando ao mesmo tempo um ato meritório, protegendo-te.”

\*\*\*

Embora tão ínfimo em grandeza, o *Cavalheiro Polegada* soube mostrar-se utilizável em tudo em que o ocuparam. Dentro em pouco, tornou-se querido da família, o brinquedo, o passatempo predileto para matar enfados, dos quais ninguém se livra, e menos ainda os ricos, sempre ociosos em seus palácios de regalo. Ko-Haru, a filha do fidalgo, a mais gentil donzela de Kyoto (que é a terra das mulheres mais gentis de todo o Império), especialmente lhe votou as suas simpatias, impondo-lhe o dever — dulcíssimo dever! — de acompanhá-la por toda a parte onde ela fosse, qual rato sábio que seguisse a dona em seus passeios...

Entre os dois, a formosa *musumé* e a migalha de gente, passaram-se então graciosas cenas, as mais tocantes que pode imaginar-se, se imagináveis são... Era um enlevo vê-lo, sempre vestidinho de guerreiro, a primor, com roupas de cetim que ela pelos próprios dedos habilidosos lhe bordava, e lhe cosia, privando de carinhos as suas bonecas favoritas; e Issumboshi, muito compenetrado do seu papel de pajem, nunca largando o sabre da cintura, arrogava-se uns tais ares marciais, tão petulantes, que a gente morria de rir, ao avistá-lo!... Se chovia, ou se a excursão se prolongava, Ka-Haru tomava nas mãos alvas de neve o seu pequeno companheiro, aconchegando-o ao colo, ou aquecendo-o ao seio. Issumboshi, é bem de crer, possuía, como todo o ser humano possui, um coração, embora reduzido às proporções de uma cabeça de alfinete, mas pulsando de gratidão e de ternura. Aquela convivência escravizou-lhe a alma. Uma dedicação imensa, uns zelos infinitos, um desejo constante de agradar à sua nobre ama, tais foram os sentimentos dominantes no ânimo do pigmeu. A sua disformidade permitia-lhe delicadezes, que aos outros mortais eram vedadas... (oh, mistério psicológico de todos os namorados deste mundo! quantos de vós, que ledes estas linhas, invejareis a sorte de Issumboshi!...) Quando, pelas noites cálidas de Agosto, Ko-Haru se aprazia em estender-se sobre a relva dos jardins, Issumboshi, vencido também pela fadiga, pousava e adormecia sobre um dos pés nus de sua ama, como em leito de mármore de alvuras resplendentes. Uma vez, caiu dos lábios frescos da donzela uma pétala de magnólia, em que por distração os dentinhos se entretinham mordicando: Issumboshi comeu-a; e durante um dia inteiro não se

serviu de outro alimento, assegurando com verdade que aquele lhe bastava...

\*\*\*

Aconteceu um dia dirigir-se Ko-Haru ao templo de Kiyomizu-no-Kwannon (Kwannon é a deusa budista da piedade), a fim de praticar as suas devoções; como sempre, o anão acompanhava-a. Ora, de volta, quando ambos desciam o último degrau da ampla escadaria que dá acesso ao templo, dois demônios surdiram de improviso das próximas balseiras, horríveis de figura, hercúleos, colossais, cuidando sem detenções de raptar a linda peregrina. Ko-Haru desfaz-se em pranto e quase desfalece. Issumboshi retira a espada da bainha (a agulha que a mãe lhe dera noutros tempos), perfila-se em frente dos demônios e brada-lhes assim: — “Vis temerários, que cometeis a magna ofensa de perturbar em seus passeios piedosos a princesa Sanjó! sabeis que se um de vós, com um só dedo lhe tocar, comigo se há de haver! e, tão certo como ser eu Issumboshi, assim este meu sabre lhe rasgará a entranha!...” — Consta que os diabretes se puseram a rir, arreganhando os dentes; e um dos dois, mais falador, dignou-se responder com uma voz de trovão que fez afugentar das árvores os pardais, em cinco léguas ao redor: — “Acalma a tua fúria, ínfimo inseto; não percebes acaso que a luta contra nós é-te defesa? para encurtar razões e não seres importuno, vais ver o que te faço...” — Levantou-o do solo, mui delicadamente, com as pontas dos dedos, e engoliu-o...

Pareceu a Ko-Haru fugir-lhe a última esperança de salvar-se. Iludia-se. Em plenas trevas, escorregando pela goela babugenta do monstro, e penetrando na enorme rotunda da barriga, o anãozinho empunhou o sabre a duas mãos e foi espicaçando ao acaso, para a frente, para a direita, para a esquerda, o ventre, a fressura, os intestinos; o diabo sentiu-se de repente incomodado, sofreu ânsias atrozes, vomitou o jantar e Issumboshi de novo apareceu à luz do dia. O outro monstro tentou em seguida igual ardil, devorando o pigmeu; desta vez Issumboshi subiu-lhe para o nariz, em cujas fossas sanguíneas e felpudas recomeçou esgrimindo, a ponto de produzir tal comichão, que o diabo espirrou, salvando-se o inimigo pelos ares. Foi então que os demônios se encheram de pavor, convencidos de que tinham em frente de si um ente extraordinário, posto que de tão desprezível aparência; e deitaram a fugir...

Muito bem. Agora o herói cuida de acalmar a desolada dama, convence-a da ausência do perigo e faz-lhe ver que são horas de seguir para o palácio, onde decerto o pai a espera com ansiedade. Ko-Haru vai partir; antes porém testemunha ao pajem a sua muita gratidão, prometendo contar à família o sucedido, para que chovam justas recompensas sobre o seu denodado salvador.

\*\*\*

Partiram com efeito. Eis que, a curta distância, Ko-Haru encontra no caminho um utensílio ali abandonado, o pequenino martelo milagroso de que os demônios e os deuses se utilizam, certamente esquecido pelos monstros na ânsia de safarem-se. Tomou-o pressurosa. Perguntou o companheiro o que era aquilo; e, como ela lhe expusesse que bastava brandi-lo para a gente realizar os seus desejos, e que ele próprio, se algum desejo tinha, lho dissesse, que logo lhe seria satisfeito, Issumboshi berrou, no auge da comoção e da esperança: — “Altura! Altura! Altura” — Ko-Haru não percebeu o que ele queria. Ele então, mais prolixo, explicou que queria a altura de si próprio, crescer em tamanho, tornar-se um homem como todos os homens deste mundo. O milagre, a um gesto da *musumé*, realizou-se. Issumboshi atingiu num momento as regulares proporções de um guapo mocetão; ao lado da princesa, quem se pusesse a ver aquele par, diria-os feitos um para o outro, de encomenda...

\*\*\*

Chegaram ao palácio. A admiração foi grande; mas não sei o que mais comentários mereceu, se as peripécias da princesa, rematadas com tão feliz epílogo, se o milagre do martelo na pessoa de Issumboshi. Logo ali se lhe mudou o nome, para outro nome apropriado; recebeu do seu nobre protetor mil recompensas, mais tarde do soberano mui fartas honrarias, subindo aos mais altos cargos públicos; mas a mais doce recompensa que aqui se lhe pode assinalar foi tornar-se o esposo querido de Ko-Haru, que ele amava, do fundo da alma, desde o primeiro dia que lhe foi dado contemplá-la...

*Kobe, Março de 1902.*

# O PESCADOR URASHIMA

A JOAQUIM COSTA

Viveu em remotos tempos, num lugarejo da costa do Japão, Urashima, um moço pescador. Deste simples, pouco ia tagarelando a vizinhança: — que tinha um coração propenso ao bem, e que em destreza ninguém o igualava, tratando-se de artes de linhas e de anzóis; — nada mais, mas já não era pequeno o elogio.

Ora, um belo dia, saiu ele a pescar, sozinho no seu barco. E que pescou Urashima dessa feita? Oh! a sorte sorria-lhe em tal hora... pescou uma enorme tartaruga, com a casca espessa e dura, a cabecita rugosa, denunciando assim a grande vetustez; é notório que as tartarugas vivem muito; vivem mil anos, no Japão.

Era um opíparo jantar que o acaso oferecia ao pobre pescador, pouco mimoso de acepipes; jantar, ceia e almoço, e mais ainda, fora os lucros que a casca lhe trouxesse; mas o moço pôs-se a cismar na crueldade que ia cometer, roubando assim talvez longos séculos de vida àquele bruto, fadado pela sorte ao gozo da existência, durante gerações e gerações da tribo humana; e lembrou-se da mãe, da santa velha que tantas vezes lhe ensinava a ser caritativo com os brutos indefesos... É certo que as mãos abandonaram a presa, num largo gesto de bondade; e a tartaruga, volvendo à água sem se fazer rogada, lépida mergulhou no azul e se safou das vistas.

\*\*\*

Fazia então tanto calor!... Era um desses dias abrasadores de Agosto, embebidos de paz, de luz, de tórpidos eflúvios. Além, a aldeia quedava-se na sesta, amodorrava, jazia em aniquilamento absoluto; apenas, sobre as árvores, cantavam as cigarras, doidas de cio, estonteadas... Interrompera-se nos campos a faina da lavoura; nas choças escancaradas, patenteavam-se os corpos nus, estendidos em repouso, adormecidos, banhados em suor. E Urashima, no seu barco, vencido também pelos ardores daquela hora, largou das mãos os remos e as linhas, encostou-se à bancada e adormeceu.

No entretanto, eis que surge das águas um vulto feminino, encantador. O episódio, que a tradição do povo foi retendo até aos nossos dias, pode agora reconstituir-se em pensamento. Sobre o convés do esquife, pousa esse vulto, essa fada adorável de feitiços, envolta em roupas carmesins, solto o cabelo às brisas e coroada a fronte com o diadema de ouro, que é apanágio das princesas; estende o braço de neve para o adormecido, toca-lhe na fronte com as pontas dos dedos delicados, e

diz-lhe de manso estas palavras: — “Acorda, Urashima, escuta-me; eu vou contar-te quem eu sou; sou a filha do deus do oceano imenso, habito com meu pai o palácio do dragão, no seio das ondas; a tartaruga, que ainda há pouco colheste e restituíste à liberdade, era eu própria; meu pai impôs-me um tal disfarce, para que assim pudesse estudar-te bem os sentimentos; por sua ordem e meu aprazimento pessoal, serei a tua esposa, se me queres; mil anos viveremos sempre juntos, sempre jovens, sempre felizes, no palácio do dragão, sob o azul das águas...”

\*\*\*

Lá seguem os dois pelo mar fora. Urashima empunha a esparrela da popa, maneja-a com denodo, dá-lhe — pudera não! — forças hercúleas a ânsia de chegar; a princesa pousa no outro remo as mãos franzinas, e vai sorrindo ao companheiro. E vão remando, e vão remando, sem que a fadiga os aquebrante, até que finalmente o barco alcança o porto desejado, e já de longe o palácio se desenha, em arcarias, em grimpas, em mirantes recortados.

Que encanto! que prodígio! nem mesmo a fantasia ousara imaginar tantos primores!... As paredes do palácio são de renda de coral; as árvores do jardim têm por folhas, esmeraldas, e frutificam em pérolas e rubis; as escamas dos peixes são de prata, os olhos de diamantes, as caudas dos dragões, de ouro lavrado...

Então, toda a bicharia do oceano acode à praia, vestindo *kimonos* de cerimônia, e vem saudar os noivos viajantes. Após os cumprimentos e os discursos laudatórios que prescreve a etiqueta em casos tais, a princesa, seguida do cortejo, entra em palácio; gorazes e toninhas seguram-lhe a cauda do vestido; pousa nas fofas esteiras, de uma meticulosa limpeza indescritível, as plantas alvas dos seus pezinhos deliciosos; descansa num salão que mais lhe apraz, pela delícia dos adornos e pela paisagem que se avista, e a seu lado oferece um lugar ao companheiro. As tartarugas, os peixes, as lagostas, os dragões, a turba enfim dos escravos jubilosos, corre a prostrar-se em frente da princesa; e de joelhos, barbatanas erguidas em ofertório, começa servindo em taças preciosas o branco arroz cozido, os licores, os frutos, os manjares.

Urashima extasia-se diante do que é seu, bem seu, pois que é de sua esposa. Durante três anos assim vivem, sempre juntos, sempre felizes, sem enfados, sem nuvens de tristeza no céu dos seus amores; ora na paz da esteira, no enlevo das mãos que se entrelaçam, dos olhos úmidos que se fitam, das palavras em segredo que se trocam, das almas enamoradas que se dão; ora perscrutando os mistérios do oceano, em excursões pachorrentas pelas florestas das algas viajantes, por onde a vida aquática, de plantas, de animais, se multiplica em maravilhas que a ninguém é dado conhecer; ora em longos passeios pelos jardins, onde as árvores não cessam

de vestir-se de ramos de esmeraldas, vergando ao pendor das pérolas e rubis.

\*\*\*

Três anos decorridos. Um dia porém Urashima acerca-se da esposa e diz-lhe pouco mais ou menos o seguinte: — que a adora e se sente ditoso, mas cresce-lhe o desejo de ir ver a sua aldeia, o velho pai, a doce mãe, os irmãos, os antigos companheiros de trabalho; e promete voltar após curta visita. — Então, pela primeira vez sem dúvida, uma ligeira nuvem de tristeza, um vago pressentimento angustioso, turvaram o olhar sereno da princesa. — “Vai, diz-lhe; vai, Urashima, porque assim o desejas, embora bem me pese, pois imagino que vais expor-te a grandes riscos; leva contigo este pequeno cofre, que alguma coisa contém que te pertence; sirva-te ele de lembrança de quem muito te quer; mas nunca o abrirás, pois se o fizesses, estarias perdido, e nunca mais voltarias a esta mansão do nosso amor...”

E partiu, e abordou o solo pátrio...

\*\*\*

O que quer que era de bem estranho se passara durante a ausência de Urashima. Aonde estava a sua aldeia? aonde se erguia a cabana de seus pais? A mesma praia loira, os mesmos penedos carcomidos, os mesmos cerros sobrepondo-se, ali lhe apareciam, bem tais como os deixara, na fria impassibilidade das coisas imutáveis; mas os povoados ofereciam outro aspeto, os campos outro amanhã; mas as árvores, que lhe haviam dado abrigo e sombra, e de que tão bem se recordava, erguiam apenas troncos secos, algumas, porque outras já nem mesmo existiam, e outras árvores medravam noutros sítios, projetando outras sombras, frutificando em outros frutos. Aonde fora a sua aldeia, surgia agora um pinheiral. Reconheceu o mesmo arroio, que serpeava junto ao lar; e ainda agora a água cristalina ia correndo, e sussurrante, como dantes; mas agora deserto, faltando o grupo galhofeiro das *musumés* que tinham por costume ir ali lavar a roupa, entre elas as suas três irmãs, *kimonos* arregaçados, pernas nuas, braços nus, lidando, palestrando e rindo umas com as outras.

Ao longo do areal iam então seguindo dois sujeitos. Urashima alcança-os e interpela-os: — “Bons dias; fazem favor de me dizer onde é agora a casa da família de Urashima?” — Pensaram, consultaram-se, coçaram a cabeça, buscando recordar-se. — “Urashima, Urashima... Urashima, o pescador? tem graça tal pergunta: há já quatrocentos anos pelo menos, como contam, se afogou ele quando pescava no seu barco, pois nunca mais apareceu; o seu pai, a sua mãe, os seus irmãos, os filhos dos seus irmãos, dormem todos além no cemitério, há muito



tempo; a cabana que procura, apodreceu antes de nossos avós serem nascidos, nem o pó dela sequer existe por aqui...”

Então, como um relâmpago que acode subitamente pela noite, a iluminar a estrada, uma ideia acudiu de súbito ao pensamento de Urashima, a alumiar-lhe o espírito. Ele ali estava, volvido à pátria, pousando os pés descalços no areal da sua querida aldeia, relanceando as curvas da paisagem em que por tantos anos a vista se pousara, e a recordação lhe gravara para sempre na memória. O palácio do deus do mar, no abismo das ondas, com as suas paredes de renda de coral, com os seus pomares de folhas de esmeraldas e frutos de pérolas e rubis, e os seus peixes de escamas prateadas e olhos de brilhantes, e os seus dragões de caudas de ouro fino, não pertencia à terra, era do mundo dos prodígios, regia-se pelas leis do encantamento; um dia, dos seus dias, valia por muitos anos, dos nossos anos; e assim, sem que Urashima o supusesse, séculos sobre séculos haviam passado sobre a terra, matando, destruindo, transformando, arrastando as coisas e os indivíduos à fatalidade dos destinos, ao aniquilamento, ao pó, ao nada, surgindo das ruínas outros aspetos e outros seres...

\*\*\*

O antigo pescador sentiu o calafrio da sua soledade; e o disparate anacrônico da situação em que se via, incutiu-lhe no ânimo não sei que horrível opressão de angústia e de pavor. Pátria? sim, a mesma areia inerte e os mesmos monstros de granito; mais nada. Aldeia, amigos, aspetos familiares da sua mocidade, nada havia; outras aldeias, outros aspetos, outra gente, e para esta o nome de Urashima entrava já na lenda. Em nada o cativava aquela terra. O anseio de fugir, de volver ao esplendor do seu palácio, acudiu-lhe então, dominador; e a imagem das mil graças da princesa multiplicava-lhe o desejo de abandonar para sempre o solo onde nascera. Lançou um olhar de adeus ao cemitério, esse no mesmo pouso ainda, mas mais vasto e mais povoado de fregueses; e ia partir, deixar em paz a aldeia morta...

Antes porém lembrou-se de abrir o cofre que recebera da princesa. Por quê? Talvez leviandade, talvez mofino sestro, que tantas vezes guia o homem a seguir pelo caminho proibido... Do cofre aberto, que continha nada menos do que a essência dos longos anos corridos, e ao mesmo tempo descontados na existência de Urashima, escapou-se e pairou no espaço uma ligeira nuvem esbranquiçada. Chamado à razão, ao sentimento da desobediência em que incorrera, e ao medo de um desastre, Urashima correu sobre essa nuvem, desvairado, e bradou-lhe que parasse. Era tarde. De pronto, as próprias forças lhe faltaram, e a voz se lhe extinguiu; a nuvem envolvia-o; a nuvem transportava-o ao seu justo lugar nas

páginas do tempo, fazia-o galgar de um pulo a grande barreira que o afastava dos seus contemporâneos; as leis da terra tinham pressa em corrigir erro tamanho...  
Repentinamente, os cabelos, a barba, branquejaram como linho, sulcou-se o rosto em rugas, estalou a pele do corpo, os ossos romperam para fora, as costas dobraram-se num arco, viu-se como um macróbio não sei quantas vezes secular, como um esqueleto em férias, fugido do sepulcro, faltou-lhe o ar, faltou-lhe a luz, morreu, caiu, desfez-se em pó, desfez-se em nada...

*1900.*

## BIOGRAFIA

Venceslau de Moraes nasceu em Lisboa, em 30 de Maio de 1854. Faleceu na cidade de Tokushima, no Japão, no dia 1 de Julho de 1929.

Era filho de Venceslau de Moraes e de sua mulher Maria Amélia de Figueiredo. Oficial da Marinha, completou o curso Escola Naval em 1875, tendo prestado serviço em Moçambique, Macau, Timor Português e no Japão.

Após ter frequentado a Escola Naval serviu a bordo de diversos navios da Marinha de Guerra Portuguesa. Em 1885 viaja pela primeira vez até Macau, onde se estabelece. Foi imediato da capitania do Porto de Macau e professor do Liceu de Macau desde a sua fundação em 1894. Durante a sua estadia em Macau casou com Vong-lo-Chan (Atchan), mulher chinesa de quem teve dois filhos, e estabeleceu laços de amizade com Camilo Pessanha.

Entretanto, em 1889, viajara até ao Japão, país que o encanta, e onde regressará várias vezes nos anos que se seguem no exercício das suas funções. Em 1897 visita o Japão, na companhia do Governador de Macau, sendo recebido pelo Imperador Meiji. No ano seguinte abandona Atchan e os seus dois filhos, e muda-se definitivamente para o Japão, como cônsul em Kobe.

Aí a sua vida é marcada pela sua atividade literária e jornalística, pelas suas relações amorosas com duas japonesas (Ó-Yoné Fukumoto e Ko-Haru) e pela sua crescente "japonização".

Durante os trinta anos que se seguiram Venceslau de Moraes tornou-se a grande fonte de informação portuguesa sobre o Oriente, partilhando as suas experiências íntimas do quotidiano japonês com os seus leitores Portugueses, numa atividade paralela à de Lafcádio Hearn, o grande divulgador da cultura nipônica no mundo anglo-saxão, de quem foi contemporâneo.

Amargurado com a morte, por doença, de Ó-Yoné, Venceslau de Moraes renunciou ao seu cargo consular em 1913 quando já era graduado em Tenente-coronel/Capitão de fragata, mudou-se para Tokushima, terra natal daquela. Aí viveu com Ko-Haru, sobrinha de Ó-Yoné, que viria também a falecer por doença.

Aí o seu quotidiano tornou-se crescentemente idêntico ao dos japoneses, embora tendo como pano de fundo uma crescente hostilidade destes. Cada vez mais solitário, e com a saúde minada, Venceslau de Moraes viria a falecer em Tokushima, em 1 de Julho de 1929.

Venceslau de Moraes foi autor de vários livros sobre assuntos ligados ao Oriente, em especial o Japão. Também se encontra colaboração literária da sua autoria no semanário *Branco e Negro* (1896-1898) e nas revistas *Brasil-Portugal* (1899-1914) e *Serões* (1901-1911).

*Wikipédia*  
*Setembro, 2015.*